

# **Compilação de ensinamentos de Lama Padma Samten sobre o método da Mandala**

*As mandalas não são simplesmente o lugar onde vamos fazer as coisas.*

*São o lugar onde treinamos nossa mente, nossa energia, nosso foco, nossas relações.*

— Lama Padma Samten



# Índice

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. Palestra “Projeto Terra Pura: Gestão por Mandalas”   Abertura do 1º Encontro de Formação em Auto-Organização   CEBB CM, abril de 2017 .....</b> | <b>4</b>  |
| 1.1. Visão .....  | 5         |
| 1.2. Como convergir? .....  | 6         |
| 1.3. Sabedoria Primordial .....   | 6         |
| 1.4. Como surge a mandala? .....  | 9         |
| 1.5. Inteligência de grupo .....  | 10        |
| 1.6. Etapa dos sonhos .....   | 12        |
| 1.7. Diferença entre Mandala e Estrutura Piramidal .....  | 12        |
| 1.8. Terras Puras .....   | 13        |
| 1.9. Quando ocorre a falha de motivação? .....  | 14        |
| 1.10. Perguntas .....   | 16        |
| <b>2. Retiro sobre Mandalas   CEBB Alto Paraíso, setembro de 2015.....</b>  | <b>22</b> |
| 2.1. Mandala de Chenrezig.....  | 23        |
| 2.2. Mandala de Prajnaparamita.....   | 23        |
| 2.3. Mandala e a sanga.....   | 23        |
| 2.4. Inteligência não pessoal .....   | 24        |
| 2.5. Regentes, guardiões e protetores das mandalas .....  | 25        |
| <b>3. Retiro “Ação no mundo como caminho de lucidez”   CEBB CM, Abril de 2015.....</b>  | <b>28</b> |
| 3.1. Sanga: o aspecto coletivo do caminho .....   | 28        |
| 3.2. Ação no mundo .....  | 28        |
| 3.3. Carma e liberdade .....  | 30        |
| 3.4. A arte como meio hábil .....   | 31        |
| 3.5. O nível da energia .....   | 31        |
| 3.6. Conversas apreciativas como meio hábil .....   | 33        |
| 3.7. Auto-organização .....   | 33        |
| 3.8. Convergência em grupo .....  | 34        |
| 3.9. A experiência no Castelinho .....  | 35        |
| 3.10. Visão de Terra Pura .....   | 37        |

|  |           |
|--|-----------|
| 3.11. Visão piramidal.....   | 39        |
| 3.12. Purificação na sanga: o pilão e o arroz.....                         | 40        |
| 3.13. Costura um a um .....  | 42        |
| 3.14. Perguntas .....  | 42        |
| 3.14.1. O mobilizador da mandala .....                                     | 43        |
| 3.14.3. Intenção Iluminada de Guru Rinpoche.....                           | 47        |
| 3.14.4. Terra Pura e a conexão com o reino humano .....                    | 49        |
| <b>4. Reunião sobre Mandalas   CEBB Florianópolis, junho de 2013 .....</b> | <b>51</b> |
| 4.1. As relações dentro das mandalas.....                                  | 52        |
| 4.2. O exemplo da mandala da saúde .....                                   | 53        |
| 4.3. Continuidade das mandalas .....                                       | 56        |
| 4.4. Vocação dos CEBBs rurais .....  | 56        |
| 4.5. O exemplo da mandala de eventos.....                                  | 57        |
| 4.6. CEBBs rurais X CEBBs urbanos.....                                     | 58        |
| 4.7. Resumo em tópicos.....  | 59        |

## **1. Palestra “Projeto Terra Pura: Gestão por Mandalas” | Abertura do 1º Encontro de Formação em Auto-Organização | CEBB Caminho do Meio, abril de 2017**

Esse tema não é muito comum e eu vou explicar para vocês por quê. De modo geral, nós seguimos o caminho e o caminho é sempre em primeira pessoa: “eu” vou seguindo, “eu” vou purificando, “eu” vou meditando. É sempre alguma coisa assim. Não há um formato coletivo do caminho. Ou seja, como que nós tomamos decisões, praticamos, avançamos e nos movimentamos? De modo geral, não tem isso. Tem o caminho individual. A pessoa faz retiro sozinha, a pessoa vai avançando, vai estudando, meditando e vai resolvendo as coisas olhando para dentro.

A Mandala já introduz um outro elemento, o elemento interno e externo. Introduz uma outra demanda. Essa demanda surge, inevitavelmente, associada à noção da *Terra Pura*. Ela surge com uma pergunta: quando que as pessoas convergem e quando que elas divergem? Como é que nós podemos convergir em direção à uma visão mais elevada? Como que a gente faz para convergir? Essa que é a questão.

De modo geral, dentro do mundo onde a gente se movimenta, essas questões são tratadas através de regras – a gente estabelece regras – e também por gestões piramidais, que é o processo mais usual. Ou seja, quem tem mais experiência vai decidindo, tem uma distribuição de poderes de decisão. Então, as pessoas vão chegando podendo decidir menos e, com o tempo, decidem mais. No fim, alguém decide mais ainda. É uma coisa assim.

Esse ponto é interessante. Seria a gestão piramidal. Gestão piramidal tem vários problemas, como por exemplo, o surgimento de visões sectárias. Isso produz uma vastidão de obstáculos, mas, aparentemente, a gente não sabe como resolver isso. Então, sempre que nós estamos nos defrontando com problemas, a gente busca substituir o topo da pirâmide e encontrar uma outra árvore de tomadas de decisão, a partir um de outro processo desse tipo.

Mas nesse ponto vem essa pergunta de novo: como que as pessoas, enfim, convergem na sua visão? Como é possível fazer isso? Seria possível as pessoas convergirem numa direção elevada? Como que a gente pode promover esse movimento? Essa questão é que vai conduzir à noção da gestão por mandalas. É assim que a gente vai substituir o “mandá-las” por “mandalas”. É parecido!

Nós vemos como estamos enraizados carmicamente no processo de “mandá-las”. Quando os portugueses chegaram no Brasil, eles perguntaram para os nativos como que eles elegiam o chefe. Depois o Lévi-Strauss também, quando esteve na Universidade de São Paulo, teve essa oportunidade, convivendo com os nativos, e perguntou como que eles elegiam os chefes. Eles decidiam que o chefe era aquele que ia na frente na guerra.

Isso é diferente do processo piramidal. No processo piramidal, o topo da pirâmide nunca vai para a guerra. Ele manda todo o resto para guerra, mas ele é o último a entrar naquilo. Ele está lá, disparando as ordens, através de árvores de decisões, mas ele está fora.

Um outro ponto interessante que eles observaram é que não tinha uma estrutura de poder, ou seja, não tinha marechal, general, etc. Não tinha uma estrutura entre os nativos. Os nativos eram voluntários. Eles iam ou não iam. O que pode levar um conjunto de pessoas a uma certa direção, a decidirem por se mover numa certa direção, sendo que eles são livres? Como que eles convergem e chegam à essa visão?

Na perspectiva budista, isso se coloca também através de Guru Ioga. Por quê? Porque há, geração após geração, a transmissão da mente do Buda. Então, como é que é essa transmissão? Quando nós olhamos pela perspectiva piramidal é assim: o Buda era o topo da pirâmide, agora ele elegeu um outro topo da pirâmide. Aquilo é mais ou menos uma designação. Alguém recebe um bastão e ele tem aquela função. Isso está mais para patriarca e menos para Buda. Aqueles que têm que cuidar das coisas terrenas, das decisões causais terminam surgindo como patriarcas. Mas a transmissão da visão do Buda é um ponto interessante. A transmissão da visão! Como é que essa visão pode ser transmitida?

### 1.1. Visão

Para nós, de modo geral, na cultura onde nós estamos imersos, a visão é transmitida pelo saber. Nós estudamos. Estudando, nós sabemos. Sabendo, enfim, não precisamos nem do nome “visão”, a gente sabe e toma decisões a partir do saber. Na perspectiva budista, aquilo se trata de “visão” mesmo. Porque é assim: a gente começa a estudar o samsara, começa a estudar o “véu de Maya” - para retomar a linguagem pré-budista da Índia, essa noção de que tem alguma coisa que se apresenta diante de nós e nós vemos aquilo e nos enganamos. Então, a palavra é “visão” mesmo.

Por exemplo, nós estamos aqui dentro do templo, a gente vê o templo. Se nós estivéssemos no reino dos deuses, isso aqui seria um palácio celestial. Se nós estivéssemos no reino dos semideuses, isso aqui seria um quartel. Se nós estivéssemos no reino humano, isso aqui seria uma casa. Se nós estivéssemos no reino dos animais, isso aqui seria um abrigo. Se nós estivéssemos no reino dos seres famintos, nós olharíamos o templo e teríamos carências. Se nós estivéssemos no reino dos infernos, isso seria uma prisão, um local de tortura, etc. É fácil a gente mudar a visão e, de acordo com a circunstância, essas várias visões aparecem para um mesmo lugar. Portanto, a palavra é “visão”.

Essa palavra “visão” remete à seguinte questão: a partir de onde nós olhamos? Isso não é uma questão geográfica, mas é uma questão interna. A partir de que lugar nós olhamos? Se nós olhamos desde o reino dos deuses, que não é uma questão geográfica, a gente vê uma certa coisa. A partir de cada reino, nós vamos ver alguma coisa. Naturalmente a gente se dá conta que a mente não se engana. O que a mente pode se enganar é só detalhe. Não tem muita importância. Logo ela se recupera.

O engano da mente é *avidya*, é a ignorância. É o fato de que nós olhamos segundo perspectivas específicas. Por exemplo, se nós olhamos a partir do reino dos deuses, a gente nunca vai compatibilizar o que nós vemos com quem está olhando a partir do reino dos infernos, por exemplo. A gente vai discutir isso. As diferentes pessoas, olhando a partir de lugares diferentes, veem coisas diferentes. Mas observem que as visões de muitos diferentes mestres, com diferentes ensinamentos, em diferentes partes do mundo, convergem. Elas convergem, não porque eles tenham feito um pacto ou eles tenham se encontrado em algum lugar e combinado o que eles diriam. Eventualmente, eles falam palavras diferentes, em línguas diferentes. Eventualmente, eles explicam através de conceitos e exemplos diferentes, mas quando vocês vão examinar, eles estão apontando a mesma direção. Então, existe uma convergência. Essa convergência vem do nível de realização. A realização, essencialmente, é o lugar de onde a pessoa olha e não o saber dela. O saber é uma coisa importante, mas nós transformamos o saber num lugar, a partir de onde nós olhamos as coisas, através da nossa

própria prática. O saber não nos salva propriamente, porque a gente pode saber, mas esse saber, enquanto não se transforma num lugar a partir do qual nós olhamos, não existe de fato.

Chagdud Rinpoche usava essa noção de que o saber é como um remendo, ou como um curativo sobre uma ferida, ou como um remendo na roupa: ele termina caindo. Ele não resiste. Ele não é a roupa, ele é um remendo. O saber eventualmente substitui coisas que nós faríamos, porque a gente tem uma artificialidade. A gente cria uma artificialidade. Essa artificialidade pode ter méritos, pode ser uma boa artificialidade. Vocês já devem ter percebido, por exemplo, a gente entende muitas coisas e muda nosso comportamento. Mas o nosso comportamento pode mudar de modo teórico, assim como um remendo. Dependendo das circunstâncias, dependendo do estresse, o remendo cai e o monstro reaparece. A gente até se surpreende, porque, essencialmente, começamos a olhar desde um lugar. A realidade toda brotando desde um certo lugar cria confusão.

### **1.2. Como convergir?**

Então, nós percebemos como que as pessoas convergem mesmo em lugares dentro do Samsara. Por exemplo, como que as pessoas convergem dentro de um estádio de futebol? Mesmo que aquilo não tenha uma grande realidade. Como que isso faz sentido? Como que essa linguagem pode eventualmente fazer sentido? Esse é um ponto interessante. Como que, num estádio de futebol – com trinta ou vinte mil pessoas – as pessoas todas podem convergir para alguma coisa? Por exemplo, de repente, elas saem do estádio e começam a agredir uns aos outros. Como é que eles tomam essas decisões e se movem dentro dos infernos, literalmente? Como que aquilo aparece? A gente vê que essa concordância, essa união que pode surgir, ninguém sentou e combinou “agora nós vamos fazer uma coisa terrível”. Não. Aquilo começa a acontecer. Se vocês olharem os cachorros aqui no CEBB, um sai correndo e todos saem correndo atrás. Como é que essas decisões acontecem? Como é que isso se move? Essa é uma questão.

### **1.3. Sabedoria Primordial**

Na perspectiva budista, a gente vai estudando o lugar a partir do qual nós olhamos. Quando a gente olha, por exemplo, o Prajnaparamita, a gente vai aprender a olhar desde um ponto não construído. A gente vai indo em direção a um ponto não construído. Super importante entender que a realidade, como ela surge na nossa visão, vai se purificando na medida em que nós vamos avançando e passamos a olhar a partir de lugares com menos construções. Até o ponto onde nós vamos olhar desde um lugar que não tem predisposições. Esse lugar que não tem predisposições gera aquilo que nós vamos chamar de *sabedoria primordial*. É um lugar a partir do qual nós podemos olhar as circunstâncias e ver que ela [a sabedoria primordial] surge aos olhos dos outros segundo uma certa característica que eles tomam por base, a partir da qual eles olham. Nesse ponto surge a sabedoria do espelho.

Todas as coisas - o Buda explicava isso também - remetem a uma outra coisa. Isso nos conecta com a origem dependente. A gente vê que o templo surge para o praticante. Há o praticante com uma aspiração que cria um laço e dá origem ao significado do templo. As

deidades, as pinturas, todas elas são um laço de alguma coisa que produz o significado daquilo. E tudo aquilo move uma energia. A realidade toda, samsara e nirvana, funciona desse modo.

Nós então retornamos: como que a gente pode convergir? Nós vamos convergir na medida em que nós vamos olhando a partir desse ponto não condicionado. Todos os mestres vão convergir. Isso é como se fosse uma explicação final, o aspecto secreto do bloco 1: muitas diferentes tradições terminam convergindo. Elas convergem por quê? Porque, enfim, na medida em que a artificialidade das próprias tradições vai sendo removida, a visão das pessoas, mesmo através das diferentes tradições, vai chegando ao ponto de uma visão primordial, livre de pressupostos e assim elas conseguem entender a multiplicidade das visões e como que as múltiplas religiões e tradições espirituais podem surgir. Elas entendem também não só as tradições espirituais, mas entendem o samsara, como que ele surge e se estabelece. É a mesma coisa: construção das realidades, não importa qual seja a realidade, é uma construção de fato. Ela surge pela originação dependente. Nós vamos entendendo aquilo que é chamado de *tatata*, ou seja, o aspecto dual - o aspecto primordial e o aspecto aparente das realidades como não separados. As coisas, o surgimento das coisas, o surgimento condicionado das coisas não tem nenhum problema. Ele, na verdade, é o surgimento, é a lucidez primordial, é a sabedoria primordial se manifestando desde uma base construída. A gente vê que a sabedoria primordial, a luminosidade da mente pode produzir a visão do Dharma totalmente livre de qualquer propósito causal, mas ao mesmo tempo, se eu utilizar aspectos condicionados, aparecem realidades particulares. Vão surgindo diversidades, infinitas realidades particulares. Quando nós olhamos aqui em volta, a gente vê as plantas, os animais, os insetos, as formigas, as abelhas, os pássaros, as bactérias. Todos eles têm realidades específicas, operam, têm uma causalidade dentro e aquilo funciona. Mas as realidades não são bem compreendidas. Uns, dentro da sua própria perspectiva, não conseguem entender muito bem o outro, mas de qualquer maneira eles têm uma interação. Então, na medida em que isso ocorre, a gente vê a multiplicidade dos lugares onde a mente pode se posicionar e gerar realidades e essas realidades se manterem. A biosfera é um jardim disso. Jardim da diversidade da operação da mente primordial, se combinando, se entrelaçando em várias direções.

Mas, de novo, nós voltamos ao ponto, como que a gente pode fazer convergir? Esse ponto da convergência vem, num sentido absoluto, pelo lugar final. O lugar final é o lugar sem pressupostos, sem construções artificiais. Nós podemos relaxar. A gente pode acalmar. Tudo converge para esse ponto. Se nós somos praticantes e vamos andando e liberando os condicionantes progressivamente, nós, inevitavelmente, nos dirigimos para esse ponto. Se a gente simplesmente adotar essa postura de repousar em silêncio como método a partir do qual nós avançamos, a gente termina convergindo para isso. Assim, a gente não precisa se afligir muito. Se as pessoas não estão indo muito bem ou não têm um comportamento muito perfeito, com o tempo, se elas são praticantes nesse sentido de acalmar, estabilizar a energia, treinar um olhar lúcido, elas avançam.

Agora a questão é assim: como é que a gente opera dentro de um sistema totalmente aberto, onde a gente não precisa, propriamente, ter praticantes com visão elevada, sabendo do lugar a partir do qual eles estão olhando? Como é que a gente faz isso convergir?

Se nós estamos dentro de um círculo virtuoso, isso vai acontecer. A gente também teria que definir o que seria um círculo virtuoso. Um círculo virtuoso é capaz de acolher as pessoas, de conduzi-las e produzir benefícios. Um círculo virtuoso é capaz de acolher mesmo as pessoas

que não têm muita experiência ou que, eventualmente, não têm nem boa vontade, elas têm uma vontade média ou média inferior.

A base essencial para isso é Cherenzig. Por exemplo, a base de Cherenzig, na perspectiva condicionada, é os Doze Elos da Originação Dependente. Todos os seres têm essa característica que é filtrar tudo com olhos, ouvidos, nariz, língua e tato, Sexto Elo, *Spasha*. Disso eles manifestam o Sétimo Elo que é *Vedana*: eles gostam ou não gostam. Todos os seres, se estão presos dentro dessa visão comum, têm o elo seguinte, Oitavo Elo, desejo e apego, *Trishna*, ou seja, eles querem o que parece bom – já digo “parece”, não o que seja bom – e querem escapar do que parece problema. Por exemplo, lavar roupa, lavar louça, enfim, dos trabalhos em geral eles fogem. Encontrar coisas prontas eles gostam! De modo geral, os seres têm essa característica.

Então, o que acontece? Sua Santidade o XIV Dalai Lama, emanção de Cherenzig, pega isso e transforma isso numa coisa elevada. Ele diz “todos os seres aspiram à felicidade e aspiram se livrar do sofrimento”. Fica super bonito. A pessoa diz, “Pois, é! Não é que é!? Enfim, eu quero a felicidade, o outro também quer, e o outro também. Ele quer se livrar do sofrimento, eu também quero, o outro também quer, e outro também. É mesmo!” Vem Cherenzig, vem o Dalai Lama e apresenta isso como uma grande qualidade fundadora da humanidade. A humanidade é isso. Todos nós aspiramos à felicidade e aspiramos nos livrar do sofrimento. Não só isso, mas os seres todos da biosfera, todos os seres, em todas as direções, aspiram à felicidade e aspiram se livrar do sofrimento. Se nós entendermos esse ponto, isso é uma boa coisa. Isso é o processo fundador das mandalas. Como a gente tem o *samsara*, tem os Doze Elos, tem desejo, apego e *vedana*, não falta nada. Para as mandalas, aquilo já funciona. Só que a gente precisaria ter essa consciência fundadora: nós queremos felicidade, queremos nos livrar do sofrimento. Quando a gente se coloca assim, nós já estamos dentro de uma visão coletiva. Isso já faz uma diferença, porque nós poderíamos dizer “Eu quero a felicidade e quero me livrar do sofrimento”, e eu olho em volta aqui e se isso der problema pra eles, isso é um outro assunto. Mas aqui a gente está dizendo “Nós queremos a felicidade, nós queremos nos livrar do sofrimento”. Isso é super bonito, porque a gente, repentinamente, se vê como um grupo. Surge uma inteligência. Se a gente conseguir estabelecer essa inteligência, aquilo já começa a andar e desse momento pode surgir a noção de Terra Pura. Porque a Terra Pura é o lugar que vai aparecendo na medida em que nós vamos nos movendo dentro dessa perspectiva de que nós aspiramos à felicidade e aspiramos nos livrar do sofrimento.

Eventualmente, a gente começa a olhar de uma forma muito estreita: “eu quero a felicidade” e é uma coisa quase individual, eu vou tratando das minhas coisas. Mas a gente pode começar a olhar espacialmente, incluindo os outros e pode olhar temporalmente também. Olhando para trás, no presente e adiante. A gente entende a causalidade. Assim, nós queremos a felicidade, queremos nos livrar do sofrimento, não agora apenas, nós queremos olhar isso de uma forma mais ampla. Algumas pessoas naturalmente estendem a sua visão e esse ‘nós’ inclui as gerações futuras. Aquilo fica bonito. A gente vê pessoas que manifestam isso no coração, de fato. Eu encontrei várias pessoas assim, pessoas simples: elas se alegravam porque uma planta que elas plantaram nasceu no lugar certo, perto de um curso d’água e vai dar uma palmeira maravilhosa. As pessoas que plantaram não vão ver os frutos, mas aquela planta vai produzir os frutos, vai produzir as sementes e vai se multiplicar. E as pessoas se alegram hoje porque ela tem uma visão adiante no tempo. Isso é super bonito.

Mas muitas pessoas têm um sentido curto no tempo. Se diz que a consciência ambiental vem especialmente quando a gente tem essa visão, quando a gente olha esse aspecto que vai além



do aspecto humano propriamente, a gente é capaz de olhar os outros seres todos num tempo para trás, num tempo para frente, numa geografia ampla, assim surge a consciência ambiental. As pessoas não têm a consciência ambiental quando elas não estão com esse olhar. Elas não veem a multiplicidade dos seres, elas estão autocentradas, elas estão geograficamente e temporalmente estreitas, assim a consciência ambiental some. Não é que falte neurônios na pessoa, os neurônios estão todos lá. Não é uma questão cerebral, é uma questão de software.

Esse é um ponto que às vezes me cansa um pouco, quando a gente começa a estudar que “a mente é o cérebro”. Se você amplia a visão, a pessoa repentinamente vê tudo, sem alterar o “Tico e o Teco”, ou seja, nos neurônios, não muda nada, mas o *software* muda. A mente é o *software*. O *software* é o que importa. A gente imaginar que isso seria uma questão de *hardware* fica complicado. Não é uma questão de *hardware*, é uma questão de *software*. A gente pode entender como esse *software* está operando: mais amplo espacialmente, mais amplo temporalmente, para frente e para trás, com menos condicionantes. Isso significa que nós estamos avançando no caminho espiritual. Isso pode ser um critério fundador de um referencial para uma escola, por exemplo. Nós estamos avançando assim: que as pessoas sejam capazes de operar a partir de menos condicionantes, olhar no tempo, olhar no espaço de uma forma mais ampla, que elas sejam capazes de entender a situação dos outros seres, não apenas dos seres humanos, mas os seres em vários níveis. Esse é um bom critério. Mas nós ainda estamos vendo uma pessoa. A gente ainda não está olhando a mandala.

#### 1.4. Como surge a mandala?

A mandala surge quando as pessoas, enfim, vão olhar a partir de um lugar. Eu acredito que deve haver vários métodos, mas os métodos que a gente tem usado são processos fundadores da própria mandala. Por exemplo, como é que vai surgir a mandala gestora de um CEBB em algum lugar? Se as pessoas viram o Dharma funcionando com elas, viram que meditação ajuda, viram que o estudo ajuda, viram que a compreensão das Quatro Nobres Verdades, do Nobre Caminho de Oito Passos, das Quatro Qualidades Incomensuráveis, das Seis Perfeições, das Cinco Sabedorias, das Quatro Formas de Ação, da meditação, da estabilização da energia, etc., funciona, se elas entenderam um pouco o funcionamento disso, se elas foram facilitadoras, elas vão avançando e vão processando a vida delas. Num certo momento, pode ser que elas entendam o que está acontecendo com as pessoas e por que as pessoas estão com dificuldades. Podem entender esse sofrimento em diferentes tipos de aflições, perturbações e comportamentos aflitivos. E como elas viram o Dharma funcionar, pode ser que no coração delas brote compaixão. Compaixão é alguma coisa assim “você não precisa estar sofrendo o que você está sofrendo. Eu sei o que é isso, eu passei por isso. Eu sei como é que você poderia sair. Eu não sei como é que eu vou fazer você sair disso, mas eu já vejo você livre disso.”

Quando a pessoa vê isso, ela vê com a Sabedoria do Espelho, então brota dentro dela a energia de fazer aquilo funcionar. Por exemplo, vocês estão dormindo à noite e tem um filho que está com dor de garganta, está tossindo, está com o nariz entupido ou está com febre e vocês dizem “bom, isso eu trato de manhã, agora não vou olhar isso”. Vocês não vão fazer isso! O sono simplesmente desaparece! Vocês acordam, o olho está bem aberto, vocês vão lá e fazem tudo o que precisa ser feito. Já aparece a energia. A compaixão não é um raciocínio. A compaixão é um movimento da energia. Isso inclui visão. Compaixão inclui visão, ou seja, a pessoa não está olhando segundo o seu cansaço, ela está olhando segundo a situação do outro. Além do mais, se ela está olhando segundo a situação do outro, a energia aparece

devido à situação do outro e não devido à sua própria situação. Isso é a manifestação da mente não local. Nossa mente é não pessoal e não local, isso é evidente. A gente é capaz de se colocar num lugar e se mover segundo o outro. A base da compaixão é isso, essa capacidade de operar desse modo. Sabedoria do Espelho. Então, nossa mente é não local, não pessoal. Ela pode operar segundo as circunstâncias dos outros.

Quando nós observamos isso, de repente, nós estamos entre várias pessoas, conversando sobre como nós poderíamos ajudar melhor aqueles que chegam ao CEBB, aqueles que meditam, aqueles que estão com problemas disso, problemas daquilo. Nós estamos raciocinando. Esse raciocínio conduz à uma espécie de sonho coletivo. A gente diz “sim, isso pode ser bom, isso é melhor que aquilo”. Mas as pessoas não estão ali para impor o seu ponto de vista. Elas são pessoas que estão livres dos seus pontos de vista, olhando uns aos outros e vendo como que podem produzir benefícios, elas estão colaborando. Tem um conjunto de inteligências. Essas inteligências são a própria inteligência de Cherenzig, que nos faz olhar com essa motivação e produzir a energia. Mas a gente pode não ter habilidade, não ter o meio hábil. Então, nós olhamos para os outros, não com a sensação de que a gente quer impor o nosso ponto de vista, mas a gente olha para os outros com a esperança ou com a aspiração de localizar no outro alguma coisa que nós não estamos vendo.

Nós estamos em roda: o outro não está competindo conosco, o outro está enriquecendo a nossa visão. Cada um de nós não está olhando exatamente do mesmo lugar. Nós estamos olhando de lugares próximos, voltados a um objetivo convergente, mas nós temos experiências diferentes. Nós temos elementos diferentes em cada um, operando como referenciais do próprio raciocínio. Nós temos meios hábeis diferentes. Desse modo, nós nos enriquecemos. Desse modo, nós nos ouvimos e nos enriquecemos. Quando a gente olha o outro, o outro tem outra visão, então a gente para. A gente para para ouvir o outro, porque ele está trazendo alguma coisa que eu não estou acessando, mas ele está acessando alguma coisa. É superimportante o fato de que a pessoa consegue acessar, então ele enriquece a minha vida. Assim, num conselho gestor, como uma mandala, as pessoas enriquecem umas às outras.

### **1.5. Inteligência de grupo**

Eu acho uma coisa interessante também, por exemplo: vocês podem ter pontos de vistas parciais como “eu acho tal coisa, mas eu não vou falar nada”. Vocês não falam, mas o conjunto das pessoas termina falando aquilo, porque existe uma inteligência. Se aquele ponto precisa ser colocado, os outros também veem o desequilíbrio da falta daquilo e terminam colocando aquilo. Tem uma inteligência de grupo, de fato. Todo mundo vai equilibrando aquilo.

Essa inteligência vem dessa manifestação de Cherenzig. Isso é manifestação de Cherenzig mesmo, porque Cherenzig representa essa mente compassiva que opera a partir das Cinco Sabedorias, das Quatro Qualidades Incomensuráveis, das Seis Perfeições, buscando ajudar os seres no lugar onde eles estão. Quando nós manifestamos isso, tem uma energia, tem um brilho. Se a pessoa tem esse brilho, ela segue no círculo, se não tem esse brilho, ela vai pensar “essa reunião está demorada, eu vou embora, afinal ainda dá para ver o segundo tempo do jogo”.

Mas se a energia da pessoa está ali, se ela está circulando ali dentro, então, a mandala está viva! Se a gente apenas juntar pessoas ou convocar uma reunião de pessoas, aquilo pode não

ser uma mandala. E uma outra reunião de pessoas pode ser uma mandala. E tu não sabe por quê. Não é porque tem chapéu, não é porque tem uma luz, não é por causa do lugar, é porque aquilo está ou não está operando. É isso. Agora como que a gente pega uma reunião que não é uma mandala e transforma numa mandala? Por exemplo, aqui eu sempre retomo esse exemplo de um momento que a gente estava aqui nesta sala [templo em Viamão], com o pessoal do Castelinho. Ainda que eles morem num bairro, eles não tinham uma sensação de grupo. Eles não tinham essa sensação. A gente foi estabelecendo relação com um e com outro, com um e com outro, com um e com outro, e teve o dia que a gente sentou em roda para cada um falar sobre como que foi quando eles chegaram e o que eles viram de bom, quais foram as boas experiências que eles tiveram no período desde que eles chegaram especialmente no Castelinho. Aquilo foi uma coisa muito emocionante porque, por exemplo, vocês estão todos em silêncio, calmos, todo mundo acostumado a um falar e o outro ouvir, depois repercutir dentro. Mas eles não estavam acostumados a isso. Eles passam e nem se olham muito. De repente, estava um falando e os outros ouvindo, ou mais ou menos ouvindo. Tinha uma forte emoção em falar aquilo. Em um certo momento, depois de falar sobre isso, a gente perguntou, “e o que poderia ser feito para melhorar as circunstâncias?” É uma pergunta fundadora. O que poderia ser feito para melhorar a nossa circunstância. Não é a minha, é a *nossa*. A gente os convida. Não fala de mandala, não fala de nada, mas daqui a pouco está todo mundo pensando a coletividade daquilo. E dali surgiram coisas essenciais. Por exemplo, a posse da terra, os documentos da terra, linha de ônibus, segurança, escola, surgiram várias coisas. E essas coisas têm sido conquistadas, paulatinamente. Aquilo vai se repetindo, se repetindo e aquilo vai sendo conquistado.

Não é um processo individual. É um processo de um sonho coletivo. Mas esse sonho coletivo se dá dentro da perspectiva de Cherenzig, ou seja, nós aspiramos a partir dessa experiência de ajudar os outros seres. Os tibetanos vão remontando às mães, eles dizem “as pessoas são endurecidas e tudo bem, mas todo mundo teve uma mãe. A mãe cuidou da pessoa, ela é devedor dessa mãe, de algum modo”. Então, no oriente, as mães são consideradas seres muito elevados. No ocidente, depois do Freud a coisa complicou um pouco. (risos) Esse ponto para os orientais funciona, eles usam essa visão: “todos os seres com os quais a gente se relaciona hoje um dia foram nossas mães. Eles estão em sofrimento, eles estão abandonados. É a nossa mãe em sofrimento.” Aí nós: “Uau! Eu não podia deixá-la assim, ela fez tantos esforços”. Nesses tempos, nesses lugares difíceis, realmente, as pessoas têm a consciência de que se elas estão vivas é porque a mãe lutou para que elas estejam vivas, porque são tantas dificuldades para uma criança viver, uma taxa de mortalidade altíssima. As pessoas adoecem, elas têm frio. As mães passam circunstâncias muito aflitivas, difíceis de controlar para poder se manter vivas. Se elas conseguem manter o filho vivo é porque ela lutou por aquilo. Teve um esforço muito grande. Esse é o panorama.

É como os tibetanos, que fazem um esforço para a gente, num certo momento, poder olhar para os outros com esse olhar compassivo. Não é imediatamente óbvio nós olharmos para os outros com interesse, imaginando que, enfim, todos os seres aspiram à felicidade e aspiram a se livrar do sofrimento. A gente precisa dessa sensibilização: “todos os seres foram, um dia, seus pais e suas mães e todos os seres aspiram à felicidade, aspiram a se livrar do sofrimento”. Isso quebra nosso autocentramento, nossa visão estreita, nossa visão temporalmente fechada, nosso aspecto autocentrado, antropomórfico, antropocêntrico, que é a visão estreita. A compaixão abre. Na medida em que a gente começa a se interessar pelos outros seres, gerar esse olhar e ver que é possível ajudá-los, nós estamos num ponto interessante para, numa roda, pensar coletivamente o que seria melhor, o que seria pior e aí surgiram os sonhos.

## **Resumo da Etapa 1: Convergir**

1. Operar com menos condicionantes da Roda da Vida;
2. Operar progressivamente sem condicionantes;
3. Operar a partir do olhar da compaixão.

### **1.6. Etapa dos sonhos**

Esses sonhos são uma etapa adiante da formação da Mandala. Mesmo que a gente não tenha uma consciência de mandala bem clara, quando surgem sonhos, quando a gente está se colocando, a energia circula por dentro de nós, aspirando trazer benefícios aos seres. A gente se junta e pensa “como que nós poderíamos ampliar, como que a gente pode fazer isso andar de forma mais intensa e beneficiar um número maior de pessoas, em todas as direções?” Não é uma pergunta comum. É uma pergunta que tem eletricidade. Ela tem eletricidade porque ela brota já da conexão com Cherenzig. Então, nós estamos na Mandala.

Essa palavra é perfeita porque todas as deidades, ou seja, todas as sabedorias lúcidas, impessoais e de proteção dos seres geram visões de mundo específicas. Quando a gente começa a sonhar o que seria bom e o que seria adequado nós estamos, na verdade, tentando ver. O sonho é uma visão que a gente tenta ter. Quando essa visão comum, essa visão de grupo surge, a mandala está ali. A mandala já é a aparência que nós estamos gerando coletivamente como esse sonho.

Aqui a gente organiza eventos e organiza coisas. A gente tem vários sonhos por trás. Tem os centros de retiros e tem uma série de visões que vão sempre se estabelecendo. Essas visões nos fazem convergir. Nós nos juntamos em torno de visões. Essas visões estabelecem uma unidade de energia e de pensamento. Nós estamos todos sentados em volta, olhando para essa visão. Diferentes pessoas pensam diferentes coisas e contribuem com diferentes perspectivas. Então, se aquilo é uma Mandala, quando o outro fala, nós queremos ouvir, porque ele está falando de um lugar que eu não consigo acessar propriamente. Por exemplo, se todos nós temos a mesma aspiração, a gente entende que cada um dos outros é a mesma mente nossa. Só que a nossa mente é alguém com outra aparência, com outro corpo, eventualmente com outro sexo, com outra idade, falando desde um lugar diferente. É como se nós estivéssemos naquele lugar, então, a gente para e ouve o que a pessoa diria desde aquele lugar. Assim, por exemplo, se tem 20, 30 ou 50 pessoas, é como se a gente tivesse reduzido a 1/50 avos a necessidade nossa de pensar. Por quê? Porque todo mundo está pensando desde um certo lugar e aquilo converge.

### **1.7. Diferença entre Mandala e Estrutura Piramidal**

A gente até pensa: “por que aqui converge e em outros lugares todo mundo diverge e se choca?” Porque, eventualmente, quando a estrutura é piramidal, as pessoas não estão movidas por Cherenzig. Elas são movidas por um processo pessoal. Elas estão dentro de algum dos seis reinos. Elas estão aspirando a vencer alguma coisa ou atingir alguma coisa. Então, elas

se unem por momentos, quando cada um sente que leva uma vantagem no meio daquilo. O conjunto de pessoas, quando se coloca para falar ou para incentivar algo, em geral, está dizendo aquilo, porque está querendo levar alguma vantagem. A partir do método da mandala, nós não estamos levando vantagem, nós não temos isso. Nós não estamos focados, nós não somos deuses querendo brilhar. Nós não somos semideuses querendo vencer. Nós não somos seres humanos querendo acumular algum nível de segurança, nós não somos animais querendo estacionar e desistir. Nós não somos seres famintos ávidos por alguma coisa que a gente não tem. Nós não somos seres dos infernos querendo atingir os outros. Dentro de uma estrutura que não é Mandala, as pessoas são isso, porque elas estão dentro dos seis reinos.

Então, para a gente escapar desse processo, não é uma questão neural, não é! Não adianta botar um capacete, estudar os neurônios, não é isso! Com certeza não é! Isso é um *software*. Esse é um processo. É o mundo luminoso. O mundo que nós vivemos é um mundo luminoso, é um mundo de significados. Nós vamos dizer que é um mundo de significados luminosos, porque são coisas que surgem desse modo. Nós olhamos, nós concebemos, nós sonhamos esse mundo luminoso e começamos a nos referenciar desse modo. As pessoas, por vezes, pensam que elas habitam mundos “terra”. Os mundos “terra” são, todos eles, luminosos, todos eles impermanentes. O exemplo mais claro do mundo “terra” é a impermanência, então não é “terra”. Aquilo ali treme! Treme e muda, o tempo todo.

### **1.8. Terras Puras**

Em mandala, nós estamos convergindo. Nós estamos gerando essas visões de Terra Pura. A partir das visões de Terra Pura, nós usamos o movimento. Partimos do nível secreto para o nível sutil, que é Cherenzig, e vamos para o nível grosseiro, que é a construção das paredes, os pisos, linhas de eletricidade, os postes e as várias coisas. Nós vamos indo nessa direção. Então, esses três aspectos - grosseiro, sutil e secreto - se apoiam mutuamente. Eles vão se apoiando e se estruturando e, assim, as Terras Puras vão se estabelecendo. As Terras Puras são as aldeias. As aldeias são o aspecto grosseiro da Terra Pura. O aspecto sutil de Terra Pura penetra as coisas todas. É o aspecto fundador. O aspecto secreto é a liberdade da nossa mente de não ficar preso nas aparências. Desse lugar onde nós não estamos presos, nós podemos usar isso como a base fundadora das realidades que a gente vai operando.

Isso é uma fusão dos aspectos da vacuidade com o aspecto das aparências todas. Mas aqui nós estamos trabalhando coletivamente. Esse ponto é superimportante! Eu acho que é interessante a gente contemplar de novo e de novo e de novo como que a gente pode sentar num círculo e ser o puro samsara ou como que a gente pode sentar em círculo e convergir. Como que é isso? Se a gente fizer essa mudança de direção, essa mudança progressiva, ela pode começar nesse ponto simples onde todos os seres aspiram à felicidade e aspiram se livrar do sofrimento. Como é que a gente faz, coletivamente, para isso funcionar?

Progressivamente nós vamos sofisticando esse processo. Sofisticar esse processo significa a gente abandonar totalmente os 240 Itens e andar em direção aos 200 Itens: Cinco Sabedorias, Quatro Qualidades Incomensuráveis, Seis Perfeições, Quatro Formas de Ação. Adotando isso, nós vamos convergir. É natural! Nós vamos convergindo.

Essa convergência é tão interessante. Por exemplo, um mosteiro termina seguindo e, no fim, vai ser chamado de tradição, porque as pessoas começam a fazer, geração após geração, coisas muito parecidas. Mas quando as coisas precisam mudar, elas também mudam, porque não é o aspecto externo que é a tradição. A tradição é o aspecto interno, o aspecto sutil. Tem um certo momento que o aspecto sutil muda o aspecto externo e é como uma forma de continuidade daquele mesmo movimento. É super bonito de ver como as inteligências vão propiciando isso.

Na medida em que nós vamos, por exemplo, desde o conselho gestor seja do que for, a mandala gestora seja do que for, nós vamos indo e nós vamos purificando, por quê? Porque nós temos algumas fixações. Por exemplo, as pessoas dizem coisas e a gente passa mal com aquilo, parece que aquilo foi uma facada, que foi horrível, que nos cortaram. Às vezes, a gente até incorre em alguma psicologia, o que eu acho totalmente inútil, e diz “eu, desde pequena, sou cortada, sou podada. Isso começou quando a minha mãe, um dia...”, alguma coisa assim, ou então “meu pai fez não sei bem o quê, e eu nunca me recuperei daquilo.” Tem umas coisas assim, não sei se vocês já ouviram. Ou então “eu nasci quando Saturno estava em conjunção com não sei o quê, então...”, “eu tenho Vênus em conjunção com Urano, eu estou sempre abandonado”. A pessoa pensa “ah, é meu destino!”, alguma coisa assim.

A gente tem uma tendência a voltar os olhos para nós mesmos e nos fixarmos. Tudo bem, com o tempo a gente solta isso também. A gente descobre que não importa o que já aconteceu, não importa o que Freud diria da nossa situação, o fato é que a gente pode olhar os outros seres, entender a situação geral, olhar no tempo, olhar geograficamente. A nossa mente não precisa ficar focando aquele personagem ou aquelas coisas. Nós olhamos de forma ampla e, de repente, nós estamos juntos, nós estamos fazendo as Mandalas operarem e a energia está aparecendo e pronto! Nós surgimos de um outro jeito! A gente se reconstrói, se constrói de outro modo e vai se construindo através do Darma. Isso se torna caminho espiritual. De novo a gente se choca aqui, se choca ali, mas quando a gente tem essas várias experiências, a gente localiza e pergunta “onde está a fixação?” A gente localiza: “Uau, uma fixação!” A gente olha e vê as estruturas de identidade, as fixações que nós temos.

A gente entende o que mestre Dogen, do Zen, dizia: *“a sanga é como se fosse o pilão, a prática é a mão do pilão e nós somos o arroz que está ali dentro”*. A mandala é o pilão. O nosso movimento dentro da mandala é a mão do pilão e nós somos o arroz. A casca vai saindo. No Zen se diz “a casca sai nesse movimento”. É super importante isso: em vez de olhar para o outro e culpar o outro, culpar isso, culpar aquilo, a gente examina a nossa sensibilidade. E com isso essas cascas vão saindo, essas estruturas, essas aflições vão saindo e, nós, de novo, ampliamos nossa visão. Vamos ampliando a visão. Se ampliamos a visão, esses aspectos vão desaparecendo.

### **1.9. Quando ocorre a falha de motivação?**

Na medida em que a gente opera autocentrados, nós incorremos na falha da motivação fundadora, ou seja, todos os seres aspiram à felicidade e aspiram se livrar do sofrimento. Nós estamos olhando para nós: “eu aspiro a minha felicidade, aspiro me livrar do meu sofrimento. Os outros que se cuidem.” Então, nós estamos autocentrados, limitados no tempo e no espaço e não vemos a causalidade. Na medida em que a gente amplia isso, a gente olha os outros seres, amplia a nossa visão no espaço e no tempo, para frente e para trás, geograficamente, e

nós estamos cada vez mais próximos de Cherenzig. As coisas todas funcionam melhor. A nossa vida funciona melhor, tudo funciona melhor. Qualquer pessoa que opera desse modo vai funcionar bem na vida. Vai andar direito e vai ter êxito nas várias coisas. Tanto faz, se é samsara ou nirvana, a pessoa vai ter êxitos. A mandala tem esse aspecto. Funciona desse modo.

Nas estruturas piramidais, eventualmente, a pessoa que está no topo da pirâmide está autocentrada. Ela tem visões limitadas de espaço e tempo, não importa o poder que elas tenham. Vocês observem as crises atuais, as crises internacionais: as pessoas estão limitadas no espaço e no tempo. O Trump revogando as leis ambientais, aqui no Brasil também, as pessoas achando que o meio ambiente não faz sentido. Não é que eles sejam maus, é que eles estão olhando com visões muito estreitas. Olhando desde lugares muito estreitos, tomando decisões como se o benefício deles, ou de alguns poucos, fosse vantajoso. Eles precisam estar no topo de estruturas de poder piramidais. Eles têm que poder derrubar os outros para manter a estrutura da pirâmide. Mas essa estrutura cai. Ela sempre cai. De tanto em tanto, aquilo é derrubado. As pessoas estão no topo e caem. Aquilo é direto. Além do mais, mesmo que tivesse, por exemplo, um Rei do Dharma – ou seja, alguém de grande visão – no topo de uma pirâmide, ele não está treinando os outros. Os outros estão operando dentro de uma estrutura autocentrada. Então, por exemplo, um reino do Dharma é uma estrutura de benefícios, de alianças por benefícios e visões estreitas. Aí não adianta. Mesmo que tenha alguém iluminado conseguindo gerar aquilo tudo, aquilo vai afundar. O melhor processo é o processo da mandala. O processo da mandala não é afundado, não tem tempo. Quando as coisas funcionaram melhor, funcionaram assim. É como se a gente estivesse retornando à idade de ouro, à idade da lucidez. Isso é possível.

Eu acho que o CEBB é um exemplo disso também. Às vezes as pessoas se perguntam como que o CEBB também mantém uma unidade. Essa unidade não vem das estruturas de rigidez burocráticas. Já de saída aspirei que os diferentes CEBBs tivessem diretorias específicas nas suas regiões para tomar suas decisões, porque o que nos faz convergir é o aspecto sutil. Nós estamos unidos dentro desse aspecto. Os eventuais erros que a gente vai fazendo, a gente vai corrigindo. A gente vai retificando. Aqui, por exemplo, nós estamos numa assembleia de praticantes que vêm de diferentes lugares, de diferentes CEBBs, mas todo mundo se sente no mesmo CEBB. Mas todos são organizações diferentes, com contas bancárias diferentes.

Então, a gente tem essa estrutura descentralizada. Eu acho maravilhoso! Ainda assim, não tem uma estrutura de poder em que, de tanto em tanto, passa um corregedor e vai olhar tudo, vai conferir, vai punir, vai isso ou aquilo. Não tem. E todo mundo faz o melhor, brilha da melhor forma. Além disso, as pessoas mudam e vão melhorando, constantemente. Esse processo é vitorioso. Vitorioso e difícil de explicar! Eu acho difícil de explicar, porque ele pertence a um plano sutil, ele não está operando dentro de um processo causal. Então, é difícil de explicar. Mas também difícil de derrubar. Ele tem uma estabilidade. Porque mesmo que um ou outro saia, o processo não cai. Eu gosto de ver isso. De vez em quando eu mesmo promovo as saídas. Troco as coordenações e as pessoas vão fazer outras coisas. O que eu mais gosto de incentivar é que a pessoa que está dentro de uma ação de muito movimento, de repente entra em retiro. Super importante as pessoas terem essa experiência e fazerem esse movimento. Eu gosto de fazer isso. Aquela estrutura parece que tinha ficado dependente daquela pessoa. Mas, de repente, não é mais. É como também dentro de uma floresta: se tirar uma árvore muito grande, as árvores que estão embaixo crescem rápido também. É bonito de ver.

Nós vamos avançando. Fico super feliz de ver a sanga toda aqui, com essas múltiplas experiências, contando para os outros o que tem feito. É um enriquecimento. A gente vai se ouvindo e vai enriquecendo. Maravilhoso! É como se fossem muitas emanções de Cherenzig e cada um desenvolvendo suas habilidades e olhando desde um ponto específico e agora nós nos enriquecendo mutuamente. Isso é uma mandala que está operando.

### 1.10. Perguntas

*Pergunta: O senhor poderia falar um pouco mais sobre essas perguntas fundadoras que se usa para gerar essa inteligência coletiva?*

Lama: Por exemplo, se tiver pessoas que estão chegando e não têm essa embocadura, ou seja, elas não estão olhando assim, elas se afligem um pouco. Eu acho que se afligem um pouco. Mas, por outro lado, elas não chegam a perturbar, porque tem uma compaixão de todo mundo. Todo mundo dá uma olhada e entende o que está acontecendo. Não tem, propriamente, um problema. Não é fácil alguém vir e derrubar aquilo. Não é fácil. Tem uma estabilidade, tem uma convergência natural. Agora, por exemplo, eu lembro da minha época da universidade, tinha uns amigos que eram danados! Eles diziam: “você querem ver, nós vamos destruir essa assembleia aqui.” Tinha uma assembleia de 200 pessoas. Um se levantava e dizia “o Trotsky, na verdade, foi um traidor!” Pronto! Aí se levantavam 30 pessoas inflamadas. Já tinha um outro: “o Stalin deveria ter matado logo ele”, alguma coisa assim. Pronto! E eles iam embora e deixavam os outros brigando. Eles sabiam qual era a estrutura cármica que estava ali. Faziam isso e iam embora tomar uma cerveja. Aquilo acabava com a reunião. É muito interessante. Eu lembro das pessoas se levantando e quando elas falavam, falavam inflamadas, vermelhas. Elas queriam impor sobre todos uma verdade, e que ninguém se arriscasse a falar. Aquilo está no carma.

Aqui nós estamos numa reunião dessas e alguém se levanta e fala do Stalin, ou fala de não sei de quem, e nós começamos a recitar “Om Mani Padme Hum, Om Mani Padme Hum, Om Mani Padme Hum, Om Mani Padme Hum”. Vamos rezar por ele.

Se alguém surge e diz “o CEBB não é nada!” A gente diz “sim, claro! O CEBB surgiu para sumir, para desaparecer. Ele não é nada”. Eu acho melhor pensar assim. A gente não ser sectário com coisa alguma. Eu acho super bonito isso. Uma sabedoria. É parecido com a sabedoria da velha senhora esquimó, que se entrega para o urso, pois sabe que o urso também vai virar comida dos próprios filhos depois.

Por exemplo, aquele que nos vence segura a bandeira e ele vai ter que levar a bandeira agora. Não tem luta, não tem vitória, não tem derrota. Isso é visão de mandala e aos poucos nós vamos avançando. Essa visão de mandala é a visão do próprio caminho. Nós estamos andando no caminho desse modo. De tanto em tanto, eu acho que quem está dentro do aspecto mais ativo das mandalas, também mergulha na meditação. Eventualmente, da meditação e dos retiros vêm outras pessoas e ocupam os lugares e vão andando dentro disso. Eu acho que é um lugar de prática muito bom, um lugar perfeito de purificação.

A gente pode pensar também que o trabalho dentro das mandalas corresponde à etapa preparatória do caminho, que na visão tibetana seria o *ngondro*. Então, nós estamos fazendo a prática de *ngondro*. Nós estamos desenvolvendo compaixão. Nós estamos purificando. Nós



estamos gerando uma visão convergente de sabedoria. Nós estamos vendo a energia operar dentro de nós a partir das dimensões de sabedoria. Isso é super importante.

*Pergunta: Dentro do CEBB, eu demorei muito tempo para entender que não dava para fazer as mudanças sozinho. E que essas mudanças tinham que ser dentro desse formato, de uma forma que alegrasse e não sobrecarregasse. Mas como a gente consegue? Como que a gente consegue ajudar os que estão chegando a entender toda essa lógica? A gente espera as pessoas chegarem a seu tempo ou tem uma forma de ajudar?*

Lama: Eu acho que não tem uma regra. Nós vamos indo. A gente também vai cometer erros, eu acho importante entender isso. Os erros acontecem. A gente não avança, propriamente, porque a gente faz acertos, a gente avança por erros. Todo erro também tem uma parte que tem um deslocamento. É como caminhar também. O caminhar é um pouco desequilibrado, mas a gente vai fazendo um desequilíbrio que compensa o outro e vai andando. A gente não vai ter um acerto. Por vezes, a gente acolhe mais, por vezes a gente acolhe menos. Por vezes a gente intervém mais, outras vezes intervém menos. Mas está bem! Isso não é um grande problema.

Mais a gente se movendo de forma correta está bem. Se a gente não se mover de forma correta, a gente não fica fixado naquilo também. A gente altera. Não tem culpados. A gente vai indo. A gente anda mais rápido. Se a gente for investigar para traz e ver culpados e ver coisas, isso é um problema. É melhor a gente não se culpar, não culpar ninguém. A gente vai se movendo. A gente corrige e vai andando.

O budismo é assim: a gente refaz a motivação e pronto. Está tudo resolvido. Se vier alguém e quiser cobrar alguma coisa cármica, dura de nós, a gente paga ou não paga. Se a gente puder pagar, paga. Se não puder pagar, não paga! Mas, enfim, a gente não aceita que é culpado. Nós não somos culpados. O culpado é a ignorância. A gente não vê direito, mas, enfim, essa é a nossa circunstância. A gente sempre vê a partir de um ponto, então, a gente não conseguiu ver direito. Não há culpados.

*Pergunta: seria possível adaptar a própria visão da mandala a referenciais de bloco zero, não budistas, de modo que as pessoas possam aproveitar a noção de mandala e outras noções que o Lama colocou para melhorar suas relações e para criar convergências?*

Lama: eu acho que sim. Mas como elas estão em blocos zero não vai funcionar muito bem, porque é como se tivesse uma inconsistência. Por exemplo, no bloco zero a pessoa está autocentrada. Uma vez autocentrada, ela tem dificuldade de olhar o outro, de entender o outro. A energia dela funciona, quando ela está olhando as suas coisas, mas quando ela olha as coisas dos outros, é uma energia assim: “eu vou levar alguma vantagem”. Isso é bloco zero. Aquilo parece totalmente natural. Parece que o mundo é assim, parece que qualquer outra coisa é um obstáculo.

Eu acho que as pessoas podem fazer uma rodada de sonhos, podem pensar o que seria mais apropriado, mas, por exemplo, se a pessoa não tem essa visão prévia de ter tentado ajudar e desenvolvido algumas qualidades, sentir que ela avançou, ela está no bloco zero. Ela não está no bloco dois, por exemplo. Ela não é um praticante que entende que é o mundo interno que define as aparências. Como ela está no bloco 0, ela pode imaginar que a ideia dela é melhor

que a ideia dos outros. Talvez ela corra para uma visão piramidal. Mesmo que apareçam muitas diferentes visões, as outras visões começam a impacientar a pessoa. A pessoa não quer aquilo, ela quer a ideia dela. Ela está fixada. Ela começa a olhar que o outro está propondo aquilo, porque ele quer levar uma vantagem de um certo tipo. Eu acredito que surgem, muito facilmente, grupos. A pessoa se junta com outro porque tem um interesse comum contra outros que têm outros interesses.

Eu acho que teria que começar pensando “todos os seres, um dia foram nossas mães. Eles estão em situações muito difíceis.” Assim brota uma compaixão em nós. A gente vê que a gente poderia, eventualmente, ajudar, que nós podemos nos transformar. Havendo isso, de repente, a pessoa olha para os outros querendo ajudar os outros. A energia dela flui querendo ajudar. Então, a mandala se torna possível. Porque a mandala não é um método causal de alavancas ou manivelas, não é. Se não tiver esse aspecto interno, a energia não circula e desse jeito não vai funcionar.

Mas eu acredito, por exemplo, que num grupo, algumas pessoas terminam entrando na mandala. Elas aprendem pelas costas. Elas veem aquilo. Têm outras pessoas que não verão, mesmo dentro de um grupo por um longo tempo, elas não verão. Elas podem gerar uma sensação de que elas estão ali, estão falando aquilo, mas elas não sentem aquilo. Aquilo não é a verdade delas.

Eu diria que o aspecto Mahayana avança para uma direção coletiva. Mas pode ser que a pessoa não tenha esse aspecto Mahayana, pode ser que ela tenha um aspecto de um caminho da perfeição individual, onde a pessoa tenta se afastar dos outros e seguir um caminho isolado. Isso está descrito. Os *theravadas*, *pratyakabudas* são assim. Está bem. Eles fazem o caminho espiritual também. Mas aqui é uma coisa Mahayana que já se funde com o Vajrayana. Porque nós não estamos apenas com compaixão. Nós já estamos vendo o mundo como um aspecto luminoso, nós estamos trabalhando com a vacuidade diretamente, a gente vê que as realidades podem ser configurados de outro modo. A noção de Terra Pura já tem essa característica e já funde vacuidade e luminosidade. Já está dentro disso, já está operando.

Quando a pessoa está autocentrada, por exemplo, mesmo que ela siga o caminho espiritual dentro da abordagem *shravaka* ou *pratyakabuda*, a pessoa tem uma sensação de que o mundo é rígido. Ela descreve, ela olha em volta e dá consistência ao mundo. O mundo é rígido e, dentro disso, ela também tem posturas rígidas. Nós não olhamos assim. A partir do Prajnaparamita, a partir da visão da luminosidade e vacuidade, a gente não olha assim. O mundo é uma aparência que coemerge junto com o observador do mundo.

O mundo pode ser mudado, enquanto uma experiência que ele é. A gente pode sonhar e mudar isso. A gente muda no aspecto sutil e muda no aspecto grosseiro. O aspecto grosseiro é o que surge da sensorialidade. A sensorialidade não derruba o aspecto luminoso e vazio da realidade, ela o corrobora. Esse é um aspecto extraordinário, como que os sentidos físicos não conduzem à terra. A terra é a luminosidade da mente, é o espaço livre. Essa é a terra. A terra se funde com o espaço, ela não se funde com a causalidade. A causalidade não tem terra suficiente. Ela não tem consistência. Pode parecer que tem, mas não tem. Ela só tem consistência quando a nossa visão geográfica e temporal é pequena, aí aquilo parece que tem consistência, porque os tempos que a gente está olhando são curtos. Quando a gente olha numa perspectiva mais ampla, aquilo não tem consistência. Quando a gente está no bordo, vemos a impermanência.

*Pergunta: Quando a gente está dentro de grupos de direitos humanos, a gente pensa juntos, pauta juntos, sonha juntos, vai em busca de mais políticas públicas, de mais direitos e está todo mundo ali, convergindo para aquilo. Nesse aspecto externo tudo bem, mas quando a gente olha para dentro, para como é que esses grupos estão operando dentro deles, a gente vai ver que, muitas vezes, não há acolhimento. Há muita dureza, muito julgamento. Fica uma coisa super incoerente. Para pessoas novas, não praticantes, eu vejo que, pelo menos, essas pessoas não estão tão autocentradas. Elas têm essa bandeira. Tem como a gente trazer essa noção de mandala para dentro da operação desses grupos?*

Lama: Talvez através da sabedoria do espelho, através de exercício. Por exemplo, se a gente estiver fixado na condenação dos outros ou na identificação da ação dos outros como ação fundadora do nosso sofrimento e a gente estiver culpando os outros, nós estamos com problema. Aquilo vai ser super difícil. Mas se a gente estiver dentro de uma perspectiva de maior abertura, a gente tenta entender o que está acontecendo com outro, dentro do mundo dele. Se a gente encontrar essa chave, pode ser que funcione, mas se a gente insistir em culpar o outro, fixar o outro em alguma coisa e excluir, nós estamos em algum dos seis reinos. Eventualmente, os piores. Super comum isso.

*Pergunta: Lama, eu queria entender um pouco melhor o conceito de mandala. A mandala é um padrão na natureza. A gente vê uns clássicos, tipo a flor do girassol, que é um padrão de mandala perfeito. E na natureza a gente vê muitas mandalas que aparecem atrás das flores. Eu vejo que o Lama traz um padrão de funcionamento dessas mandalas na Sanga. Essas mandalas teriam infinitas aparências?*

Lama: eu não estava me referindo a isso. Nesse caso, seria uma mandala simbólica. Eu estou me referindo à mandala viva. Por exemplo, a flor de girassol tem as pétalas, aquilo é uma aparência de mandala de fato. Eu tenho um círculo central, tenho um círculo das pétalas e tudo. Mas eu não posso pensar que cada pétala tem a sua própria visão em conjunto com as outras e elas convergem para alguma coisa. Eu não estou olhando desse modo. Aqui a gente está olhando essa mandala, onde nós temos diferentes seres que pensam. Nós estamos usando essa visão.

O sentido é de que a mandala se funde com a noção de mundo. Você olha a partir de uma dimensão de sabedoria. Se você olha o mundo a partir de uma dimensão de sabedoria, tudo que você vê é a mandala. Por exemplo, a pessoa começa a focar o aspecto de compaixão atuando no mundo. Daqui a pouco a gente se comove porque tem compaixão por todo lado. A pessoa abre o olho e você começa a ver compaixão por todo o lado. Em todo o lado teve alguém que se ocupou do outro e trabalhou pelo outro. O tempo todo. Quando eu digo o outro, seriam seres diferentes que fizeram coisas que beneficiaram uns aos outros e assim nós conseguimos viver. Em todas as direções.

Vocês olhem as pinturas de Arya Tara! Teve alguém com compaixão, com esforço, dia após dia, pintando, imaginando e fazendo aquilo tudo acontecer. A pessoa sabia que as pessoas iam se beneficiar olhando por um longo tempo. Tem uma alegria que move esse movimento. E em todo lugar tem muito trabalho de outras pessoas. Elas estão sempre num lugar e muitas pessoas trabalharam preparando aquilo. Em todo o lugar é assim. Chega a hora do almoço, bate o sino e a gente vai para o refeitório. Alguém trabalhou um bocadinho até que aquilo acontecesse e a comida estivesse ali na nossa frente. Tudo é assim. Nós estamos sempre

trabalhando desse modo cruzado – a gente faz coisas em benefício do outro. O tempo todo. Assim o mundo inteiro funciona desse modo. É muito incrível.

Eu estava vendo agora uma notícia que foram desmanchadas as casas de algumas pessoas, um pouco por engano. As pessoas pegaram suas coisas e foram para a garagem de uma outra casa, numa rua ao lado. A compaixão as acolheu. O poder público não acolheu, ninguém acolheu. Quem é que acolhe? A compaixão acolhe. Onde é que estão os 13 milhões de desempregados no Brasil? Estão dentro das casas de alguém. Tem alguém cuidando da comida de 13 milhões de pessoas. Não é o paradigma econômico que sustenta os 13 milhões de desempregados. É a compaixão que dá conta dos 13 milhões de desempregados. A gente olha e a gente não vê 13 milhões de famintos. Onde é que estão essas pessoas? Tem alguém cuidando delas.

*Pergunta: Como que uma mandala pode andar sem se transformar numa bolha?*

Lama: A mandala é o aspecto sutil. Eventualmente, quando a ação se dá pode até parecer que é uma bolha, mas quem está dentro da mandala não vê como bolha. Mas quem está fora está vendo bolhas, vê como bolhas. Isso é meio complicado, mas é isso. Se a pessoa só tem olho de bolha, ela só vê bolha. Ela não vê mandala.

É como, por exemplo, as aldeias. Se não tiver a mandala, não vai funcionar. Às vezes, eu sou demandado desse modo. Às vezes são até pessoas amigas que dizem “eu tenho uma terra, eu quero fazer aquilo funcionar. Eu vejo o CEBB e eu quero fazer igual”. Aí eu fico pensando “como que eu vou explicar isso?” Eles querem saber como motivar as pessoas. Como é que elas vão fazer isso, como é que vão fazer aquilo.” E eu vejo “isso não vai dar certo.” Por quê? Por exemplo, a pessoa só vai andar enquanto ela quiser andar. A impermanência vai pegar, derrubar aquilo em cinco, seis ou dez anos e a pessoa muda de foco. Além disso, a pessoa pensa que ela é que tem que levar as coisas, ela está fixada naquilo. Ela não vai dizer “bom, agora eu cedo a terra, cedo a ideia. Que o grupo leve”. Não é assim. Se as pessoas tiverem autocentradas, a primeira coisa que elas vão fazer é passar e dividir tudo isso e separar entre elas. E, enfim, acabou o projeto.

*Pergunta: Como é que funciona a mandala na prática? Como é que se tomam as decisões, por mais simples que elas sejam, no grupo? É por votação, por consenso? E quais as mandalas que se estabeleceram aqui no CEBB?*

Lama: Esse processo da mandala não é perfeito. Aquela conversa vai andando, daqui a pouco aquilo brilhou e de uma forma indefinida vai acontecer. Muitas vezes, eu até prefiro não tomar uma decisão prática durante as discussões. Eu gosto de esperar que aquilo repercuta. Eu gosto de usar esse método. Mas esse é um método, um meio hábil. Por exemplo, a gente sonha e depois a gente para por um tempo para ver se aquilo volta. Porque quando as ideias são faladas, elas começam a andar e aí mais pessoas ouvem e mais pessoas falam. Daqui a pouco a gente começa a ouvir, direta ou indiretamente, as reflexões surgirem de forma ampla. Aí a gente vê se aquilo faz sentido mesmo ou não.

E de repente a gente se olha de novo e diz “e aí, vamos fazer?” Aquela energia está ali e a gente começa a fazer. Não tem uma regra para isso, mas, por exemplo, tem algumas observações. Se a gente não consulta a todos que deve consultar, de modo geral, dá problema.

Por exemplo, tem pessoas que têm uma capacidade de auxiliar dentro daquilo e realmente ajudar. Se a gente começa o nosso movimento sem consultá-las, daqui a pouco a pessoa vai lá e opina. Quando opina, a gente vê que não está bem numa boa direção, que a gente deveria ter ido numa outra direção. Então, aquilo dá problema, pois já começou. E agora como é que a gente faz? É super importante a gente colher toda a riqueza que está disponível. Faz parte da sabedoria da mandala saber quem deveria estar na mandala.

Por exemplo, teimosia não é uma boa ideia. É melhor ouvir. Melhor simular. É mais leve enquanto nós estamos apenas falando do que depois que a gente levantou paredes. Mas tudo bem, a gente levanta paredes, desmancha, faz outras, calmos. Sem culpar, sem nada.

*Pergunta: como é que a gente poderia dar voz para mais experiências e trocas que estão surgindo? Como que isso se dá agora e depois nos grupos que estão querendo usar a gestão por mandalas? Os vários CEBB's e GEBB's, por exemplo.*

Lama: Eu acho que aquilo que foi conversado aqui vai amadurecendo e vai acontecendo, com certeza. Fico feliz por isso. Eu não me preocupo que a gente tenha uma rota causal, que a gente saia daqui com uma rota causal, do que fazer. Vai aparecer, porque aquelas visões que a gente teve se mantêm pela energia e pela beleza daquilo. A gente retoma e retoma e retoma e tem um momento que aquilo tem o seu próprio movimento de criar e de fazer. Acho que o CEBB é um exemplo disso. Está acontecendo em vários lugares diferentes, constantemente. Nós estamos com obras, nesse momento, em vários lugares. Coisas boas, maravilhosas estão acontecendo. Fico super feliz de ver. Praticamente em qualquer área, nós temos coisas para nos alegrar nesse momento. Cada um do CEBBs está brilhando.

*Pergunta: Eventualmente, acontece de a gente estar trabalhando e sentindo aquela alegria e, no meu caso específico, às vezes, acontece de eu não saber se estou confundindo essa alegria com vaidade, com orgulho, sobretudo quando alguém fala bem sobre o trabalho que está sendo realizado. Como lidar com essa situação de não personificar? De saber reconhecer se é alegria, se é orgulho ou vaidade?*

Lama: De modo geral, está misturado mesmo. E você vai ver que está realmente misturado quando as pessoas falarem mal, aí você passa mal. Se não passar mal, tudo bem. De modo geral, está um pouco misturado, mas tudo bem, a gente vai seguindo.

Tem um pouco de compaixão, tem um pouco de motivação adequada. Cada vez que a gente muda da euforia para a depressão, a gente olha de novo e refaz a motivação, a gente descobre, então, um núcleo independente daquilo e diz "independente de eles me elogiarem ou me criticarem, enfim, eu sigo por causa disso". Reforçamos esse núcleo e vamos andando. Daqui a pouco, nós tomamos refúgio naquele núcleo.

Acho que a grande coisa de Cherenzig é que a gente pode andar a partir do lugar onde a gente está sem gerar culpa pelas dificuldades que a gente está manifestando ainda.

*Pergunta: Como é a história de Cherenzig, que explode e fica com mil braços?*

Lama: Nesse texto de Dödjom Rinpoche sobre os bardos, na parte final do ensinamento, ele fala que Amitaba emana Cherenzig. Cherenzig se move rapidamente, vai produzindo muitos benefícios e mudando tudo. Aí ele pensa “bom, agora cheguei a alguma coisa”, e quando ele olha para trás, vê que está tudo igual. Ele então desanima. O corpo dele se quebra todo. Vem Amitaba e diz “o que houve?” e diz “refaz teus votos!” Ele refaz e ficou com essa aparência. Todo quebrado: onze cabeças e mil braços. Ele se remonta desse modo.

Mas esse é um ponto interessante: como que a motivação elevada se quebra? Ela tinha um autocentramento, ela tinha um resultado que ela imaginava. Aí produz isso. Essa é a história de Cherenzig.

## **2. Retiro sobre Mandalas | CEBB Alto Paraíso, setembro de 2015**

As mandalas incluem as sabedorias lúcidas e a visão de mundo que brota a partir das sabedorias lúcidas. Elas incluem também a noção das bolhas, e de como que a gente pode funcionar dentro do mundo. A noção das mandalas está ligada a Chenrezig, a usar a

arquitetura da ignorância e gerar visões úteis que funcionam dentro dos mundos dominados pela ignorância.

As mandalas têm uma inteligência lúcida que é geradora da mandala, então quando a gente convidar as pessoas para olhar de um certo jeito, se a pessoa olhar a partir da visão da mandala, as visões começam a coincidir. A vantagem da mandala é essa. A gente consegue agir em grupo se a gente consegue instalar a visão de mandala. Uma pessoa sai, outra pessoa entra, e as pessoas seguem agindo de modo coordenado, porque tem uma inteligência que opera ali dentro. Mas aquilo que não é propriamente lúcido a gente chama de bolha de realidade. Por exemplo, uma partida de futebol tem toda uma coerência, mas aquilo é uma bolha, não é uma mandala. Não tem uma inteligência lúcida ali, e a maior parte das coisas são bolhas, não são mandalas.

### **2.1. Mandala de Chenrezig**

As mandalas são, por exemplo, Chenrezig, que olha os seres e vê a dificuldade deles se moverem. Como, por exemplo, a gente olha uma criança, e não tá pensando, por exemplo, “são os olhos da mãe! A boca do pai! A orelha do avô!” Uma coisa assim. E o time? “O meu time!” Isso é uma forma de olhar. Mas Chenrezig olha e vê: superdifícil de se manter vivo. Ele tem uma natureza luminosa. Ele cria as realidades, mas é muito difícil tomar decisões adequadas e se mover. Ele está se movendo por desejo e apego, por gostar e não gostar. Isso não vai longe. Isso gera problemas diretamente. Isso gera obstáculos. Então, surge compaixão. Ao mesmo tempo, surge amor. Ele vê qualidades no outro. Surge uma disposição para se mover para ajudar o outro. Assim é a mente de Chenrezig.

### **2.2. Mandala de Prajnaparamita**

A gente olha e vê que todas as aparências são luminosas. Tudo é luminoso. O tijolo não é o barro. O tijolo é mais do que o barro, mas a diferença entre o barro e o tijolo é alguma coisa luminosa, que é inseparável das paredes, do uso dos tijolos e da nossa necessidade de abrigo, do frio, do calor, tudo isso está dentro da noção de tijolo. Uma noção luminosa disso. Quando nós olhamos para aquilo, a gente já está olhando assim.

Eventualmente tem duas pessoas, por exemplo, um casal trabalhando juntos. Eles estão fazendo o mesmo tipo de atividade. É muito atraente, é muito magnético quando duas mentes veem igual. Surge uma super alegria em nós, quando a gente encontra alguém assim. Isso é a essência mais profunda do namoro. Quando as pessoas se encontram, elas compartilham visões. Isso é super profundo. Super maravilhoso. É possível nós compartilharmos visões.

### **2.3. Mandala e a sanga**

As mandalas e as bolhas tratam disso, desse encontro e desse desencontro. E as mandalas lidam com mundos de sabedoria, que não são coisas pessoais. Por exemplo, compaixão pelos seres não é uma coisa que dependa de mim, ou da minha idade, ou do meu sexo, ou de alguma coisa pessoal. O outro também pode olhar com o mesmo olhar de compaixão. E outro também, e outro também. Mas, por exemplo, se eu gosto ou não gosto de alguma coisa, isso é algo que pode me unir com uma pessoa agora, mas daqui a pouco isso é totalmente divergente. **A mente do samsara é divergente, porque o gostar e o não gostar, o desejo e o apego é alguma coisa que sempre flutua.** Até mesmo nós não somos coerentes conosco mesmo. A gente gosta de alguma coisa agora, daqui a pouco a gente não gosta mais. Nós temos uma mente divergente. **Mas a mente das mandalas é convergente.**

A partir da visão da mandala, cada vez que a gente usa de novo a mente, a gente vê a mesma coisa e os outros que olham, veem também. Começa a surgir uma convergência dentro da mandala. Isso possibilita uma ação coerente. Mas como nós temos visões curtas de mandalas, às vezes, isso é muito flutuante. Surge num momento e some, e nós temos outras mentes operando a partir dos doze elos da origem dependente, do samsara, de Maya, nós temos essas outras mentes, e essas mentes se interpõem. A gente acha uma coisa, mas daqui a pouco a gente acha outra coisa.

É natural que dentro da sanga e dentro dos grupos haja esse ponto. Mas isso é justamente o que nos permite ver como que a sanga é o próprio Buda, porque a sanga nos permite esse contraste e esse atrito que nos faz avançar. A gente olha de novo com o olho da mandala e a gente vê o que deveria fazer, mas por dentro tem uma outra coisa que diz pra fazer de outro jeito. Nós temos contradições, e essas contradições nós vamos purificando através do encontro com a sanga, especialmente.

A gente pode escolher uma sabedoria, como por exemplo, o amor. Nós vamos olhar com olho de amor. Em toda a direção que a gente olhar, nós vamos ver qualidades nas pessoas. Em todas as direções. Nós vamos encontrar qualidades nos animais, nas plantas, nós vamos encontrar coisas maravilhosas. A gente vai ver essas qualidades e a gente vai entender como que a gente deveria fazer para promover essas qualidades. Como é que a gente cuida de uma planta, como é que a gente cuida de uma criança, etc. Tem alguns autores que ensinam o cuidado com as crianças, dizendo: “as mães têm intuição. Os pais têm intuição. Se eles olharem para o filho, eles sabem o que é mais adequado fazer.” Eu acho isso muito comovente, porque isso é essencialmente amor. A gente também poderia dizer que todas as pessoas têm uma intuição sobre o que uma planta precisa. Mais ou menos, a gente intui. Se a gente olhar para a planta, a gente pode entender o que ela precisa. A gente pode se enganar um pouco, mas depois a gente acerta. Com as crianças também. A gente olha para elas e a gente termina entendendo o que está acontecendo. Essa capacidade é amor. É a capacidade de entender o outro no contexto dele, ver as qualidades e ajudar a promover essas qualidades. E o amor produz alegria. Quando a gente manifesta essa dimensão de amor, olha para os seres, e se move dentro dessa dimensão, nós nos alegramos. Essa alegria, se vocês olharem de uma forma profunda, é uma energia que sustenta.

## **2.4. Inteligência não pessoal**



Uma das características da mandala é a inteligência não pessoal. Por exemplo, se a pessoa disser que o amor é ela, que o amor é o olhar dela, isso não é verdade, porque qualquer pessoa pode usar o olhar de amor. Isso vai traduzir uma mandala. Tem uma qualidade, como o amor, que não é de alguém, não é pessoal de alguém. A pessoa pode se vincular àquilo, mas aquilo não é dela. Qualquer um pode usar aquilo. Então, pode haver essa convergência. Quando nós olhamos em volta, tudo ganha sentido a partir disso. A gente pode dizer que a essência do mundo é o amor. As coisas funcionam porque nós somos capazes de apreciar uns aos outros e cuidar uns dos outros. Por isso que construíram esse prédio aqui, por isso que nós estamos hoje aqui, e não fomos nós que cuidamos desse prédio. Alguém pensou que ele poderia ser útil, arrumou, abriu os espaços, arrumou a luz, e nós estamos aqui.

Nós temos essa capacidade de olhar a partir do amor. Nós começamos a olhar em todas as direções e é assim. Hoje a gente se alimentou, amanhã a gente vai se alimentar, alguém pensou em nós. Se não em nós especificamente, pensou que essencialmente as pessoas precisam comer. As pessoas plantaram, cuidaram, elas foram capazes de entender as plantas e cuidar mais ou menos das plantas, de tal maneira que elas oferecem o alimento pra nós. Tem um super cuidado. O mundo inteiro opera assim. Alguém olhou por nós e achou que a gente merecia, não importa o jeito que a gente tinha. É extraordinário isso. Alguém olhou pra nós e passou a nos cuidar dia e noite. Se a gente mereceu, se valeu a pena ou não, isso não importa. Alguém olhou por nós. E nós somos muitos aqui. O amor sustenta o mundo. Isso é a visão da mandala do amor.

Nós podemos ir trocando a mandala. Nós temos compaixão, amor, alegria, equanimidade, generosidade, moralidade, paz, energia constante, concentração e sabedoria. Nós podemos ir juntando as qualidades. Cada uma delas não é de alguém. Temos a capacidade de olhar os outros no mundo deles, a capacidade de se alegrar pelas coisas dos outros e não apenas nossas, temos a capacidade de entender o destino das pessoas, o que vai acontecer com eles, a capacidade de exercer as ações melhores e não as piores, a capacidade também de ver em toda a manifestação aquilo que não nasce e não morre. Essas visões são as mandalas.

Nenhuma das mandalas corresponde a uma inteligência de uma pessoa. Nada está ligado ao gostar ou não gostar, querer ou não querer, desejo e apego. As mandalas são amplas. A pessoa pode descrever o que ela vê: “Eu vejo amor em todas as direções”. “E você, o que você vê?” Cada um vê alguma coisa. Isso é a mandala. Uma mandala dialogando com outra.

## **2.5. Regentes, guardiões e protetores das mandalas**

No universo Vajrayana, cada mandala é regida por uma deidade. Tem uma deidade, que é um Buda no centro da mandala. O Buda usando uma qualidade. Um conjunto de qualidades que caracteriza a ele mesmo. Mas são budas simbólicos, não são existências. É o regente da mandala. Tem também os guardiões da mandala. É muito interessante isso. Eu acho muito comovente os guardiões da mandala. Os guardiões são os obstáculos, aquilo que nos impede de entender a mandala. Por exemplo, o auto-centramento é uma qualidade que nos impede. Quando a gente chega na borda da mandala, tem um guardião no portão. Ele pergunta alguma coisa pra nós, e a gente dá a resposta errada, a porta não abre.

Então, as pessoas estão aqui, umas entenderam e outras não entenderam. Como é que a gente entra em uma mandala? A gente tem que gerar méritos. A gente tem que ter uma certa capacidade, senão, a gente não consegue penetrar. Se a pessoa não entende as qualidades dos outros e não é capaz de pensar nos outros independente de si mesmo, a pessoa não consegue apreciar as qualidades dos outros. Se ela não conseguir apreciar as qualidades dos outros, ela não tem como manifestar amor. Se ela não entender como é que funciona o engano na mente do outro, ela não tem como manifestar compaixão pelo outro. Ela pode manifestar pena, pode manifestar outras coisas, mas se ela não entender como é que avidya funciona, como é que as pessoas se perdem, ela encontra o guardião na porta e ela não consegue entrar na mandala.

O centro das mandalas é a inteligência dos budas. De um modo geral, todas as deidades manifestam as quatro qualidades incomensuráveis e as seis perfeições. Todas elas descrevem isso, de algum jeito ou de outro, todas as deidades tem aquilo na forma de braços e pernas e atributos do corpo. Elas manifestam isso simbolicamente. Mas essas qualidades todas brotam de outras coisas. Ali tem um cruzamento que é uma descrição Mahayana das deidades, por exemplo, a cor azul corresponde ao Buda Akshobia, sabedoria do espelho. Se a pessoa manifestar a sabedoria do espelho brota compaixão, amor, alegria, equanimidade, generosidade, brota todas aquelas qualidades. O Buda Akshobia manifesta esses dez aspectos, as quatro qualidades incomensuráveis e as seis perfeições.

Do mesmo modo que a cor azul corresponde a isso, tem a cor amarela que corresponde ao Buda Ratnasambava, que também manifesta as quatro qualidades incomensuráveis e as seis perfeições a partir da sabedoria da igualdade. Quando isso de fato ocorre, isso ocorre no corpo da pessoa, na energia, na fala, na mente e na visão que a pessoa está operando, ou seja, em como que ela vê o que está no entorno dela, que é a paisagem. A pessoa se manifesta desse modo, sem esforço. Naturalmente, isso é uma mandala. Isso é o centro da mandala, a deidade, o regente da mandala. Toda a mandala tem os auxiliares, vários tipos de seres dentro da mandala, tem também os guardiões dos portões. Tudo simbólico. Não tem nenhum guardião, de fato. Se tivesse um guardião, o guardião ia querer que as pessoas entrassem, e não que não entrassem. Tem uma coisa simbólica, por isso é usada essa linguagem. Não só tem os guardiões, mas tem também os guerreiros dentro, os protetores internos da mandala. Aqueles que lutam para que as coisas sejam de um certo jeito.

As mandalas já são a iluminação. Mas como a gente faz imperfeito, aquilo vai mais ou menos. A operação da mandala corresponde à mente iluminada. Mas aquilo, pra nós, são apenas flashes. A gente entende um pouco disso. Eu prefiro usar essa descrição. Eu raramente me refiro à iluminação. Eu acho melhor a gente usar as mandalas como um método de funcionamento em meio ao mundo, por quê? Porque a natureza primordial já está disponível, então, se eu consigo utilizar um pouco disso, é o melhor sistema. Se eu consigo utilizar um pouco disso em meio ao mundo é melhor, porque eu tenho a sensação de que eu estou em meio ao mundo, então, eu começo a furar essa sensação de mundo e de identidades através da inteligência das mandalas. Eu não estou usando as mandalas de forma completa, mas eu vou indo e vou avançando nessa experiência. Esse é o sentido de a gente estudar as mandalas, como um método. Ele ainda não é o ponto final, mas eu começo a praticar o ponto final para chegar ao ponto final.

Mas, por exemplo, eu estou descrevendo a sabedoria das mandalas, mas eu não estou descrevendo a gênese da sabedoria das mandalas. A iluminação inclui a gênese da sabedoria das mandalas. De onde é que brota a sabedoria da mandala? Tem uma natureza, que é a

mandala última, Samantabadra. De lá brota isso. A gente precisa entender isso também. Mas quando a gente entender isso, a gente vai entender como é que todas as coisas aparecem. E como que todas as inteligências do samsara e as inteligências lúcidas surgem também.

*Transcrição: Taís Fonseca*

*Edição e revisão: Stela Santin (última revisão: agosto de 2017)*

### 3. Retiro “Ação no mundo como caminho de lucidez” | CEBB Caminho do Meio, Viamão/RS, 19 de abril de 2015

#### 3.1. Sanga: o aspecto coletivo do caminho

Agora a gente vai dar sequência, examinando o aspecto da ação coletiva, ação em conjunto. Dentro deste tema, no budismo a gente tem a sanga. A sanga é o primeiro aspecto coletivo que a gente vê. A sanga é o próprio Buda. A ação coletiva é a sequência desta condição da sanga. Nós vamos treinar no refúgio, na relação com o Buda, com o Dharma, com a Sanga. A relação com o Buda corresponde a este aspecto de visão. O Dharma também corresponde a todos os tipos de ensinamento, tudo o que brota da mente do Buda. A gente segue deste modo. Tem o refúgio, o treinamento na relação com a Sanga.

No início a gente considera que o samsara é o samsara. Existem as pessoas no mundo, existem os seres do mundo e a sanga é alguma coisa separada. Um pouco adiante a gente vai entender que todos os seres que nos auxiliam de algum modo representam a sanga. Um pouco adiante a gente vai entender que não só os seres que auxiliam o nosso caminho são a sanga, mas enfim, **não há como nós termos uma vida verdadeiramente individual**. Nós estamos em grupo. Não há como separar a sanga não só dos outros seres humanos como também dos seres em geral.

Então, a visão da sanga se amplia. **A gente também vai entender que o treinamento na relação com a sanga é o treinamento na relação com o mundo inteiro**. A gente termina entendendo que a relação com a sanga é determinada pela visão. É a relação com o mundo determinada pela visão. A gente precisa manter esta visão adequada e nós desenvolvemos uma relação adequada com o grupo, com tudo. Isto é a base, a base da visão. Relação adequada significa que a gente vai tentar escapar da visão dos seis reinos, vamos tentar não estabelecer relações a partir dos seis reinos, vamos desenvolver motivação, reconhecer barro, lodo e água como a característica da ignorância e das dificuldades dos seres, vamos desenvolver a energia estável de bodicita.

#### 3.2. Ação no mundo

E a partir disto nós vamos manter as ações. Estas ações são ações individuais: as cinco sabedorias, as quatro qualidades incomensuráveis, as seis perfeições. Isto é essencialmente o tema da ação no mundo: manifestação das cinco sabedorias e da visão em meio a todo processo de relação. Mas nisto não há ainda o aspecto coletivo mesmo, que é o que eu vou introduzir agora. Ainda que haja este aspecto da sanga, é como se eu ainda estivesse me relacionando com a sanga, mas eu não me relaciono em grupo, me relaciono individualmente com a sanga.

Como nós podemos fazer este movimento em grupo? Este é um tema superimportante. Eu tenho a sensação de que este tema não foi suficientemente abordado dentro do budismo. Ou seja, como nós podemos nos reunir em grupos e agir em meio ao mundo. Eu tenho a impressão de que isto não está suficientemente claro e é como se todo o caminho, todo o movimento sempre fosse individual. Toda a ação no mundo fosse individual, tudo individual. Ela não está clara.

Quando nós estamos na vida cotidiana, inevitavelmente, nós temos este desafio, porque nós estamos em grupos. Agora a gente poderia pensar: "Bom, eu não vou andar em grupo, eu vou andar individualmente." Os eruditos, em princípio, estão sozinhos. Estão traduzindo, quietos, meditando. Os meditantes, os iogues, estão sozinhos. Não vão meditar em grupo.

A gente vê este processo andando assim. Mas os leigos não, os leigos trabalham essencialmente em grupo, é necessário trabalhar em grupo. Nós, os leigos, não temos como trabalhar sozinhos. Então, na medida em que nós somos iogues do cotidiano, exercendo as diversas funções no mundo, é essencial que a gente opere também em grupo. Tem algumas habilidades que surgem disso. São habilidades interessantes e elas têm um diálogo também com o caminho individual.

Por exemplo, quando a gente está dentro do CEBB, quando está dentro dos vários processos, a gente tem este desafio sempre, porque, enfim, a gente não está sozinho, a gente está em grupo. E como que os grupos podem se estabelecer dentro de um processo de lucidez? Como fazer isso? Isso não é uma coisa fácil. Isso realmente não é uma coisa fácil.

Eu não consegui sistematizar isso de forma bem estruturada, mas eu fiz umas tentativas. Tem esse texto que eu publiquei, "Mandala do Lótus", que trabalha com isso, esse é o tema. Então, tem alguns meios hábeis no meio desse processo. Tem o movimento e tem alguns meios hábeis para as circunstâncias difíceis. Como contornar as circunstâncias, como se mover no meio disso. O ponto central é a gente comparar, por exemplo, o processo comum de gestão de grupos com o processo por dentro do Dharma.

O processo comum dos grupos é um processo piramidal. Eu tenho visto, às vezes, com uma clareza mais nítida, às vezes, eu consigo pegar o exemplo exato: "Olha aqui! Aqui é o processo piramidal. Este processo apresenta tais obstáculos e não tem como superar isto. Não tem como superar. Nós realmente vamos ter problemas aqui dentro." Se nós usarmos o processo da mandala, ele contorna esses obstáculos facilmente.

Ainda que eu veja isso, eu não consigo sistematizar isso de forma perfeita, fechada e arrumada, como, por exemplo, as Quatro Nobres Verdades; o Nobre Caminho de Oito Passos; Visão, Meditação e Ação. **Eu tenho uma sensação de que este processo das mandalas é um conjunto de meios hábeis. Ele tem uma visão e um conjunto de meios hábeis.** Esses meios hábeis podem ir se expandindo. Mas eles não são meios hábeis que possam se estabelecer como um sistema facilmente. Mas dá para ir estruturando, por exemplo, baseado no mesmo tipo de abordagem que eu tenho usado aqui.

Por exemplo, o nosso movimento individual precisa de uma motivação, que é *bodicitā*. Se nós tivermos um movimento individual piramidal, ele dá problema direto. Como é que seria um movimento individual piramidal? "Eu mando em mim, mas o 'mim' não está com vontade de obedecer ao 'eu'". Ou seja, eu estabeleço um processo estruturado de movimento e decreto: "Às cinco e meia da manhã, prática, às sete, ginástica. Uma hora de corrida por dia, uma refeição por dia, duas horas de estudo." A vida anda rápido, atingimos a iluminação em um instante. Aquilo vai fácil! Mas a gente olha para si mesmo e vê: "Como é mesmo que eu não consigo obedecer a mim mesmo!?"

Vocês contemplem: já não é uma questão de obedecer ao outro, de seguir a orientação de outro ser, que é o problema dos grupos. "O outro disse para eu fazer isto, mas eu não quero fazer. Todo mundo espera que eu faça uma certa coisa, mas eu não estou mais com vontade de fazer e não vou fazer."

No livro Mandala do Lótus, eu analiso isso como Caminho do Ouvinte. Ou seja, a pessoa tem uma série de recomendações que ela deveria obedecer. Mesmo que ela mesma tenha descrito as recomendações e tenha chegado a uma conclusão brilhante, a própria pessoa não segue aquilo.

Todo mundo quando está doente faz uma análise mais ou menos assim: "Eu agora tenho que fazer isto, tenho que fazer aquilo, agora isto nunca mais, agora isto aqui sempre." A pessoa toma grandes decisões para os próximos cinquenta anos. Aquilo não resiste. Em uma semana a gente volta ao processo cármico. A gente poderia pensar "mas por que eu sigo o carma e não sigo o bom-senso?"

### 3.3. Carma e liberdade

A gente escorrega facilmente para dentro do carma, que a gente não sabe de onde vem, a gente sabe que está causando problemas e nós temos dificuldade de seguir o bom-senso luminoso que brotou de algum lugar elevado. Esta é a questão.

A liberdade seria seguir o carma ou seria seguir o bom-senso? Acho que honestamente liberdade é seguir o carma, não é? Porque, afinal, é o que parece que é liberdade. Seguindo o carma a gente se sente mais confortável, mais espaçoso. Se a gente tem que seguir um bom-senso, aquilo dá um problema. Mas se vocês olharem com cuidado o que acontece, isto não é uma questão de seguir alguma coisa cognitiva, uma questão de obediência ou não.

O que acontece é que a essência do carma é a responsividade, **a essência do samsara é o carma e a responsividade**. Ou seja, surge uma coisa, nós temos uma programação para responder de um certo jeito. Esta resposta não é uma resposta que o aspecto cognitivo possa lidar. Vocês talvez já tenham tentado olhar para uma criança e dizer: "Olha, alface é superbom. Rúcula, agrião, verdes, as plantas crescidas, você vai ficar grande..." Isso não altera a forma de pensar deles.

Outro dia eu vi os cientistas dizendo que, do jeito que as pessoas estão comendo e expandindo, nós vamos ter que começar a comer insetos. Vai ter vários pratos maravilhosos a base de insetos: lagartas deliciosas com curry... Eu vi a cara das pessoas experimentando aquilo, superbonito. A teoria está toda assim: aquilo tem muito ferro, tem muita proteína, uma coisa maravilhosa. As pessoas fazem uma cara horrível diante daquilo. Por que uma cara horrível? Aquilo é pura estrutura cármica!

Para nós, mesmo que a gente tenha uma disposição em andar em uma certa direção, nós temos uma estrutura de resposta automatizada. Essencialmente isso. Essa estrutura de resposta é descrita de forma muito profunda no budismo. Ela está além do aspecto cognitivo, está além do reconhecimento da mente que pensa. Por exemplo, quando nós olhamos para as coisas, a mente automaticamente movimenta energia.

Este movimento de energia produz o nosso impulso, produz a nossa reação. Antes mesmo de nós obedecermos a esta reação, a aparência das coisas surge. **A própria aparência das coisas já representa o carma**. O fato de olharmos isso aqui como tapete, aquilo ali como mesa, esta pessoa como agradável ou como bonita, tudo carma.

### 3.4. A arte como meio hábil

Estive contemplando esta questão da arte, por exemplo, os gregos representando as figuras humanas em esculturas. Eu achei que eles poderiam ter descoberto o processo da delusão. Está certo que a gente pode fazer uma imagem porque acha bonito. Esta é a explicação mais plausível. Mas, por exemplo, é um tema de meditação (é um *kadima*, por exemplo), nós olharmos uma figura humana em pedra e contemplarmos as emoções que brotam da pedra. Porque aí nós conseguimos ver o aspecto sutil que está embutido no nosso olhar quando a gente olha as pessoas. Porque ali não tem uma pessoa, mas os aspectos emocionais brotam mesmo que a pessoa contemple a pedra.

Então, quando nós estamos contemplando carne e osso, do mesmo jeito brota aquilo, é igual, porque a gente tem a impressão de que estamos vendo uma pessoa. Então, não preciso nem raciocinar.

A arte inteira é isto: eu pego qualquer material e faço brotar a estrutura cármica. Que mais seria, senão a estrutura cármica? Agora quando eu olho a estrutura cármica eu poderia descrever: é meu carma olhar para a pedra e ver uma figura humana. Mas é mais do que isto. Eu poderia dizer: é meu carma olhar para a pedra e ver, e ter uma sensação humana olhando para a pedra. Mas é mais do que isto também. Nós olhamos a pedra e a nossa energia se move.

### 3.5. O nível da energia

Eu queria converter isto novamente ao tema da energia. Não tem muitos textos que aprofundem isto. Um deles é o livro *Magic Dance*, do Thinley Norbu. Também tem um outro texto raro que é *Ensinamentos Secretos de Guru Rinpoche*. Ele vai tratar ao nível da energia. Por exemplo, **se nós tratarmos as coisas no nível cognitivo, estamos perdendo tempo**. Porque o que nos comanda não é o nível cognitivo, o que nos comanda é o nível da energia. É superimportante a gente entender este ponto.

Com essa observação inicial eu estou na verdade me preparando para usar a linguagem da energia neste tema do grupo. Por exemplo, na pintura os artistas vão mudando, eles têm muitos diferentes estilos, muitas diferentes formas. São mensagens que eles trazem. Por exemplo, na pintura realista, por vezes, a gente vê cenas de batalhas.

Nas cenas de batalhas, algumas circunstâncias são muito interessantes porque a pessoa não foi atingida ainda, ela vai receber um golpe, mas ao mesmo tempo ela está dando um golpe no outro que está desferindo o golpe sobre ela. A gente fica na dúvida quem é que vence aquilo. O pintor percebeu isso, então ele ata a mente da pessoa. Porque a pessoa tem um interesse em ver quem é que vence, então, ele prende a pessoa. E ali na imagem os dois estão assim, há duzentos anos...*(risos)* E você passa ali, vê a imagem e não sabe o que vai acontecer. Você passa e fica parado. Aquilo é covardia, ele devia pintar o quadro seguinte, ou seja, mata logo um ou outro, resolve aquilo.

Também tem cenas de naufrágio. Ondas muito grandes e as pessoas estão ali dentro, fazendo alguma coisa e tem aquela onda, não se sabe se a onda vai derrubar aquele barco ou não vai. Isto eu vi na arte japonesa também, tem umas coisas superlindas. Tem uma imagem que

chama Tsunami, que é um barco de pesca com várias pessoas e uma grande onda vindo. E aí? Não sei, até hoje não sei o que aconteceu. (risos)

Mas, por exemplo, quando a gente descreve isto, vocês vejam: o que acontece? O que acontece e o que não acontece, não tem importância. O fato é que ali só tem, nas imagens japonesas, papel de arroz e negro de fumo. Negro de fumo é fuligem, é um material maravilhoso, porque mais degradado do que está, não dá; ele não oxida mais do que já oxidou. É um material estável, aí você pode deixar ele mais preto ou mais cinza e você faz aquela imagem.

Mas o que acontece? Os artistas fazem um espelho que reflete a nossa dimensão cármica diretamente. E o que tem dentro dessa dimensão cármica? Dentro desta dimensão cármica tem movimento de energia. Por exemplo, a gente pode achar alguma coisa bonita, a gente fica com uma cara meio assim: "Ah, legal.." Mas se tem uma cena de movimento, em nós tem um movimento também que fica contido, ele não se desata.

Também é assim na literatura, por exemplo, as Mil Histórias Sem-fim, aquilo é uma maravilha, é incrível. Por quê? Porque você começa a contar uma história, quando a história vai se desenrolar, chega um personagem ou acontece alguma coisa e ali se abre um relato. Aquele relato toma totalmente a nossa mente, nós esquecemos do relato anterior e ele segue. Quando ele vai desatar, surge um evento que conduz aquilo a um outro relato, e aquilo não tem fim. A gente fica com cara de bobo! Mas, mais do que com cara de bobo, a nossa energia é simplesmente arrastada de uma história para outra.

A gente não estava preso naquela história. Se a gente estivesse preso, se a gente estivesse realmente querendo resolver aquilo, a gente não passava para outra história. Ele mostra como a gente está em uma bolha, passa para outra bolha e para outra bolha. Se fosse uma história budista seria assim: "Mil Bolhas Sem Fim."

É mais ou menos como uma criança: "mãe, eu quero ir tal coisa..." e a mãe: "você já tomou banho? Agora, banho! Escovou dentes? Não, então: dentes!" Pronto, aquilo acabou. Tem uma história, você engancha em outra história. Não é que uma coisa tenha conexão com a outra, mas o movimento da energia arrasta o outro. **A essência do movimento é energia.**

Vamos supor: dentro de um processo piramidal, alguém tem ideias e usa uma habilidade que talvez esteja no reino humano, no reino dos semideuses, ou em algum outro reino, para conduzir aquilo. De modo geral, a condução se dá através do processo cognitivo. Essa condução não tem muita força. Mas, por exemplo, se nós olharmos como a gente se move dentro das coisas, a gente vê que nós nos movemos quando a energia se move.

Tem meios hábeis para produzir isto. O mecanismo do samsara, por exemplo, é a recompensa. Você faz uma coisa e ganha outra. Este é o mecanismo usual, nós operamos com dinheiro, economia. A base da economia é isso. Não estou com vontade de fazer tal coisa, porém eu compenso, substituo uma coisa por outra. Vocês olhem como por vezes a gente desenvolve isso. Aqui na nossa visão, dentro da perspectiva budista, a gente não vai usar o mecanismo de samsara para fazer isto acontecer.

Com criança, você tenta negociar isso, mas eles tentam subverter esse processo. A pessoa leva um tempo para ficar confiável. Para ser treinada ao ponto em que ela realmente entende isso, então ela cumpre aquilo para então depois receber alguma coisa.



As pessoas livres de um modo geral não fazem isto. Por exemplo, os nativos no Brasil não foram domesticados, eles tiveram grandes dificuldades. Não foi possível domesticá-los a ponto de colocá-los para trabalhar. Este é um ponto interessante. Vamos supor, nós estamos trabalhando na direção de gerar a liberação dos seres. Os seres estão avançando em direção à liberação da sua energia e da sua mente para andar de uma forma lúcida no mundo. Logo, como nós vamos aprisionar os seres? Como é que a gente vai criar uma estrutura aprisionando os seres? Não dá! Nós estamos liberando os seres!

### 3.6. Conversas apreciativas como meio hábil

Tem processos hábeis que transformam o ponto onde a pessoa está no caminho. Neste âmbito, tem vários meios hábeis. Um meio hábil que eu tenho utilizado é de um modo formal ou informal operar com **conversas apreciativas**. Nas conversas apreciativas tem sempre um ponto em que a pessoa é convidada a pensar como as coisas poderiam ficar melhores. Todo mundo tem um movimento de energia baseado na sensação de que se algum movimento for feito, tudo melhora.

Então, nós estamos dentro do caminho. No caminho também a gente pensa "eu vou treinando e alguma coisa vai melhorar". Se nós operarmos a partir da motivação *bodicita*, em benefício dos seres, nós sentamos em roda, entendendo que cada mente é uma mente búdica olhando segundo um referencial particular. Dessa forma, a gente sai quase que instantaneamente da posição piramidal, porque dentro da posição piramidal, um pensa e os outros executam. Ou um pensa, delega partes para os outros pensarem e aquilo vem vindo assim. Mas nos níveis abaixo, os outros têm uma posição em que eles pensam e os outros executam. Aquilo vai por camadas. Mas aqui a gente **senta em roda**. Se nós temos visões diferentes, estas visões diferentes são riqueza.

Este é um ponto que se repete nas culturas tradicionais, nas culturas nativas, nas diferentes partes do mundo. Ou seja, se tiver uma pessoa se opondo, a gente deve parar. Por quê? Porque se tiver um olhando de forma negativa, ele está vendo alguma coisa que o restante do grupo não viu. Não é assim: "ele é um chato, ele é 1%, ele não é nada. Afinal, 99 estão querendo ir, um não está querendo ir, aquele um não importa. Por que ele não entende que a opinião dele não importa? Como ele tem coragem de se levantar e falar, se está todo mundo querendo ir em outra direção?"

Este pensamento não vale, porque cada um tem um nível de lucidez. Ele está vendo, a gente tem que esgotar aquilo, tem que ver aquilo até o fim. Este é o ponto. Mas isso eu considero um meio hábil, que a gente pode seguir ou não.

Entre parenteses, gostaria de fazer um comentário lateral. A loucura está incluída nesse tema também. Vocês vão observar que nas culturas tradicionais não tem propriamente o conceito de loucura. A integração das pessoas é feita de um outro jeito. Mesmo que a pessoa esteja vendo coisas esquisitas, ainda assim, tem um ponto supersutil em que aquela pessoa se levanta e dá um testemunho. Aquilo tem uma riqueza própria.

### 3.7. Auto-organização

Um outro aspecto que também pertence às culturas nativas - ele foi trazido por Claude Lévi-Strauss, eu lembro do Celso Marques comentando isso muitos anos atrás - foi feita esta

pergunta para os nativos: Como é que eles escolhiam o chefe na guerra? Eles responderam, ao longo dos anos - porque tinham diferentes pessoas que faziam a pergunta para eles, que "o chefe é o que vai à frente, na guerra."

Esse é um ponto superinteressante, porque é bem diferente da cultura ocidental, na qual o chefe é o que não vai na frente na guerra. Ele fica no lugar mais protegido. Por exemplo, em toda a sociedade organizada, o chefe não vai na frente. Ele é o estrategista daquilo, ele está fora do esquema. É tipo treinador de futebol: "Agora vocês corram, façam isto. Agora vocês não deixam entrar gol e façam gol. Entenderam, é simples." Ele não vai ser afetado por aquilo. Nas culturas nativas o chefe vai à frente.

Então, tem esse ponto de como é escolhida a liderança. Dentro de uma sociedade horizontal, entre os nativos, também não tem hierarquia, não tem alguém que vá comandar aquilo. Essa questão, vocês podem imaginar, reflete diretamente dentro do cerne das reflexões sobre organização social. Por exemplo, as sociedades hierarquizadas podem se estruturar de diversos modos. Mas tem as sociedades anarquistas, que talvez não existam. Se todos somos livres e horizontais, como surge a decisão? Como as decisões são tomadas? No anarquismo, a noção não é propriamente de anarquia, mas seria de auto-organização. A palavra "anarquia" tomou um rumo estranho. Vocês vão encontrar nos textos a palavra "auto-organização". Esse é um ponto superinteressante, que toca Gandhi, toca Tolstói, toca vários grandes pensadores, que trabalharam esse tema da auto-organização a partir de uma base comum. Esse é um ponto central.

Por exemplo, para vários tipos de ideologia, não é possível a auto-organização. Nós temos que criar uma elite que domina o processo, é simples. Essa elite pode dominar o processo para benefício do capital ou para benefício da sociedade, mas ela vai dominar o processo. Mas tem este processo da auto-organização. No caso dos bodisatvas, isso fica um pouco mais fácil, porque eles entendem bodicita. Bodicita é o funcionamento, é o brilho que movimenta nossas vidas individualmente.

### **3.8. Convergência em grupo**

Quando nós nos reunimos em círculo, em grupo, a inteligência de cada um é importante. A inteligência de cada um é a mesma inteligência búdica, é a mesma inteligência compassiva, é o bodisatva olhando a partir de diferentes lugares. Ele vê um pouco diferente, porque ele está olhando a partir de diferentes lugares, então, a opinião de cada um é superimportante. E como é que eles convergem? Esta convergência vem através de um processo, onde nós refletimos em conjunto sobre como as coisas têm ido e como elas poderiam ir melhor.

A gente pode introduzir o tema do que tem andado mal. Mas, de modo geral, o que tem andado mal, pode ser perfeitamente substituído pela pergunta "como andar melhor". Quando a gente pergunta o que andou mal, de modo geral, nós abrimos a posição de crítica. Essa posição divide o grupo, porque alguns vão concordar e outros vão discordar. Isso produz, no mínimo, dois grupos, mas possivelmente mais grupos, produz uma diversidade de grupos.

**Quando nós pensamos em como fazer melhor, a pergunta converge em uma direção.** Por exemplo, se a gente não concordar com aquilo, a gente não se opõe propriamente. Aquilo não nos mobiliza muito, se tiver algumas pessoas que acham que aquilo é interessante, eu acho interessante também. Mas se alguém disser que o que foi feito antes foi equivocado, alguma

coisa assim, sempre vai ter alguém para proteger e para evitar, então isto produz divisão. Como vocês estão vendo, é uma questão de meio hábil.

Para produzir isso, nós precisamos dessa visão. Esta visão precisaria de pessoas que tenham confiança. Elas vão ver, vão pensar, vão sonhar e vão falar. Mas estas pessoas precisam ser construídas, porque elas não estão neste ponto. Elas frequentemente não se sentem à vontade nisso. Este processo de construção também é um processo de círculo.

### **Resumo da etapa de sonhos/ etapa da convergência:**

1. Sentamos em roda e perguntamos:

- O que tem andado bem? O que tem funcionado?
- Como poderíamos ampliar nosso movimento, como poderíamos fazer isso andar de forma mais intensa e beneficiar um número maior de pessoas, em todas as direções?"
- Como podemos fazer melhor?

### **3.9. A experiência no Castelinho**

Eu lembro quando foi feita a reunião do Castelinho. Foi uma das primeiras reuniões coletivas do Castelinho. A gente usou essa noção de dar nascimento positivo. A gente sentou e se estruturou: "como é que a gente vai usar este método? A gente quer dialogar com a região, a região precisa avançar, precisa refletir, precisa sonhar e avançar. Mas eles estão todos dispersos, as pessoas estão em vários lugares".

Como a gente começou? Nós começamos utilizando a experiência da Raquel Rech no resgate da história oral da cultura italiana na região de Caxias, que pareceu muito apropriado. Então, o que a gente fez? Nós literalmente começamos a bater nas portas das pessoas para pedir que eles contassem como foi quando eles chegaram, se eles tinham fotos antigas dessa época e como era o ambiente, como as pessoas funcionavam, como era aquilo. A gente começou a perguntar isso para eles. Por quê? Porque antes de eles sentarem em uma roda, eles precisavam ter nascimento.

Esta noção de dar nascimento é uma coisa superimportante. É um meio hábil, mas junto com o meio hábil, é o próprio trabalho do bodisatva. O trabalho direto do bodisatva. Vocês chegam em uma casa, vocês batem na porta, vocês se apresentam, perguntam essas coisas sobre a experiência da própria pessoa. A gente está estabelecendo uma relação com o outro, que é uma relação nova.

A gente tem um olhar para o outro, o outro tem um olhar para nós. Este olhar dá nascimento a alguém. Qual é o olhar com que a gente vai dar nascimento ao outro? A gente está considerando que o outro tem valor, ele tem conteúdo, ele tem coisas importantes dentro. Isto é o que vai pautar a relação. E a outra pessoa olha para nós, que estamos perguntando, como alguém que tem interesse por ela. A gente não sabe o que a pessoa fez, o que ela aprontou, onde ela anda, o que aconteceu antes, isto não importa. Nós estamos dando nascimento novo, zero quilômetro, zerado. Nós temos interesse por aquela pessoa, aquela pessoa gera interesse conosco.

Não sei onde andam esses relatos, talvez a gente tenha perdido, mas nós tínhamos muitos relatos, a gente gravou isso tudo. Eu considero uma coisa preciosa. Nesse processo, a gente encontrou a secretária de educação que tinha sido diretora de uma escola, ela ficou nossa amiga. Surgiram várias pessoas muito preciosas. Essa professora, que era secretária do município, tinha um projeto. Ela queria transformar a região, ela queria melhorar a vida das pessoas, ela tinha um trabalho consistente. Mais adiante, seu Walter foi trabalhar lá na escola, onde também ela tinha este contato, aquilo foi se desdobrando e foi andando.

Esse trabalho foi sendo feito até o momento em que uma reunião ficou madura. Eles tinham uma dificuldade de falar uns com os outros também. Então, nós convidamos essas pessoas que estavam mais próximas, que tinham estabelecido uma certa conexão, que tinham um certo nascimento, para sentarem em roda aqui.

No início da reunião foi explicado isto: "A gente vai falar um pouco das coisas boas que cada um viveu e cada um vai trazer uma sugestão sobre coisas que poderiam acontecer." Essa era a nossa reunião. As pessoas se levantavam e tremiam, faziam discursos apaixonados. Não é comum. Este nascimento que estava sendo dado era um nascimento de grupo. Não é fácil a gente se levantar para falar o que você viveu e o que você acha que seria melhor para um grupo do bairro onde você mora. Isto não é muito fácil.

Se todo mundo fica em silêncio e ouve aquela pessoa falar, a pessoa ganha uma respeitabilidade diante daquele grupo. Ela tem um nascimento diante do grupo, não é mais um nascimento um a um, é um nascimento de grupo. Todo mundo saiu fora do script. Eles criticaram, apoiaram, fizeram as coisas mais variadas. Mas para o nascimento coletivo, valeu. Aquilo foi maravilhoso, foi realmente especial. Esse processo segue, é real, acontece de fato.

Quando as pessoas chegam - e neste caso aqui ficou claro, as pessoas têm uma dimensão pessoal, elas querem ser aceitas, elas têm aspirações pessoais. É o samsara mesmo, com todas as suas vantagens e desvantagens. Quando a reunião seguiu, eles começaram assim: "precisamos de escola, precisamos de posto de saúde, parada de ônibus." Vai surgindo uma série de necessidades. Em uma época no Castelinho que não parava ônibus ali. "A gente precisa o documento da terra, legitimação da posse da terra. A gente precisa segurança de que a gente não vá ser expulso daqui." Vai surgindo esse tipo de demanda e aquilo serve.

Quando um fala, todos os outros começam a concordar: "Nós precisamos disto, precisamos daquilo." Aquele olhar brilha. Quando o olhar brilha, isso é o movimento da energia. Como nós temos nascimento uns com os outros, quando a gente se vê de novo a gente diz: "E aí, aquela reunião aconteceu? O que vamos fazer então?" É natural que a etapa seguinte, "vamos fazer o quê, então?", brote desta expectativa. Faz parte do processo uma fermentação. Ou seja, a gente tem um sonho, agora a gente deixa aquilo fermentar.

Ou seja, a gente quer ir adiante. Este "querer ir adiante" conduz a uma outra reunião, a gente senta e faz a mesma pergunta e de novo vêm as ideias e vem uma etapa adiante. Mas ali não tem propriamente uma hierarquia da gente dizer "fulano disse que agora é assim, nós vamos fazer tal coisa". Tem um conjunto de pensamentos que vai legitimando e que vão sendo legitimados daquele modo. E este conjunto de visões produz um movimento de energia. Esse movimento de energia passa a acionar de um modo natural as pessoas.

Depois de um tempo, surgiu o Cedin, surgiu a escola, a Casa da Sopa foi reforçada, a Associação ficou reforçada, surgiu a parada de ônibus, surgiu uma série de coisas. O prefeito

veio várias vezes aqui. Esse é um outro tema interessante, porque quando surge um círculo e as pessoas convergem, as autoridades encontram um meio de comunicação.

Agora a gente chegou no Bacopari e precisamos melhorar a estrada. A gente vai descobrindo que tem dificuldades entre as pessoas. Eu estava propondo para o prefeito: "olha, acho que a gente precisa fazer uma associação com os moradores da região". O prefeito: "Sim, por favor, faça isto, porque senão não tem interlocutor". A administração municipal quer trazer benefícios para o local, mas ela não tem com quem falar. Quando ela fala com um, os outros se incomodam; quando ela fala com outro, os outros se incomodam. Ela não tem interlocutor.

Para a administração municipal é completamente crucial que surjam grupos que consigam, de modo horizontal, sentar com calma, meditar um pouquinho e refletir sobre sua própria situação. Isto conecta com estas estruturas. Naturalmente esta conexão por vezes dá problema, porque onde tem as pessoas organizadas, imediatamente chegam os outros que querem arrastar os que estão organizados em direção a um partido ou outro partido.

Dentro da sanga isso não acontece. Porque nós temos a noção de bodicita, votos de bodisatva, nós estamos seguindo um movimento de transformação, nós não estamos dentro de um processo comum do mundo. Mas este processo de conversa é superútil. Ele produz isto em qualquer nível. Nós não tivemos mais oportunidade de seguir, porque nós estamos superocupados, fazendo muitas coisas. Mas eu acho que esse é um software, que dá para nós simplesmente chegarmos nas regiões e produzirmos benefícios para eles através disto. Ajudando as pessoas a se organizar, nós vamos indo.

### **3.10. Visão de Terra Pura**

Aqui na nossa sanga, a gente vai usar uma a noção de mandala, de terras puras. Esta noção de terra pura pode ter diferentes acepções. Uma das acepções de Terra Pura é a noção de Terra Pura de Guru Rinpoche. Guru Rinpoche olhando para o mundo: ele não vê o samsara, ele vê uma Terra Pura.

Por exemplo, dentro da visão Vajrayana, as deidades representam sabedorias búdicas. Mas as visões das deidades têm uma característica própria. O que elas veem é um pouco diferente. Vamos supor, se nós olharmos com os olhos de Prajnaparamita, a gente olha em volta e vê vacuidade. Olha em volta assim: as aparências surgem como vacuidade. Se a gente olhar com os olhos de Cherenzig, nós vemos compaixão e amor por todos os lados, regendo isto. Se a gente olhar com olhos de diferentes deidades, brotam diferentes visões. Se a gente olhar com os olhos de Guru Rinpoche, brota a visão das aparências como a Terra Pura de Guru Rinpoche. Então, existe a noção de Terra Pura neste sentido.

Existe também a noção de Terra Pura dentro de uma abordagem onde a Terra Pura é um local intermediário aos nossos olhos. A gente renasce em uma Terra Pura, mas a gente não vê totalmente aquilo como perfeito. A gente vê a partir da nossa estrutura de carma. Mas a Terra Pura é tão benigna, que aquela Terra Pura aproveita nossa estrutura de carma e transforma nossa estrutura de carma em um movimento que nos leva até a iluminação.

Amitaba, por exemplo, permite esta interface. Porque Amitaba faz o voto de beneficiar todos os seres, de nunca desistir de ajudar os seres. Amitaba vai gerar Cherenzig, ele tem este voto. Isto significa o quê? Intenção iluminada de Amitaba olha para o mundo inteiro, para as

aparências e converte aquilo em meios hábeis da sabedoria discriminativa, que conduzem ao destino final, que é a iluminação. Dentro da visão de Amitaba surgem coisas superpreciosas.

Vocês olhem as quatro nobres verdades, o Buda vai falar: verdade do sofrimento, de *duka*. Ele apresenta a situação que as pessoas estão vivendo, ele pega a complicação das pessoas e transforma aquilo na primeira nobre verdade. Ele pega a complicação e transforma aquilo em caminho espiritual. Uma super-habilidade. O que todo mundo tem? Complicação, então serve. Para começar o caminho: perfeito. "Você tem uma vida complicada? Você tem frustrações? Perfeito, serve."

Sufrimento, origem do sofrimento... Ou seja, *duka*, origem de *duka*, os doze elos da originação dependente. Isto nos permite antever: como esses elementos são artificiais, eu posso atingir a liberação. Mas sobre o que nós estamos conversando? Nós estamos conversando sobre o funcionamento usual e aparente do mundo, que é por onde todo mundo consegue entrar. Se a gente dissesse: "abandone isto e faça uma outra coisa", a pessoa diria "ah, isso eu não consigo". Ele começa no ponto onde a pessoa está. Ou seja: "Você tem fome? Você tem frustração? Você tem transmigração? É isto, então vamos começar deste ponto". Cherenzig vai a partir deste ponto.

Os budas têm a capacidade de transformar as aparências em uma escola, em uma Terra Pura, onde nós vamos simplesmente seguindo e vamos nos liberando. Isto é Cherenzig.

Eu estava vendo uma descrição de Tulku Urgyen Rinpoche, um grande mestre, em que ele diz: "quando os praticantes experientes se aproximam da morte, "se eles não atingiram a iluminação durante a vida, é como acontece no décimo quinto dia do mês lunar. Neste dia, enquanto o sol se põe, a lua se levanta. Eles estão um defronte do outro. Quando o sol da vida cessa, a lua da iluminação levanta." Super lindo isto. Estão lá na pintura, o sol e a lua. "Enquanto a vida finda no corpo, a mente brilha lúcida. Totalmente iluminada, entendendo as aparências, tendo superado totalmente as conexões cármicas, que se desfazem junto com o final da vida.

Ele começa a imantar as coisas comuns. O sol, na verdade, não se põe, nem a lua se levanta. É a terra que está girando. Isso realmente não importa, o que eles estão fazendo é assim: eles estão imantando o mundo comum, onde parece que o sol se põe e que a lua se levanta, eles estão imantando com o ensinamento da iluminação. Isso é Terra Pura. Os mestres têm a capacidade de reconstruir, de refazer as coisas, simplesmente.

Eu estou descrevendo isso para a gente entender mais ou menos o que é Terra Pura. Ou seja, nós tomamos as coisas comuns e nós damos um outro significado para elas. A gente pode fazer isto individualmente, pode fazer isto em grupo. Na nossa linguagem, isso são as mandalas. Quando a gente pensa assim: "vamos fazer uma área para retiro!" Tem um número de pessoas que aspiram àquilo, eles constroem com a sua mente. Aquilo pode ser qualquer coisa, mas de agora em diante aquilo não é mais qualquer coisa, aquilo é uma área, é uma Terra Pura onde as pessoas vão meditar, vão fazer retiros longos. A gente constrói aquilo, constrói com a mente.

Quando a gente primeiro sonha e constrói, este sonho está conectado a Cherenzig, ele tem um nascimento desde o lodo e da água. Bodicita manifesta aquilo, diferentes pessoas em grupo manifestam bodicita. Cada um pensa de modo um pouco diferente, surgem os meios hábeis, cada um vai contribuindo de forma convergente, porque tem uma visão comum. Aquilo vai convergindo.

Por outro lado, o que a gente tem de estrutura cármica, a gente coloca junto. A estrutura cármica que nós colocamos junto vai explodindo também. A gente vai tendo frustrações, apegos, impermanências, aquilo tudo vai girando. Aquilo é nossa prática em meio ao mundo.

Mas aqui, nós fazemos uma prática um pouco diferente. Existe a prática em meio às aparências comuns e existem as práticas em meio às aparências de terras puras. Quando a gente está trabalhando dentro de uma visão da construção de um centro ou de uma escola, a gente está se aproximando de uma prática dentro da visão de Terra Pura.

Quando nós estamos trabalhando, buscando objetivos comuns, nós podemos estar juntos, mas aquilo é uma prática no meio do samsara. Todas as práticas no meio do samsara são frustrantes. É impossível, com certeza. É tipo lavar roupa, lavar prato, aquilo não tem fim. No dia seguinte de novo, no outro dia de novo. Por exemplo, nós podemos nos juntar para melhorar a estrada aqui da frente. Depois de arrumada, ocorre de uma criança ser atropelada. O samsara é todo contraditório.

Quando a gente busca alguma coisa como melhorar a parada de ônibus, tapar a estrada, melhorar o acostamento, etc., a gente está pensando em um benefício que vem para nós, é uma motivação que brota dentro do samsara. Quando nós estamos olhando um centro de meditação, pode ser que a gente nunca vá fazer retiro ali, mas a gente sorri, porque a gente está olhando aquilo de forma ampla. A gente sorri pelos animais que vão estar naquele santuário, porque ali é um lugar onde ninguém vai ficar caçando, matando. Ali é um lugar de proteção.

A gente fica feliz pelas plantas, pelos insetos, pelas flores, por tudo o que puder andar por ali. A gente fica feliz pelos outros que vão ficar sabendo que tem um lugar deste - que nunca vão vir, mas vão saber. A gente se alegra com isso. A gente espera que, a partir destes lugares, as pessoas melhorem suas vidas e irradiem em muitas direções. Isto é a visão bodicita, mas tem uma visão coletiva. Esta visão se estrutura e manifesta o *lung*, a energia. A partir da energia, as coisas fluem. Este é o processo, em linhas gerais este é o mecanismo.

### **3.11. Visão piramidal**

Às vezes, chegam pessoas que estão com uma visão piramidal. A visão piramidal, de modo geral está vinculada ao samsara. A pessoa tem um nível de apego à sua própria opinião, à própria visão. Ela tem dificuldade de ouvir os outros e tem dificuldade de trocar de opinião. Ela tem dificuldade de considerar que a visão dos outros é uma visão que deve ser ouvida. Ela tem uma sensação assim: "se eu me preparar mais e melhor, refletir mais e melhor e estudar muitos diferentes casos, eu tenho a opinião final. Eu vou dizer a opinião final e os outros seguem." Isso é um problema difícil.

Por exemplo, se nós temos apegos desse tipo, quando vem alguém e se contrapõe, nós temos dificuldade de ouvir. Se nós somos praticantes, nós vamos praticar a partir disso. Se a gente não é praticante, a gente vai se incomodar ou a gente vai embora ou briga, ou tenta impor, ou divide o grupo. E tenta fazer uma reunião quando os outros não vierem, toma decisão e assume o controle. Esse é o processo usual, totalmente normal, que inclui desde associações de bairro, condomínios, a partidos políticos e gestão de nações do tamanho que for ou grandes organizações. Eles estão sempre em grupos de interesse lutando uns contra os outros. Eles não têm propriamente um sonho em comum.

Modernamente surge a corrupção em muitos diferentes âmbitos. Ou seja, as pessoas não trabalhariam naquilo simplesmente porque elas têm vontade de ver aquilo acontecendo. Elas estão em postos-chave, então elas querem lucrar percentagens sobre os movimentos das coisas, é simples. Isto não é um fenômeno brasileiro. É espantoso o número de primeiros-ministros do Japão que foram demitidos por corrupção.

Os europeus civilizados estão imersos nisso, os americanos também, todo mundo imerso nisso, na mesma situação. A democracia americana é muito criticada por vários setores, porque ela na verdade é um conjunto de pessoas que têm interesses variados e usam poder econômico, usam poder de vários modos. Eles realmente não se importam em manipular a opinião pública, em fazer o conchavo que for e impor sua vontade. Há a dúvida se ela efetivamente se constitui como uma democracia ou se são grupos que assumiram o controle daquilo, mobilizam a mídia e vão se repetindo sempre dentro de uma única visão. Mesmo que os partidos se alternem no poder, eles são mais simpáticos ou menos simpáticos. Mas o que eles vão fazer é mais ou menos o mesmo: seguem fazendo as guerras; seguem fazendo as coisas que eles querem. Tem vários pensadores que refletem sobre esta questão, perguntando se efetivamente há uma democracia ali ou não.

### **3.12. Purificação na sanga: o pilão e o arroz**

Voltando para o tema da motivação na sanga: como fazer isso funcionar? O CEBB é um laboratório disto. Não vou dizer que é um laboratório acabado, que as coisas estão resolvidas - elas não estão resolvidas - e também não quero dar esperanças, porque as coisas não vão se resolver. Elas não se resolvem por uma razão simples: nós estamos com nossa motivação misturada com os seis reinos. Então, aqui é um campo de treinamento. As coisas funcionam mais ou menos. Mas o fato de elas funcionarem mais ou menos eu já acho assim "a vitória".

Nós não precisamos de mais nada, a gente só precisa que funcionem mais ou menos, a gente não precisa que funcione perfeito. Funcionar perfeito tem um problema, porque se as pessoas funcionam perfeito, se elas têm motivação perfeita, se elas estão fazendo tudo igual, então o sistema está sendo inútil, porque nós temos que atrair as pessoas que não têm uma aptidão perfeita e aquilo se torna o caminho espiritual delas. Se elas não tiverem um pouco de flexão, não se lascarem um pouco, aquilo não vai funcionar. Como é que um processo perfeito vai melhorar a pessoa?

No Zen tem este exemplo que eu guardei por muito tempo, que é do pilão e do arroz. Tem o arroz com casca, tem o pilão e a mão de pilão batendo. Se não tiver um monte de grão, não tem como arrancar a casca de cada um. O cotidiano é a mão de pilão, que força os grãos entre si e arranca a casca. Não tem problema nenhum, pois o pessoal está bem cascudo. Mas por trás da casca tem o grão nutritivo, perfeito, está ali. A mão do pilão é o cotidiano. Ela bate e a casca rompe. É isso, é simples. Então, um pouco de stress não tem nenhum problema. Muito stress dá problema, ou seja, a mão de pilão bate muito e aquilo voa para todo lado. Mas o pessoal varre e joga de novo lá dentro. A coisa vai indo.

Dentro de uma estrutura piramidal a gente pode criticar; dentro de uma estrutura deste tipo, não tem o que criticar, as pessoas estão todas em processo, elas estão arrancando a casca, aquilo é para isso mesmo. Eu acho milagroso que este processo segue. Maravilhoso que a gente possa também ter esta oportunidade, ou seja, operar dentro de uma estrutura onde a



gente sonha as coisas, sonha em grupos e vai fazendo. Este sonho não precisa ser de uma única mandala. Pode ser de diferentes mandalas cumprindo diferentes coisas.

A gente tem períodos melhores e piores. Por exemplo, a gente teve a mandala da horta que funcionou um tempo mais ou menos bem. Mas aquilo é rápido, se der qualquer problema aquilo afunda. É bonito de ver, superbonito. Bonito de ver aquilo crescendo, bonito de ver afundando, bonito de ver aquilo andando devagar. Quando, por exemplo, a horta entra em colapso, aquilo é perfeito também: que fique pelo tempo que ficar. Tem uma hora que tem uma lucidez que brota e aquilo tem uma reedição.

Se tem esgoto correndo pela estrada: perfeito! Nós vamos convertendo esgoto em iluminação. Porque aquilo vai incomodando, incomodando, incomodando e tem uma hora que a gente tem que sentar junto e pensar: como a gente resolve isso, de fato?

Se a gente tivesse uma estrutura piramidal, a gente resolvia aquilo. Mas nós estamos transformando cada coisa em uma coisa melhor. Historicamente aqui dentro tem áreas de grande purificação, uma delas é a área dos cachorros. Todo mundo já levou ou uma mordida ou uma lambida ou alguma coisa já aconteceu com todo mundo aqui dentro. A gente já teve fases variadas: os cachorros todos parados na porta ali. Fases em que a gente vai sair do templo e a gente não sabe se encontra o sapato ou não. Fases em que nós estávamos aqui e os cachorros brigando ali na porta.

Outra área maravilhosa que tem trazido muito crescimento espiritual é a área da cozinha De geração para geração. Eu já trabalhei na cozinha, a Regina trabalhou na cozinha. Eu entrava na escada da cozinha, a gente fazia revezamento.

Por exemplo, no CEBB, teve uma época que os retiros eram pequenos. Nós começamos em Porto Alegre, então aquilo era pequeno. Tinha uma sala em que cabiam quinze pessoas. A gente achava aquela sala enorme. Todo mundo supersério, compenetrado. A gente sentava só no bordo, só nas paredes. Aquilo tinha quinze metros, ou seja, era uma sala respeitável. Tinha o altar e tinha as pessoas em "U". A gente fazia retiro ali.

Como eu ia fazer para preparar comida, arrumar as coisas todas, fazer todo o serviço? Eu não ia chamar as pessoas e dizer "agora vocês façam isso e aquilo", ainda mais que a gente não morava em uma comunidade, morava cada um em uma casa na cidade. Então, eu começava dois dias antes, começava fazendo pão e iogurte, ia limpando o chão, arrumando tudo, ajeitando aquilo. Eu aprendi, em um outro retiro que eu fiz, que a gente pode fazer as sopas e deixá-las concentradas na geladeira. Depois você coloca mais água e aquece aquilo. Então eu fazia isto, eu deixava a comida toda pronta, era assim. E limpava o chão, arrumava tudo. Às vezes eu me atrasava um pouquinho, então eles me pegavam terminando de limpar o chão ou terminando de varrer a calçada na frente.

Este processo é assim. O que acontece quando você está fazendo aquilo? Chega outra pessoa e pelas costas ela conecta. Se eu chamar pela frente, ela não vem, mas pelas costas ela conecta. Ela vem e pergunta: "O que eu poderia fazer?" Como aquilo está tudo estruturado, eu tenho até dificuldade de dizer o que ela pode fazer. Porque se ela for fazer, eu paro de fazer e fico explicando para ela o que eu tenho que fazer e eu mesmo estou parado. E se eu estou andando, eu faço aquilo mais rápido do que se eu for parar para explicar para a pessoa.

Então, para o outro entrar, nós começamos a combinar com ele coisas. Começa esse nascimento um a um. O nascimento é um a um: eles nascem na conexão. E quando nascem na

conexão, a pessoa é confiável. Se ela não nascer para aquilo, se ela estiver obedecendo ordem, se ela combinou de chegar às 8 horas da manhã, ela vai entrar em contato e dizer "olha, aconteceu não sei o que com meu filho, tive não sei o que, não estou podendo ir." Mas se a pessoa estiver efetivamente conectada, ela não falha, ela sempre dá um jeito, aquilo não falha. Porque a pessoa tem essa conexão maior, ela tem uma fidelidade. Essa fidelidade é um ponto crucial.

### 3.13. Costura um a um

É assim: um a um, é uma costura. É como se fosse um tecido aonde nós vamos costurando pedras preciosas - as pedras preciosas são as pessoas. Tem que encontrar um lugar para aquela pedra. As pedras são um pouco móveis, não é mesmo? Mas elas precisam ser costuradas uma a uma, de forma que aquilo não seja uma prisão para elas.

A gente também pode costurar as pedras por tempos variáveis, por mobilidades. Por exemplo, como é que a gente vai costurar alguém que não está bem? A pessoa vem por um tempo variável para uma função específica. Depois ela é deslocada para outra, depois para outra. Ela vai fazendo coisas variadas, porque quando ela não está bem em uma coisa, pode se deslocar para outra. É natural que as pessoas que se aproximam muitas vezes não estão bem.

Se nós só pudermos receber pessoas que estão bem, isso é uma limitação. No voto de *bodicitá* você tem que receber as pessoas como elas surgirem.

### 3.14. Perguntas

*Pergunta: Como funciona o amortecimento que pode ocorrer na mente das pessoas nos CEBBs rurais em meio a esta liberdade que existe de se engajar ou não se engajar nas coisas? E em que momento que talvez o afastamento da pessoa seja mais benéfico para a própria pessoa do que a permanência dela no centro?*

Tem essas pessoas que vem e a gente não cobra, a gente não pede, a gente não vai atrás e a pessoa vai amortecendo. Acho que isso é uma possibilidade, isso acontece. Mas a gente vai ajustando isto. Porque, por exemplo, é natural que as pessoas queiram se conectar. É natural. Quem se conecta tem uma visão mais ampla do que acontece, tem responsabilidades que também surgem.

É natural que a gente queira ver e queira entender isto. Se as pessoas não estão querendo, a gente pode tentar remover os obstáculos. Talvez os obstáculos sejam assim: a pessoa está com um foco paralelo no samsara. É muito comum isso, porque todo mundo está com pé no samsara. A pessoa pode usar um movimento aqui dentro para poder manter uma ação no samsara de algum modo, no mínimo, para manter uma motivação no samsara. É natural também que as pessoas avancem um pouco e elas chegam a um certo ponto em que elas não conseguem ultrapassar. Elas têm várias estruturas do samsara que impedem. Enquanto aquilo está operando, a pessoa não consegue dar um outro passo, então, ela tem uma limitação. Todo mundo tem alguma limitação em algum nível.

Quando as pessoas chegam, elas encontram um lugar mais fácil e elas andam. Depois elas encontram uma limitação. Faz parte do processo a gente encontrar o passo seguinte que seria

bom para a pessoa e que está dentro das possibilidades da pessoa. Tem muitas coisas ligadas a meios hábeis. É natural que, com o tempo, algumas pessoas fiquem fidelizadas a alguns lugares e pareça que é totalmente indispensável a pessoa ali naquele lugar, que não seria possível a pessoa sair daquele lugar. A coordenação é um desses casos. De modo geral, parece que as pessoas que estão na coordenação não podem sair dali. Tem vários casos assim: a Regina já foi insubstituível, a Raquel já foi insubstituível, a Fabi já foi insubstituível, a Andiara já foi insubstituível. O Petry foi insubstituível. A Dione, o Marcelo Nicolodi, o Henrique, a Natália. Todo mundo insubstituível. Agora insubstituível é a Stela. Na escola, a Van é insubstituível, a Carol é insubstituível.

Insubstituível é assim: o último estágio antes de ir embora. É o mesmo princípio das florestas: tem uma árvore muito grande e tem muitas árvores ao redor. Aquele tronco muito grande foi; outros aparecem e aquilo vai. Eu acho que esta rotação é superútil, ela vai andando. Então, as diferentes funções dentro da sanga fazem parte do nosso caminho.

É bonito de ver isto, porque a gente também vai se acomodando. Vai indo por uma estrutura um pouco piramidal das pessoas, tomando decisões e às vezes as pessoas vão ficando um pouco sozinhas. Vai surgindo um tipo de relação aqui e ali, que é mais fácil ou mais difícil. A pessoa também cansou de aprender o que tinha para aprender ou aprendeu tudo o que tinha para aprender naquele lugar. Tem uma hora que este movimento tem que andar. Eu acho isso maravilhoso.

Agora nós estamos em um período de expansão. Expansão e consolidação, mas isto é um processo. Eu vejo também que a escola tomou muito tempo. Durante um longo tempo tinha sempre emergências acontecendo. Agora nós estamos em um mar calmo. As figuras principais dentro da escola com crianças por nascer ou crianças em amamentação, pequeninos. E com criança pequena as coisas flutuam, literalmente flutuam, tem dificuldades.

A escola sendo construída, projetos de arquitetura em andamento e a gente tendo que decidir coisas, registro, coisas bem difíceis, complicadas, que exigem continuidade, visão. Tem que administrar recursos, tem que gerar aquilo tudo, superdifícil. Tem uma mandala, tem uma inteligência, aquilo vai se reunindo, se reunindo, vai organizando aquilo. Aquilo vai andando. Eu penso que esse processo das mandalas, esse processo de inteligência coletiva oferece um desafio para as pessoas. As pessoas de fora olham e não entendem bem como funciona. E vai funcionando assim, mas funciona.

### **3.14.1. O mobilizador da mandala**

É importante ter um **mobilizador da mandala**. É necessário ter isto, alguém que já raciocinou as coisas e também convidou as pessoas para vir para o círculo. Ele desenvolve uma conexão com cada um, compartilha informação e faz aquilo tudo funcionar. Isto é superimportante. O focalizador da mandala também vai dar exemplo. Quando falhar tudo, ele vai lá e limpa o chão, arruma tudo, faz acontecer. Você tem que estar disposto a isso, ele vai dar o testemunho das costas e aquilo vai andando. Mas aquilo é a própria prática da pessoa, a pessoa não vai dizer "tem uma falha", a pessoa vai dizer "isto é minha prática".

É muito curioso isto, por exemplo: o topo de uma pirâmide vai exercer cada vez mais poder sobre os outros. O topo da mandala vai tomar para si os obstáculos. É mais parecido com o chefe indígena que vai na frente na guerra: ele pega o pior para si. Mas quando ele pega para

si, não tem a sensação de sacrifício, porque ele tem o testemunho, ele tem a energia. Esta é a diferença da coisa, se mobilizar a energia, aquilo vai. Se tiver a sensação de sacrifício, aquilo pode ser transformado em prática. A pessoa precisa refazer a motivação.

Se o sacrifício persistir, é preferível tirar a pessoa daquele lugar, para ela não desgastar. Se ela se desgasta, ela vai para um reino inferior fixada e aquilo é problema. Então, por compaixão a gente não pode deixar a pessoa ali. Os cargos são todos voluntários, a pessoa está testando. Quem praticar *shamata* gera a capacidade de sustentar a energia. Da capacidade de sustentar energia a pessoa é promovida para lavador de pratos, para testar. Lavando pratos, vai para limpeza de chão. Se está indo bem, pode ir para a coordenação.

*Pergunta: Quando seria mais benéfico para a pessoa deixar o centro de Dharma do que ficar?*

Lama: Quando a pessoa está criando mais carma do que mérito, é melhor ela sair. Esse é um critério que Chagdud Rinpoche usou. A gente tenta uma vez, tenta outra vez e a pessoa segue criando mais carma. Nesse caso, é melhor sair, porque ela está afundando.

*Pergunta: E no caso de carma gerado por amortecimento?*

Lama: A gente vai fazendo transferência de mérito para a pessoa. Tem uma inteligência coletiva das pessoas, que começam a dizer: "ele está desperdiçando o tempo, só está comendo, dormindo, não faz nada, desperdiça internet e cria intriga". Suponhamos que a pessoa esteja fazendo isso e alguém vai lá falar para o Lama: "Lama, tal pessoa, tal coisa", e o Lama: "Calma..." Eu, de modo geral, vou usar este processo. Mas isso começa a pesar sobre o Lama. Isto é transferência de mérito, ou seja, você fica ajudando o outro. Mas tem um ponto em que não dá mais. Tem sempre um ponto que não dá mais. Você tenta arrumar, mas tem a hora de ir embora. A hora de ir embora é a hora de ir embora.

De modo geral, quem precisa ir embora está super longe de todos os critérios de qualidade para ter vindo pra cá. Quando a pessoa vem, a pessoa está dentro de um programa, a pessoa vem aqui para treinamento, ela está dentro da estrutura do CEBB, o CEBB está oferecendo coisas variadas para ela. Se a pessoa não está aproveitando aquilo, ela já está fora. Se ela não está minimamente integrada ali, fazendo alguma coisa, a pessoa está fora. Não tem sentido a gente manter uma estrutura, acolhendo alguma coisa que não é mais o programa de treinamento da pessoa. Eventualmente, a pessoa também está gerando carma. Ela mesma está com má vontade, ela está olhando com olhar negativo aquilo. Ela está com uma visão de oposição, ela está ali dentro porque de alguma forma ela tem alguma vantagem na perspectiva do samsara. Nesse caso, não é interessante ela ficar.

Aqui na área do CEBB, tem o CEBB mesmo e tem os moradores da comunidade. Na comunidade, as pessoas ficam o tempo que quiserem, não tem nenhuma restrição. Mas a área do CEBB, que inclui alojamento, cozinha, etc, é o CEBB que está oferecendo. Para os moradores o CEBB não oferece isso, os moradores dão um jeito de viver. Nas áreas específicas do CEBB é a que isto se refere. São pessoas que estão nos alojamentos, que estão usufruindo da própria estrutura do CEBB.

Eventualmente o CEBB exerce funções que estão fora da ideia inicial. A gente às vezes acolhe pessoas aqui dentro, porque as pessoas estão muito mal do lado de fora, não porque elas tenham uma vocação ou uma razão para ficar aqui dentro. Eu considero que os problemas que a gente teve foram nestas circunstâncias: pessoas que estavam muito mal e a gente acolheu,

mas elas não pertenciam à estrutura, não sonharam aqui, tinham visão oposta ou visão com atrito, visão diferente. Mas eles são apoiados, porque eles não estão bem. São apoiados simplesmente. Se eles conseguem se ajustar, eles geram mérito; se eles não se ajustam, eles começam a gerar uma estrutura de carma, começam a gerar problemas. Não é que a gente crie problemas para eles; a gente acolhe, mas eles começam a gerar atritos e gerar posições rígidas, de um jeito ou de outro, e aquilo vai desgastando o processo. Eles terminam tendo que ir embora.

Não são muitos casos, mas eu me lembro de dois imediatamente. Por exemplo, uma das pessoas estava dentro da área da escola, abrindo site pornográfico no computador da escola. Isto não é uma coisa recomendável, não é? Vocês podem imaginar: a gente chama a pessoa e "pá!". "Pá!" Isso significa assim: a gente fala pra ela, mas deixa ela ficar. Daqui a pouco, ela faz outra coisa supercomplicada e você chama a pessoa e "pá!". Depois você chama a pessoa e diz: "Agora vai. Se você estiver muito mal, uma outra vez, volta. Aqui é como uma casa de família, você vem aqui, a gente te cuida. Quando estiver gordinho e bem, pode ir embora. Mas aqui, realmente não é o lugar, não dá."

Por que a gente vai acolher essas pessoas? Estas pessoas pertencem a outras sangas e elas estão muito mal. Eles também fizeram ações mais ou menos assim em outros lugares, eles estão com portas fechadas, estão com lugares totalmente obstruídos.

Eu acho muito bonito a gente também ter regras, para poder pular por cima das próprias regras. Eu acho isso uma coisa excitante, pular por cima da regra. A gente cria uma regra e pula por cima dela.

Eu vejo a comunidade, o grupo do CEBB, tem muita proteção. A gente não balança e todo mundo termina ficando mais maduro. Tudo vai ficando mais claro, mais nítido. Nós, enquanto coletividade, vamos amadurecendo com esses vários episódios.

*Pergunta: Como não cair no materialismo espiritual de transformar a iluminação num galho ideal e dourado?*

Lama: Tem que fazer brotar *bodicità*. Fazer brotar *bodicità* é realmente o ponto. Porque o galo, quando ele vê o lodo, ele se gruda no lodo. O lodo significa as coisas atraentes do reino dos deuses, dos semideuses, dos humanos, etc. Ele surge como personagem dentro de algum destes reinos. O movimento dele se dá pelos doze elos da origem dependente, por gostar ou não gostar, desejo/apego, tem uma identidade e ali está também o galo. Mas quando a pessoa se move por *bodicità*, ou seja, ela encontra as aparências do samsara e brota *bodicità*, a pessoa vê o lodo e a água. A pessoa precisaria contemplar isto: ver o lodo e a água.

Tem alguns praticantes que tem esta aspiração de andar pelo mundo caminhando. Aqueles que quiserem andar pelo mundo caminhando, a meditação central é contemplar o lodo e a água. E não imaginar que, simplesmente andando pelo mundo e vendo se as coisas são agradáveis ou desagradáveis, ele vai andar em algum lugar. Não vai andar por lugar nenhum. Mas quando andar pelo mundo, veja se há lodo e água. Ele vai encontrar lodo e água por todo o lugar. Se a gente encontrar lodo e água, pode ser que no final de uma longa caminhada, brote simplesmente *bodicità* autossurgida.

***Bodicità autossurgida é o início e o fim do caminho.*** Se a gente encontrar *bodicità* autossurgida, nós olhamos, contemplamos lodo e água e então nós temos uma estrutura para

sentar e meditar. É quase impossível progredir em meditação sem *bodicità*. Eu acho superdifícil. Mas como, enfim, a própria meditação pode terminar gerando *bodicità*, então está bem. A gente pode usar meditação como um método de atingir *bodicità*. Mas quando a pessoa gerar esta *bodicità* enquanto uma energia autônoma, a pessoa vai andar muito mais rápido, não tem nem comparação. Enquanto ela for um galo, ela não tem esta energia autossurgida, então o processo dela é superlento. Porque o galo se prende em muitas diferentes coisas, essencialmente ele está no samsara. Ele gosta de algumas coisas, não gosta de outras e se move por desejo/apego.

Mesmo que a pessoa crie um ideal dourado acima, que ela queira atingir através desta condição autocentrada (a condição autocentrada é... não é autocentrada, ela se move a partir da energia que surge na relação com as coisas), é natural que apareçam outras coisas que desviam, depois aparecem outras coisas que desviam. A pessoa segue o movimento da energia como vai surgindo. Surge uma dispersão da energia, a pessoa não consegue avançar.

*Pergunta: Quando a gente deve usar um mantra ou outro?*

Lama: Esse processo em que a gente repete mantras e preces são úteis se a gente tiver mais ou menos o movimento sutil correspondente ao aspecto grosseiro que é o som. Nós podemos fazer uma acumulação da prece de sete linhas, eu acho isto superfavorável. A gente repete: "HUNG OR DJEN IUL DJI NUB DJANG TSAM PE MA GUE SAR..." E vai repetindo.

Se a gente tiver uma clareza do que nós estamos pedindo, melhor. Nós estamos pedindo as bênçãos de Guru Rinpoche. Essas bênçãos são a intenção iluminada de Guru Rinpoche. A intenção iluminada, em um sentido último, é a própria mente de Guru Rinpoche, então, a gente está pedindo isto. Mas quando a gente vai se dando conta que a gente está pedindo uma coisa que a gente já tem, fica mais fácil, nosso olho cada vez abre mais, fica mais claro.

Com o tempo nós vamos descobrir que isso que a gente está pedindo a gente já tem. A nossa natureza já é isso, nós somos totalmente inseparáveis da natureza búdica. A gente vai repetindo isso. No início, parece que há uma separação, com o tempo aquilo vai amadurecendo, porque a gente se mantém naquele tema, nós vamos purificando e vamos avançando. Esta acumulação é muito favorável.

Se a gente quiser, a gente pode fazer acumulação também do mantra do Guru. (OM AH HUNG BENZA GURU PADMA SIDI HUNG). Podemos recitá-lo dez milhões de vezes, ou três milhões de vezes ou um milhão e duzentas mil vezes. De um modo geral, os mantras todos têm essa contagem: pelo menos um milhão e duzentas mil vezes. Por que essa contagem? Porque leva um tempo muito longo para a gente vá passando de uma recitação média para uma recitação melhor, ou seja, para a gente poder terminar colocando a base da nossa mente em um outro lugar. Leva um tempo. É muito útil que a gente faça essas recitações.

Eu acho que realmente vocês poderiam estudar o Lótus Branco e fazer uma acumulação da Prece das Sete Linhas. É Guru Ioga de Guru Rinpoche. Quando eu digo isso, para quem é novo aqui, vocês vão achar superestranho. "Imagina, eu que pensei que cheguei no lugar da vacuidade, estou chegando no lugar da prece, pense! Estou perdendo tempo." Mas não é nada disso, pessoal. Este ponto é assim, por exemplo: quando nós olhamos a vacuidade, nós podemos olhar a vacuidade do "eu" e a vacuidade do "outro". A vacuidade do "eu" é a vacuidade de si mesmo. A vacuidade de si mesmo não é nosso desaparecimento no ar. Vamos

meditando, meditando e de repente "pof!" Atingiu a vacuidade do eu, ele sumiu. Depois vem o cobrador, vem a ex-esposa e pergunta "onde está o fulano?" "Ele atingiu a vacuidade do eu, evaporou, ele e o espaço são um, agora sumiu" "Ahã! Mas e a pensão e o imposto de renda como é que fica?" Então, não é isso que vai acontecer. Se vocês quiserem sumir no ar, esse não é o caminho.

Essa vacuidade diz respeito à nossa identidade. A gente vai observando que a nossa forma surge em diferentes bolhas, de diferentes modos. Nós não somos nenhum daqueles modos, nós somos o aspecto livre que permite adotar vários modos. Por exemplo, o llo, não é que seja colorado. Ele não é colorado, esse é um exercício da liberdade natural. Ele se manifesta como colorado como um exercício de liberdade búdica, é o exercício da luminosidade da mente.

A gente não é isso ou aquilo. Este é o ponto da natureza livre da mente, a gente vai descobrindo isso. Quando nós olharmos as coisas diante de nós, nós vemos que todas elas também brotam segundo o olhar que as designa. As pessoas também têm um autossurgimento a partir dos referenciais que elas tomam para si mesmas, mas a essência delas é a mesma essência livre que permite vários tipos de nascimentos. A gente vai olhando isto. O ponto principal aqui não é a vacuidade propriamente. O ponto principal é como as coisas surgem. Nós descobrimos que as coisas surgem a partir da originação dependente e da luminosidade.

E este surgimento a partir da originação dependente e da vacuidade aponta para a mente do Buda. Essa dimensão da mente do Buda é essencialmente o ensinamento *Mahamudra e Dzogchen*. Por exemplo, a gente agora não está mais olhando tanto a vacuidade, a vacuidade já está entendida. Mas a gente descobre que dentro da vacuidade tem a luminosidade que permite criar as coisas. Quando as coisas são criadas, a forma delas é vazia, porque a forma é sustentada por esta luminosidade. Nós vamos olhando assim. A gente começa a contemplar dentro, para ver o que tem lá dentro. Nós descobrimos sabedoria primordial, que é alguma coisa extraordinária.

Vocês vão ver também a mente de Buda descrita de vários modos: como vacuidade, como luminosidade, como sabedoria primordial. Uma capacidade de ver como as complicações surgem. Justo porque não está dentro da complicação. Você vai recuando dos referenciais que constroem as bolhas e então você tem uma sabedoria sobre as bolhas. Você não está dentro das bolhas, mas está vendo todas elas e também entra nas várias bolhas. Isso é sabedoria primordial. Primordial porque não tem um conteúdo contaminado, por isto é chamada primordial. Isto também está ligado à onisciência. Como é a mente do Buda? É onisciência, ele entra nos vários lugares.

### **3.14.3. Intenção Iluminada de Guru Rinpoche**

Tem também a intenção iluminada de Guru Rinpoche. Guru Rinpoche tem um interesse pelos seres no meio do samsara. Ele representa isto: ele vai nos diversos mundos e se interessa verdadeiramente e interage ali dentro, produz benefício. Por isso, ele é representado com oito formas: diferentes circunstâncias, diferentes desafios, diferentes manifestações. Nós rezamos a Prece das Sete Linhas. Com o tempo, dentro da Prece das Sete Linhas, a gente entende isto e entende o surgimento de *bodhicitā* junto com lucidez. Isto é a mente de Guru Rinpoche. Nós estamos pedindo isto, por isto que a gente está lá: "OR DJEN IUL DJI NUB DJANG TSAM PE MA GUE SAR...". A gente pede. No início a gente pede mais ou menos, mas a gente começa pedindo.

Quando a gente diz: "OM AH HUM VAJRA GURU PADMA SIDI HUNG", nós estamos evocando os cinco diani budas, porque a mente de Guru Rinpoche é os cinco diani budas. Por isto que o mantra dele é este, a gente recita uma prece e no final a gente diz "VAJRA GURU PADMA SIDI HUNG", a gente nomeia as famílias búdicas que representam estas inteligências. Nós estamos andando nesta direção. "OM AH HUM", corpo, fala e mente; "VAJRA GURU PADMA SIDI HUNG". Em sânscrito a forma correta é esta: "VAJRA GURU PADMA SIDI HUNG", as cinco famílias búdicas. Os tibetanos recitam mais ou menos, eles corromperam o sânscrito. Ao invés de dizer "VAJRA", eles dizem "BENZA"; "GURU", ao invés de dizer "PADMA", eles dizem "PEMA"; "SIDI HUNG": "OM AH HUM GURU BENZA PEMA SIDI HUNG". Nós estamos recitando: Em corpo, fala e mente a gente quer a manifestação das cinco sabedorias dos cinco diani budas, das inteligências búdicas. Isto é a mente de Guru Rinpoche e a gente quer se movimentar no mundo desse modo. Isto é a benção da iluminação que nós estamos pedindo.

As cinco sílabas, VAJRA GURU PADMA SIDI HUNG, são as cinco sabedorias. É a Sabedoria do Espelho, Sabedoria da Igualdade, Sabedoria Discriminativa, Sabedoria da Causalidade, Sabedoria de Darmata. As cores das bandeiras tibetanas. É o método da escola, a escola toma isso como base do processo pedagógico. Porque nós precisamos ensinar para as crianças aquilo que é. Precisamos ensinar não a montar uma identidade, mas nós precisamos ensinar a eles a inteligência de como andar no mundo de forma lúcida. Eu fico admirado com isto, fico feliz de ver. Eu vejo isso começando a aparecer nas crianças. As crianças ficando felizes por compartilhar os brinquedos delas. Um pega o brinquedo, o outro pega também e aquilo vai andando. Daqui a pouco o brinquedo volta e eles se alegram. É como a Sabedoria da Igualdade, a pessoa está fazendo uma coisa, o outro está brincando com os brinquedos dele, feliz, sem problema.

*Pergunta: como não confundir o bem estar que surge com a estabilização na prática no sentido de cair no sétimo elo, Vedana, imaginando que "agora eu faço isso porque eu gosto disto, porque eu me sinto bem, então, eu vou continuar fazendo isso"?*

Lama: Olhando o exemplo do CEBB, as pessoas podem ter *vedana* pelo reino dos deuses, podem ter *vedana* pelos semideuses, *vedana* pelos humanos, pelos animais, pelos seres carentes e pelos infernos. Eles podem ter *vedana* desse modo, porque a mente das pessoas está conectada ao samsara. É completamente natural que a pessoa manifeste *vedana*. Em outras palavras, isso seria assim: a pessoa vem sempre pela razão errada. Porque ela traz a visão do samsara e essa visão do samsara produziu uma atração. Essa atração está equivocada. Mas, ainda assim, a pessoa vai girando. A pessoa vai tendo frustrações e vai encontrando outros componentes e aquilo vai avançando. Eu não vejo um grande problema nisso.

Eu acho melhor que o lugar produza uma atração ilusória para os seis reinos. Mesmo os reinos dos infernos, dos seres famintos, acho que está bem. Por exemplo, as pessoas vêm para cá e elas podem olhar com o olho dos deuses. Elas podem olhar assim: "uau, natureza bonita, as pessoas estão bem, pessoas faiscantes, fascinantes, seguras, profundas, que maravilha!" Ou a pessoa vem com o olho dos semideuses: "eles estão achando que são o máximo. Eu vou aprender tudo e sair por cima deles." Eles chegam competitivos ou eles chegam competitivos com os outros de fora: "agora eu encontrei o lugar que realmente vence! Agora eu vou provar para eles que eles estão equivocados."

A gente pode chegar também no *vedana* do reino humano. A gente chega aqui: "que bom, aqui tem comida. Comida mais ou menos, mas tudo bem. Aqui a gente pode descansar, pode



estudar um pouco, ficar calmo. Aqui é um bom lugar para viver. Tem escola, tem uma comunidade, aqui é um bom lugar." No reino humano pode parecer interessante. No reino dos animais também: "aqui é um bom lugar para descansar, não tem chefia, não tem cobrança! Refeitório livre, a coisa está resolvida. *Wi-fi* está liberado..." Tem também os seres famintos que vêm, é um pouco parecido. E os seres dos infernos, como seria? Acho que eles podem achar que aqui é um bom lugar também, pois eles podem bater à vontade que ninguém retruca. É um bom lugar, é o paraíso dos infernos. *[risos]*

É o lugar mais seguro para a pessoa trazer seus monstros. No fim eles vão acalmando. Eu acho que mesmo os animais aqui são mais pacíficos. Os pássaros são mais pacíficos. Imagina: ninguém joga pedra nos animais, ninguém corre atrás deles, exceto os gatos e cachorros. Mas os cachorros também, estão ficando melhores. Os gatos estão alimentados, então eles também não são um grande problema. Eu acho interessante atrair os seres. Os cachorros a gente está vendo que eles não têm se beneficiado muito. Mas do reino animal para cima, ou seja, os humanos, semideuses e deuses terminam se beneficiando.

Eu já vi também pessoas que vêm e passam um tempo, depois elas vão embora. Se você for ver, elas estão pregando o Dharma em outro lugar, têm muitos assim. Nem sempre as pessoas se ajustam a grupos. Eu vejo que isso é superbonito. Outro dia eu estava falando com um desses, que viveu aqui um tempo, e ele estava me dizendo: "Olha, eu dou palestras em vários lugares, falo das bolhas, do nascimento..." Ele vai lembrando os ensinamentos, direitinho. E aquilo é superútil. Ele fala em centros espíritas, em diferentes lugares. Eu vejo assim: o budismo é mais um movimento, ele não deveria ser uma instituição. É melhor ele funcionar como um movimento.

No Tibete, a linhagem Nyingma era um movimento, ela não era um grupo estruturado. Uma estruturação e o chefe da linhagem vieram depois da invasão chinesa. Foi Dalai Lama quem instituiu isso. Mas a linhagem Nyingma era um movimento livre. Eu acho isso muito bom. O movimento vai se organizando. **Aquilo que tem méritos e encontra meios hábeis sobrevive. O que não encontra, afunda.**

#### 3.14.4. Terra Pura e a conexão com o reino humano

Entre as coisas que eu aspiro é uma conexão com o reino humano. Por exemplo: nós estamos avançando nesta etapa, que é a gente conseguir, dentro da estrutura da sanga, criar formas das pessoas gerarem recursos para poderem viver nas suas famílias, nos seus vários processos. Porque, por exemplo, fica meio ruim a pessoa ter que trabalhar fora para viver aqui dentro. A pessoa vai fazer um trabalho desconectado, sem uma ligação com o Dharma, para poder viver em um centro. Melhor a gente começar a criar um tecido que permita isso.

Por exemplo, nós estamos gastando pelo menos quatro mil por mês em vegetais frescos. Esse valor a gente poderia girar aqui dentro. Está certo que a gente melhorou, nós estamos comprando de produtores orgânicos. Mas era melhor a gente aprender, gerar este *expertise* internamente. Então, nós estamos aspirando gerar um projeto no CEBB Bacopari. Lá tem terra arável, plana, irrigável e água para irrigar. Gerar isto de tal maneira que a gente possa suprir a cozinha daqui com alimento sem veneno, equilibrado, cultivado com compostagem, direito. E oferecer espaço para que as pessoas possam trabalhar e viver deste modo. Isso seria superútil. Eu gostaria de fechar este *link*. Eu não consegui, mas eu também não desisto. É como a escola: a gente tentou por muitas vezes, com diferentes pessoas, diferentes métodos, diferentes

momentos. E a escola não acontecia, mas agora a escola está acontecendo. Na Terra Pura, como eu vejo, a gente vai ter que ter fonte de água e agricultura.

Eu tenho a motivação de conectar Bacopari com isto. Uma produção agrícola com a geração de uma *expertise*: como você se alimenta, como mantém saúde, como gera o alimento. A gente precisa disso. Eu acho escandaloso a gente estar comendo cada vez mais transgênico, ou seja, alimentos modificados geneticamente. Estamos perdendo totalmente a sabedoria de como manter saúde no meio de tudo isto. Não precisa. Estamos perdendo a semente, perdendo tudo.

A gente se diverte no meio disso tudo. Vocês podem imaginar quantos projetos podem ter em várias direções. Entre outras áreas, estamos conversando sobre a gente gerar essa expertise ligada à educação, ligada à meditação com as crianças, em como acolher as crianças. Podemos trocar a pedagogia que a gente utiliza com outras escolas. Todo dia tem uma peça dentro desse quebra-cabeça, que não é um quebra-cabeça, é a mandala sendo montada.

Agora nós estamos em contacto com o prefeito e com o secretário de educação de Palmares, que é onde fica o Bacopari. Pode ser que a gente consiga desenvolver um processo junto com a escola lá no Bacopari. Eu acho muito provável isto, a gente tem coisas muito atraentes. Nós podemos convidar as pessoas para várias coisas. Eu tinha imaginado que a área de Bacopari poderia ser o local aonde as crianças daqui vão para a praia, para a lagoa. Elas vão fazer contacto com a natureza, com as dunas, com regiões selvagens, que são raras hoje. Quem mora na cidade é triste, a pessoa vai caminhar nos parques e os parques estão apinhados de pessoas. A pessoa não tem liberdade ali também. Além do mais são lugares perigosos.

A gente imaginar que a cem quilômetros daqui tem área selvagem, é maravilhoso. Pode caminhar uma hora sem encontrar nada, no meio de dunas, de espaços. Você encontra a beira da praia e pode andar muitos quilômetros, dezenas ou centenas de quilômetros por áreas selvagens ou mais ou menos selvagens, com água cristalina. Eu acho maravilhoso que a gente tenha essa possibilidade, que a gente possa levar as crianças para contemplar o céu, a água, os vários elementos, é uma riqueza. Ainda mais se a gente mantém projetos. A gente pode convidar também outras escolas para isto.

Isto cumpre esta função, ou seja: nós levamos o Dharma, levamos a expansão da consciência das pessoas, mas a gente consegue viver no meio disto. Eu espero que a gente consiga expandir essas áreas todas para benefício das pessoas e para tudo poder se tornar um pouco mais estável. A gente vai cumprindo funções; vai gerando mérito. Na medida em que a gente vai gerando méritos, as coisas vão andando.

Os méritos podem ser convertidos também em formas das pessoas pagarem suas contas e andarem. Esse início é mais difícil, mas tudo funciona em um certo momento. Eu acho que a escola é um bom exemplo. Na escola de Alto Paraíso, como na escola daqui também, as pessoas estão podendo girar, estão podendo fidelizar a sua ação porque tem uma repercussão financeira, está todo mundo com carteira assinada. Mas nós estamos andando nessa direção. Estamos encontrando soluções econômicas para as escolas andarem e também para as crianças cujos pais não tem como pagar. A gente tem dado um jeito, a gente vai seguindo. É uma interface entre o samsara e Terra Pura. Eu acho milagroso que isso funcione. Se a gente somar as várias escolas, eu acho que nós estamos hoje com cem crianças, aproximadamente.

*Transcrição: Kátia Mafra*

#### 4. Reunião sobre Mandalas | CEBB Florianópolis, junho de 2013

Tivemos uma conversa anterior e surgiu a necessidade de uma reunião para ver como internamente surgem os funcionamentos gerais. Aqui em Florianópolis não tenho propriamente uma inserção no cotidiano do CEBB. Vocês têm mais conhecimento do que eu e já sabem o que é necessário para o CEBB Floripa. Então, quero abordar a questão das mandalas de forma mais ampla, no sentido de entender como funcionam.

A operação das mandalas é um processo aberto em que é possível receber ajuda das várias pessoas na medida do interesse delas, sem aprisionar ninguém dentro de abordagens específicas. Não é um processo de compromisso, mas um processo por dentro do qual a gente consegue fluir, em que é possível acolher diferentes graus de conexão das pessoas. Não é preciso que os envolvidos tenham um grau fixo de conexão; eles podem exercer um grau de conexão variável.

Trata-se de um processo de organização do trabalho não autoritário. Pois é possível haver uma oscilação entre dois extremos: de um lado, um processo totalmente livre que se torna caótico e, de outro, um processo organizado que se torna autoritário. A questão é, **como preservar a alegria, a felicidade, a iniciativa das pessoas, manter a abertura de pensamento sobre as coisas sem que seja caótico nem tenha um jugo autoritário?**

Esse é um ponto delicado. Trato desse tema de uma forma mais extensa no livro *Mandala do Lótus* (2006). Como chegar numa comunidade totalmente desorganizada e conseguir se organizar, através de uma auto-organização, sem utilizar o processo repressivo nem estabelecer o processo caótico? É o tema geral da questão das mandalas. Vou explicar aplicando à situação prática do CEBB.

No CEBB Canelinha, por exemplo, é necessário uma mandala que pense a utilização da área, a disposição dos terrenos. Por outro lado, sempre chegam pessoas novas, trazendo ideias novas, e temas que já foram abordados muitas vezes têm de ser abordados de novo. Começa a surgir uma sensação de perda de tempo. Quando estamos prestes a tomar uma decisão, chega alguém e diz: “será que não tinha de ser assim? será que não tinha de ser assado?” É bem difícil.

Aconteceu uma coisa semelhante na comunidade em Rodeio Bonito. Os assuntos eram tratados em roda, como estamos fazendo aqui. Mesmo que tratássemos dos assuntos num circuito em que todas as pessoas tinham interesse, era comum que houvesse pessoas passando, algumas davam ideias e depois iam embora. Por exemplo, nós iniciávamos um movimento de cultivar uma roça muito maior do que precisávamos, a princípio, porque as pessoas que chegavam tinham tais ideias. Acabávamos semeando muito mais do que precisávamos. Então, quando começavam as tarefas mais trabalhosas, que eram capinar e roçar, as pessoas que tinham dado as ideias já tinham ido embora. No período de colher, que é um trabalho pesado - tem de estocar, organizar - já havia pouca gente, as pessoas não estavam mais lá.

A inteligência de um empreendimento tem que ter um nível de organização, se não a gente se perde. Por outro lado, não se pode barrar as pessoas e dizer que elas não vão colaborar. Como fazer isso funcionar?

Numa ocasião, em Rodeio Bonito, eu estava colhendo mel, uma pessoa abriu a caixa de abelhas e depois foi embora sem fechar a tampa da caixa, deixando as abelhas escaparem. Havia pessoas passeando por lá, sem avisar, e a situação ficou perigosa. Assim, tive de parar o que eu estava fazendo e sair correndo para ajudar. Então, uma pessoa está fazendo pacientemente uma tarefa e alguém acha que pode fazer qualquer coisa espontaneamente. É uma situação problemática, em que, ao mesmo tempo em que desejamos acolher a boa vontade das pessoas, temos de ajudar a organizar as coisas. Não é uma coisa muito fácil.

As mandalas surgem para organizar este movimento coletivo. Lá no Rodeio Bonito, por exemplo, nós introduzimos o coordenador, um focalizador. Ninguém faz nada naquela área sem falar antes com o focalizador. Não se trata de ter uma autoridade repressora, mas, quando alguém vai entrar numa área, é bom que pergunte o que já andava sendo feito ali, de tal maneira que o movimento de todos seja harmônico. **Surge este conceito de mandalas e de um focalizador; se não tiver um focalizador, provavelmente não vai funcionar.**

Como gerir e fazer funcionar uma mandala? Por que às vezes a mandala está andando e depois vai perdendo a força? Como manter tudo fluindo? Quero explicar para vocês como é que se faz: é necessário o nosso lung e também o lung das pessoas. O lung é um processo sutil. Por exemplo, é possível entender que uma coisa deve e precisa ser feita, mas não haver o lung correspondente. Posso explicar para uma pessoa, ela pode entender, mas pode não ter o lung de fazer e também é possível ter o lung de fazer de outro jeito e não como foi combinado.

**O lung também define o nível de audição que a gente tem das coisas.** De acordo com nossa disposição cármica de lung, a gente ouve as coisas segundo um viés. Interpreta aquilo de um certo modo e faz de maneira que não considera os detalhes. Os trabalhos práticos são uma forma muito hábil de trabalhar com nossa mente. As mandalas não são simplesmente o lugar onde vamos fazer as coisas. São o lugar onde treinamos nossa mente, nossa energia, nosso foco, nossas relações.

#### **4.1. As relações dentro das mandalas**

Quando as relações não andam bem, não existe foco, é porque estamos sob o domínio de estruturas de carma que estão aflorando. Quando surge a desarmonia, não deveríamos eliminar, é uma coisa que deve ser aproveitada. Ou seja, o surgimento da desarmonia indica certas estruturas que precisamos reconhecer, entender e trabalhar. Isso significa tomar a mente como caminho, ou a realidade como nosso caminho. É super importante a gente poder aproveitar as coisas boas e ruins quando surgem.

A manutenção da área do Caminho do Meio é um bom exemplo de uma mandala: as pessoas que estão trabalhando ali dentro têm um dom específico para executar certas coisas. A mandala deveria funcionar assim. Cria-se um grupo com pessoas que gostam de obra, de planejamento, de plantar árvore, de administrar as contas de água e de luz, de cuidar da iluminação da área, abrir vala, tapar buraco, etc. Agora, por exemplo, vimos que havia uma discrepância da água que estava sendo vendida para nós e a que estava sendo vendida para o uso interno das pessoas que vivem lá. Foi detectado que havia problemas com os medidores e com os filtros. Então, foi necessário fazer a limpeza dos filtros um por um para corrigir isto.

Assim, as pessoas prestam contas, falam com o contador. As taxas de condomínio da área vão para essa associação, que tem um fundo de caixa que eles vão gerindo. Quando há uma sobra de caixa, eles contribuem com a escola ou com outras coisas.

Assim, a manutenção de área é uma tarefa que não corresponde à diretoria do CEBB. Eu não preciso mais me envolver com isso. Houve um tempo em que me envolvia diretamente, mas hoje eu passo ao largo, bem feliz de não precisar me envolver com essas coisas. Com um grupo desses, nós conseguimos ter uma política de longo prazo, segundo uma certa maturidade. Até mesmo porque as coordenações são flutuantes; assim, é possível haver uma continuidade.

#### **4.2. O exemplo da mandala da saúde**

Agora estou aspirando fazer uma mandala associada à saúde no Caminho do Meio, assim como aqui em Canelinha. Em dezembro de 2011, fizemos um evento muito bom na área de saúde, foi muito concorrido, muitas pessoas diferentes participaram. Aspirávamos que, na sequência, se constituísse um local onde diferentes terapeutas pudessem trabalhar e ajudar as pessoas da região e as nossas também, mas não funcionou. Não demos sequência. Era preciso gerar os recursos, construir prédios, mas faltou focalizador. Estamos retomando esta ideia.

Então, como é que eu fiz? Vou tomar o exemplo prático da mandala da saúde para a gente poder entender como as coisas são feitas. Eu mesmo comecei a olhar para isto no papel de focalizador, que é dar a partida. Olhei assim: faz sentido a gente ter alguma coisa ligada à saúde? Por uma série de razões faz sentido e cada CEBB deveria ter alguma coisa desse tipo.

O primeiro foco, para mim, é observar que, quando estou andando por diferentes partes do país, encontro pessoas com doenças que vêm me dizer coisas do tipo: “Lama, estou com um problema de saúde, estou com um câncer, estou com um tumor, com uma fragilidade não sei bem do quê... como é que eu resolvo isso?” A pessoa imagina corretamente que existem fatores sutis que estão afetando a sua saúde e entende que precisa ser socorrida.

Vejo que a pessoa não está com um único problema de saúde, mas com uma série de problemas de saúde que estão eclodindo na forma de um sintoma principal. Ela está comendo mal, se exercitando mal, está com uma vida tensa, está brigando com todo mundo, já tem deficiências de algumas coisas, tem uma série de problemas. Eventualmente, essa pessoa vai fazer um tratamento agressivo para aquele sintoma, sem lidar com o quadro todo, e não vai curar aquilo que é o pano de fundo do problema. Então, me brota compaixão. Fico com a aspiração de que Canelinha se torne um local para receber essa pessoa uma semana, um mês, para que possa se desintoxicar, fazer exercício, acalmar a mente.

É uma porta de entrada. A pessoa foi atropelada pelo samsara e o sintoma principal eclodiu no campo da saúde; não foi propriamente no campo das relações nem no campo econômico. Se a gente acolhe, as pessoas se beneficiam: vão melhorando, se pacificam, se tornam mais conscientes e vão mudando. Essas pessoas terminam por encontrar o darma.

Tenho visto pessoas com perturbações psíquicas variadas, depressivas, com síndrome de pânico, crises psicóticas. Há coisas aparentemente leves, moderadas, mas que são desse mesmo nível: pessoas que brigam com todo mundo no local do trabalho, não se dão bem com os filhos, se relacionam mal em todos os níveis, começam a acusar os outros, falam mal de todos: “meu marido é horrível”, “minha mulher é horrível”, “meus vizinhos são horríveis”. Ela

poderia dizer: “estou me relacionando mal, estou passando por uma fase ruim”. Mas ela não vê assim, ela acusa os outros: “meu chefe é horrível, não consigo trabalhar direito”, “as pessoas olham para mim sempre criticando”.

A pessoa está presa numa armadilha e não sabe como fazer para sair. Ela tem uma sensação de que aquilo está acontecendo de fato, de que existe todo um entorno negativo ao redor. É desse modo que ela avalia o mundo que a cerca. Podemos dizer: “observe como você está olhando para os outros”, mas não adianta. A pessoa responde: “não, ele está realmente fazendo isso pra mim”.

A gente precisa ajudar essas pessoas. Eu acho que os CEBBs rurais têm essa vocação natural. As pessoas buscam os CEBBs rurais como cachorros feridos procurando um lugar para ficar. Querem ser protegidas, descansar, se alimentar, se aliviar. Os CEBBs rurais são locais em que essas pessoas podem ser acolhidas.

Há muitos outros exemplos de pessoas que têm perturbações ou que estão saindo de drogadição e que aspiram chegar nestes lugares e receber acolhimento. Nós precisamos acolher as pessoas. Não deveríamos pensar: esta pessoa está doente. Deveríamos pensar: “esta pessoa foi atropelada pelo samsara”. O samsara é um grande fator de adoecimento. Por isso, esta área de saúde é super importante.

Então, eu raciocinei isso e pensei que é uma boa coisa poder acolher e ajudar essas pessoas. Agora que a escola está andando melhor, podemos focar nisto também.

E como se começa? Não é com um projeto da clínica. Começa pelo pensamento do acolhimento. Pois se a clínica surgir, vem pelo funcionamento do acolhimento e não pela ideia da clínica. Assim, o processo de acolhimento inicia com um tutor do darma para falar com a pessoa, pois ela não pode chegar de uma forma caótica. Ao chegar, precisa encontrar uma pessoa que tenha uma visão do darma; precisa encontrar um médico que faça contato com o seu próprio médico e com sua família; vai precisar de um alopata que faça a leitura daquilo através da visão tradicional da medicina.

O tratamento começa com as práticas de remoção de obstáculos e melhoria das relações. Os tutores já sabem qual é esse processo: vamos trabalhar essencialmente com os quadros dos 240 itens e dos 200 itens.

O foco inicial é aliviar a situação médica da pessoa. Nós vamos precisar de alguém que faça o diagnóstico da íris, de um naturopata que possa prescrever uma alimentação específica, de um educador físico. A pessoa que chega vai precisar de uma atividade física para recompor músculo, articulação, precisa de exercício aeróbico. Na sequência, a partir da naturopatia ou das várias abordagens específicas com relação a alimento, de acordo com a disposição da própria pessoa, ela poderá seguir por várias opções: alimentação viva, macrobiótica, etc. Precisamos dessas várias opções.

O papel do tutor é olhar para as pessoas, ver os obstáculos e ver os méritos. Ele vai ajudar a treinar os méritos, fazê-los se expandirem e reduzir os obstáculos. No final de um período de 2 semanas, quando a pessoa está num ambiente mais tranquilo, ouvindo os ensinamentos, participando de um grupo de estudos, está caminhando, fazendo exercício, ela deve ter melhorado bastante. Então os sintomas - aquilo que está mais agudo - vão aparecer. São esses os sintomas que vamos tratar, pois removemos os fatores de adoecimento mais intenso.

Então, pensando nessa aspiração, como vou fazer isso acontecer? Qual é o raciocínio? Chamei a coordenação do CEBB local, fizemos uma reunião e perguntei a eles: “O que vocês acham? Eu acho que é uma boa coisa. Como é que a gente faz isto acontecer?”

Por que vou perguntar para eles? Porque eu tenho uma visão. Não vou chegar nas pessoas e dizer: “Olha, decidi fazer uma clínica, vocês limpem isso, pintem aquilo, vamos botar uma placa e vamos divulgar”. Não vou fazer isso porque não vai funcionar. Exponho as ideias na reunião e eles dizem o que acham, dão opiniões, propõem mudanças. Quando as pessoas dão opiniões, quando propõem mudanças, já estão dentro da mandala. Trata-se de um processo sutil: as pessoas começam a pensar sobre aquilo e a raciocinar. É diferente de dizer: “preciso de soldados para executar a minha ideia”. Dessa forma não é uma mandala, pois há uma estrutura repressiva.

Na mandala, eu escolho as pessoas com quem vou conversar e convido para raciocinar juntos. É um processo sutil. Se elas não manifestarem o lung, a mandala não os inclui, porque a mandala pressupõe o lung.

Então, temos um núcleo de pessoas que está entendendo e achando que vale a pena. A etapa seguinte é a escolha de um coordenador, um focalizador dessa mandala. Eu não sou focalizador da mandala do aspecto de saúde; sou focalizador dos vários CEBBs, sou aquele que estimula o surgimento daquilo. Por exemplo, estimulei e dei a partida na escola, mas agora que a mandala da escola está robusta, estou saindo, estou me liberando para fazer outras coisas.

Outros também poderiam fazer o mesmo com relação à mandala de saúde, eu teria apoiado, mas não aconteceu e não demos sequência. Então, estou ajudando. Estou envergonhado, pois fizemos um grande evento e não demos sequência. Estamos preparando um evento grande para novembro.

Como é que vamos fazer o evento? Estou ajudando a pensar sobre isto. Esse não é um evento propriamente, é algo que nos ajude a estabelecer este nível.

Precisaremos convidar pessoas que são boas nas várias áreas em que vamos atuar. Essas pessoas vão nos ajudar a raciocinar, mesmo que não sigam depois. A ideia do evento é reunir as pessoas e gerar informação. Precisamos de informação para manter aquilo funcionando bem. Então já temos um eixo para a criação do evento que está associado ao próprio funcionamento posterior do centro.

Com relação à mandala da saúde, agora estamos nesta etapa: faremos uma reunião grande com todas as pessoas que poderão ajudar, com as várias pessoas de quem lembramos. Vamos perguntar a elas: vocês acham que isto está bem? Será que esta casa vai funcionar? Vou dando “palpites furados” que posso facilmente abandonar. Sem apego. Acho que precisamos de um tipo de academia, esteira, pilates, atividade física. Precisamos de um psiquiatra, de um alopata, tutores, meditações, os vários processos para integrar tudo...

O raciocínio é esse: vamos falar com as pessoas. Se o olho brilhar e surgir a motivação de atuar nisso, se tiverem interesse de participar, disposição, então a mandala está formada. A mandala funciona pelo sonho coletivo, pelo nascimento de cada um dentro daquela operação, pela continuidade daquele diálogo.

Naturalmente já prevemos dentro desta mandala a necessidade de gestão econômica; tem de fazer um fluxograma, tem que pagar as contas e fazer aquilo funcionar. Como é que vai haver

o fluxo econômico para sustentar as pessoas que estão morando ali? Vai haver porque estamos nos abrindo e oferecendo benefício para as pessoas: são méritos.

A mandala se sustenta por um sonho, pelo benefício que traz, por um fluxo econômico, pelo processo administrativo e um lung que vai tocar cada um, mas sem uma estrutura repressiva. Então uma mandala é isso.

#### **4.3. Continuidade das mandalas**

Surge uma questão: parece que talvez as mandalas sejam mais fáceis de abrir do que de sustentar. Parece que não se consegue manter o lung; às vezes nem o focalizador tem o lung de sustentar a mandala. Começa a haver um esvaziamento da mandala.

Quando isso acontece, a gente pode entender que a mandala não tem mérito. Se não aparece lung é melhor parar. Por outro lado, pode estar faltando habilidade, porque o papel principal do focalizador é conversar com as pessoas e ouvi-las sobre as várias coisas. O focalizador não deve determinar o que as pessoas têm de fazer. Quando a mandala começa a virar um processo em que as pessoas se juntam para ouvir o que precisa ser feito, a energia vai baixar.

As reuniões de mandalas devem ser primeiro costuradas. Começamos expondo: “estou pensando em tais objetivos; tive essas ideias; o que vocês acham?” Então somos parceiros da geração das ideias, das soluções. De modo geral, quando as pessoas são parceiras, elas estão dentro de fato. Aparece o lung e a pessoa se sente beneficiada. Mas quando a pessoa tem tarefas para fazer, ela desanima. Vocês podem observar que quando vão a um lugar e ninguém pede a opinião de vocês, só dizem que precisam que vocês façam isso ou aquilo, a energia baixa.

Além disso, quando se recebe ordens de outros também estamos sobrecarregando a pessoa que está dando ordens. Ela tem a sensação de estar sozinha, de ser obrigada a pensar em tudo. A sensação de sobrecarga vem acoplada com a ideia de que ela precisa de soldados. A mandala é uma forma coletiva de pensar que alivia essa sensação. A gente precisa de aliados, a gente tem de conversar com as pessoas. Apesar de levar tempo, vale a pena.

A ideia é fazer parcerias, provocar o surgimento do lung. Em vez de dar ordens aos outros, vamos pensar coletivamente. Quando há uma reunião, muitas vezes já conversei com cada um e estamos de acordo. Mas seguimos fazendo perguntas para que a riqueza do outro possa aparecer, principalmente se vier com lung. A gente não pergunta por perguntar, pergunta *mesmo*. O que o outro disser, é uma riqueza. Nós precisamos dessas ideias.

#### **4.4. Vocações dos CEBBs rurais**

Vejo que os nossos CEBBs podem gerar um funcionamento maravilhoso, criando escolas, áreas de saúde, beneficiando quem vai morar lá. Para prosperar como uma comunidade, devemos no mínimo dominar o processo de alimentação, saúde e educação. Então, temos um sonho coletivo que é prosperar como uma comunidade que vai andando. O melhor é não depender dos processos de saúde caótico, com visões problemáticas. A maior crítica ao processo de saúde vigente é que não empodera a pessoa na transformação da sua própria vida. Não diagnostica os problemas da vida associados ao problema de saúde. O médico não diz: “mude



a sua vida, mude tais coisas”. Não tem nem tempo para tratar disso; ele vai trabalhar no sintoma.

A realidade é que esses profissionais fizeram o curso de medicina, mas não fizeram alguma coisa para curar a si mesmos, para se equilibrarem. Sem essa preparação, vão trabalhar num lugar super demandante e lidar com o sofrimento dos outros sem ter uma compreensão do aspecto da saúde mesmo. Tratam a doença, mas desconhecem outros aspectos, como a recuperação da saúde e a remoção dos fatores de adoecimento. Acredito que a política está diretamente ligada às questões de saúde. O modo pelo qual vivemos no mundo é regido pelo processo das relações, dos sonhos, de como é que a gente vive. Assim, a maneira pela qual a cidade está estruturada pode ser fator de adoecimento.

Em nossa comunidade a transformação interna faz parte do processo diretamente. A nossa educação e a nossa medicina são diferentes. Nossa arquitetura também é diferente, estamos construindo desse jeito agora, mas podemos construir de modo diferente depois. Nós estamos dispostos a mudar. Somos uma comunidade disposta a mudar.

#### **4.5. O exemplo da mandala de eventos**

Eu começaria deste ponto: na década de 70, organizei muitos eventos através da universidade, da Assembleia Legislativa, organizei a vinda de Sua Santidade o Dalai Lama a Porto Alegre e a Curitiba. De que modo conseguimos organizar coisas super complexas como, por exemplo, a Exposição das Relíquias dos Budas, com muitas despesas e sem recorrer ao faturamento da lojinha nem à coleta de doações nem à cobrança de ingressos? Como cobrimos os gastos? Não foi fácil, mas conseguimos. Sempre pelo processo de mandala: olhar as coisas, planejar e fazer funcionar.

Na década de 70, também organizei eventos grandes, por exemplo, relacionados à energia nuclear. A gente raciocina, sonha, amplia o círculo, obtém ajuda de vários lados e daqui a pouco as coisas começam a funcionar. Fazemos um grande evento de oposição e convidamos representantes do governo. Eles não deixam de vir porque o evento é grande. Então, podemos dizer as coisas e eles são obrigados a ouvir. Mas depois a gente sai dali e vai jantar juntos, continua conversando. Temos ideias opostas, mas mantemos boas relações, somos amigos, somos seres humanos.

A mandala de eventos é super importante. **No nosso caso, significa mais do que organizar um acontecimento: estamos testando a nossa criatividade, a nossa energia constante, a nossa motivação, a pureza da nossa aspiração.**

Os eventos são fundamentais para o CEBB. Vejam, o CEBB não tem mensalidade, não tem ficha de inscrição, não sabemos o nome das pessoas nem de onde vêm, é uma escola aberta. As pessoas vêm, ouvem os ensinamentos, fazem práticas e vão embora. Por si só os eventos representam os pulmões de funcionamento do CEBB, pois é nesse momento que mais pessoas se aproximam. Talvez no cotidiano nem viessem, mas nos eventos elas vêm.

Estrategicamente, vou privilegiar os CEBBs rurais, que são regionais. Eles são muito importantes porque têm um sonho, não estão tratando as coisas cognitivamente. As pessoas que vão àquele local têm o benefício do próprio local. Começam a sonhar com aquilo e

começam a achar que suas vidas podem mudar. Surge um lugar de que o mundo pode ser construído de modo diferente.

#### **4.6. CEBBs rurais X CEBBs urbanos**

Na minha avaliação, o samsara está se desorganizando, por isso precisamos criar núcleos de organização do samsara. Ainda não sabemos bem como esses núcleos poderão ser importantes para ajudar a acolher as pessoas. Isso é muito importante em crise de emprego, de alimentos, em todo o tipo de crises. Num CEBB rural, temos uma coletividade que pode se juntar e trabalhar junto e resolver os problemas juntos. No mínimo, a gente tem onde cair morto. Funciona como casa de mãe: tudo quebrado, mas a gente come, dorme, tem alojamento, as casas dos amigos, a gente está ali. Gera uma operação e vai andando.

Seria muito frágil gerar todo esse movimento só com as cidades. Na medida em que a cidade gera problemas, vai desaparecer o dharma, pois os praticantes desaparecem na medida em que precisam lidar com as aflições de suas próprias vidas. As pessoas se unem na sala de prática, mas não têm o que fazer a não ser meditar. Aquilo não sustenta a vida da pessoa. Já as áreas rurais são super preciosas.

Estou privilegiando os funcionamentos das áreas rurais e também os tutores, pois precisamos de gente experiente que possa passar o dharma, ouvir os outros, acolher, facilitar. Estou estimulando os retiros. Em cada CEBB precisamos de área de retiro, área de alimentação, área de saúde, de educação. Precisamos de água própria, alimento, saber como curar as pessoas, alimentar as pessoas de forma simples mas valiosa, precisamos conhecer as plantas, ter intimidade com as plantas, gostar das plantas.

Os tutores são muito importantes. É importante que os tutores tenham uma mobilidade, que andem pelos vários CEBBs para que esses espaços não fiquem abandonados, para que desenvolvam especialidades.

Agora, por exemplo, a gente precisa trabalhar os esgotos. Já temos uma solução local que podemos generalizar e oferecer para outros CEBBs. Nas obras daqui já fomos beneficiados. Recebemos um empréstimo de R\$ 3.500,00 de Alto Paraíso. Assim, se há recursos em uma região que não estão sendo usados, podem ser deslocados para outra área; depois, retornam. Por outro lado, é crucial que os vários CEBBs tenham CNPJ local, estatuto local, administração local, porque são células. Se temos uma organização muito grande e dependente de uma única diretoria, perdemos a capilaridade local. Além do mais, se houver uma fragmentação dos CEBBs, cada um pode seguir como uma planta em que cada folha se enraíza em si mesmo e segue. Mas o melhor seria termos tudo separado e ao mesmo tempo unido.

Seria bom ter no site do CEBB uma infoteca: esgoto, construção, etc, vários links sobre diversos assuntos. Se cada CEBB fizer relatórios mensais, semestrais e anuais, tipo um álbum com fotos, das atividades que foram feitas, será possível perceber que se alcançou muita coisa, que muita coisa foi realizada durante o ano. Em Viamão estamos perdendo a memória. Se conseguirem fazer isso aqui, será muito rico. É a história do budismo que está se constituindo. A Revista Bodisatva é muito importante, pois apresenta registros da chegada de ensinamentos de vários mestres que já morreram, da vinda de Sua Santidade o Dalai Lama. É a história do budismo, apesar de não estar completa.

Estamos cheios de coisas boas para fazer. Diferentes pessoas podem trabalhar em diferentes coisas e as mandalas vão se abrindo. Mas se nós começarmos a pensar que precisamos de braços para fazer aquilo, as mandalas vão perder a força.

Nem sempre tudo funciona bem. As mandalas podem ficar feridas pela dificuldade de coordenação. As mandalas da cozinha no Caminho do Meio, por exemplo, têm problemas, estão sempre tropeçando. Às vezes as pessoas estão intrigadas, não estão dialogando bem entre si e a comunicação não flui. Começam a surgir problemas, obstáculos internos que afetam a mandala. Para fluir, a mandala precisa ouvir as pessoas.

Tem uma forma de **diálogo apreciativo** que é muito importante. Como num evento deste, por exemplo: a gente faz uma reunião agora e vê quem quer participar da mandala dos eventos. Então, sentamos em grupos e cada um vai dizer o que viu funcionando bem e vai dando ideias para fazer aquilo funcionar ainda melhor. No próximo evento, a pessoa que deu palpite vai se engajar de algum jeito. Aparece o lung porque se olhou as coisas favoráveis. Nasce uma chama e todo mundo se alegra.

#### 4.7. Resumo em tópicos

*Resumo em tópicos (feito por Fábio Rodrigues para estudo entre a mandala gestora no CEBB Joinville) da transcrição da fala do Lama Padma Samten na reunião sobre mandalas em Florianópolis, em 8 de junho 2013.*

##### **A operação das mandalas**

*“Quando nos construímos, construímos a realidade ao redor, e quando construímos a realidade, construímos a nós mesmos. Aos construirmos as mandalas, mundos favoráveis, terras puras e manifestações de sabedoria, nossa ação positiva se torna natural, livre, desobstruída, compassiva e amorosa, livre de artificialidades. Não basta saber que isso é possível, o desafio é desenvolver essa compreensão, manter essa visão e viver dessa forma, ou seja, entramos na mandala.”*

*“A operação das mandalas é um processo aberto em que é possível receber ajuda das várias pessoas na medida do interesse delas, sem aprisionar ninguém dentro de abordagens específicas.*

*Não é um processo de compromisso, mas um processo por dentro do qual a gente consegue fluir, em que é possível acolher diferentes graus de conexão das pessoas. Não é preciso que os envolvidos tenham um grau fixo de conexão; eles podem exercer um grau de conexão variável.*

*Trata-se de um processo de organização do trabalho não autoritário. Pois é possível haver uma oscilação entre dois extremos: de um lado, um processo totalmente livre que se torna caótico e, de outro, um processo organizado que se torna autoritário. A questão é, como preservar a alegria, a felicidade, a iniciativa das pessoas, manter a abertura de pensamento sobre as coisas sem que seja caótico nem tenha um jugo autoritário?*

*Esse é um ponto delicado. Trato desse tema de uma forma mais extensa no livro Mandala do Lótus (2006). Como chegar numa comunidade totalmente desorganizada e conseguir se organizar, através de uma auto organização, sem utilizar o processo repressivo nem*

*estabelecer o processo caótico? É o tema geral da questão das mandalas. Vou explicar aplicando à situação prática do CEBB.”*

—Lama Padma Samten

## **Como construir a mandala**

### **1. Acolhimento e escuta**

- E como se começa? Não é com um projeto da clínica. Começa pelo pensamento do acolhimento. Pois se a clínica surgir, vem pelo funcionamento do acolhimento e não pela ideia da clínica. Assim, o processo de acolhimento se inicia com um tutor do darma para falar com a pessoa, pois ela não pode chegar de forma caótica. Ao chegar, precisa encontrar uma pessoa que tenha uma visão do darma.
- Também define o nível de audição que a gente tem das coisas. De acordo com nossa disposição cármica de lung, a gente ouve as coisas segundo um viés. Interpreta aquilo de um certo modo e faz de maneira que não considera os detalhes. Os trabalhos práticos são uma forma muito hábil de trabalhar com nossa mente. As mandalas não são simplesmente o lugar onde vamos fazer as coisas. São o lugar onde treinamos nossa mente, nossa energia, nosso foco, nossas relações.
- O papel do tutor ou facilitador é olhar para as pessoas, ver os obstáculos e ver os méritos. Ele vai ajudar a treinar os méritos, fazê-los se expandirem e reduzir os obstáculos.
- A manutenção da área do Caminho do Meio é um bom exemplo de uma mandala: as pessoas que estão trabalhando ali dentro têm um dom específico para executar certas coisas. A mandala deveria funcionar assim. Cria-se um grupo com pessoas que gostam de obra, de planejamento, de plantar árvore, de administrar as contas de água e de luz, cuidar da iluminação da área, abrir vala, tapar buraco, etc.
- Então, pensando nessa aspiração, como vou fazer isso acontecer? Qual é o raciocínio? Chamei a coordenação do CEBB local, fizemos uma reunião e perguntei a eles: “O que vocês acham? Eu acho que é uma boa coisa. Como é que a gente faz isso acontecer?”
- Por que vou perguntar para eles? Porque eu tenho uma visão. Não vou chegar nas pessoas e dizer: “Olha, decidi fazer uma clínica, vocês limpem isso, pintem aquilo, vamos botar uma placa e vamos divulgar”. Não vou fazer isso porque não vai funcionar. Exponho as ideias na reunião e eles dizem o que acham, dão opiniões, propõem mudanças. Quando as pessoas dão opiniões, quando propõem mudanças, já estão dentro da mandala. Trata-se de um processo sutil: as pessoas começam a pensar sobre aquilo e a raciocinar. É diferente de dizer: “preciso de soldados para executar a minha ideia”. Dessa forma não é uma mandala, pois há uma estrutura repressiva.
- Na mandala, eu escolho as pessoas com quem vou conversar e convido para raciocinar juntos. É um processo sutil. Se elas não manifestarem o lung, a mandala não os inclui, porque a mandala pressupõe o lung.

- Então, temos um núcleo de pessoas que está entendendo e achando que vale a pena. A etapa seguinte é a escolha de um coordenador, um focalizador dessa mandala. Eu não sou focalizador da mandala do aspecto de saúde; sou focalizador dos vários CEBBs, sou aquele que estimula o surgimento daquilo. Por exemplo, estimulei e dei a partida na escola, mas agora que a mandala da escola está robusta, estou saindo, estou me liberando para fazer outras coisas.
- Outros também poderiam fazer o mesmo com relação à mandala de saúde, eu teria apoiado, mas não aconteceu e não demos sequência. Então estou ajudando. Estou envergonhado, pois fizemos um grande evento e não demos sequência. Estamos preparando um evento grande para novembro. Como é que vamos fazer o evento? Estou ajudando a pensar sobre isso. Esse não é um evento propriamente, é algo que nos ajuda a estabelecer esse nível.
- Precisaremos convidar pessoas que são boas nas várias áreas em que vamos atuar. Essas pessoas nos ajudarão a raciocinar, mesmo que não sigam depois. A ideia do evento é reunir as pessoas e gerar informação. Precisamos de informação para manter aquilo funcionando bem. Então, já temos um eixo para a criação do evento que está associado ao próprio funcionamento posterior do centro.
- raciocínio é esse: vamos falar com as pessoas. Se o olho brilhar e surgir a motivação de atuar nisso, se tiverem interesse de participar, disposição, então a mandala está formada. **A mandala funciona pelo sonho coletivo, pelo nascimento de cada um dentro daquela operação e pela continuidade daquele diálogo.**

## 2. Focalizador

- As mandalas surgem para organizar este movimento coletivo. Lá no Rodeio Bonito, por exemplo, nós introduzimos o coordenador, um focalizador. Ninguém faz nada naquela área sem falar antes com o focalizador. Não se trata de ter uma autoridade repressora, mas, quando alguém vai entrar numa área, é bom que pergunte o que já andava sendo feito ali, de tal maneira que o movimento de todos seja harmônico. Surge este conceito de mandalas e de um focalizador; se não tiver um focalizador, provavelmente não vai funcionar.
- O papel principal do focalizador é conversar com as pessoas e ouvi-las sobre as várias coisas. O focalizador não deve determinar o que as pessoas têm de fazer. Quando a mandala começa a virar um processo em que as pessoas se juntam para ouvir o que precisa ser feito, a energia vai baixar.
- Agora estou aspirando fazer uma mandala associada à saúde no Caminho do Meio, assim como aqui em Canelinha. Em dezembro de 2011, fizemos um evento muito bom na área de saúde, foi muito concorrido, muitas pessoas diferentes participaram. Aspirávamos que, na sequência, se constituísse um local onde diferentes terapeutas pudessem trabalhar e ajudar as pessoas da região e as nossas também, mas não funcionou. Não demos sequência. Era preciso gerar os recursos, construir prédios, mas faltou focalizador. Estamos retomando essa ideia.

Então como é que eu fiz? Vou tomar o exemplo prático da mandala da saúde para a gente poder entender como as coisas são feitas. Eu mesmo comecei a olhar para isso no papel de focalizador, que é dar a partida. Olhei: faz sentido a gente ter alguma coisa

ligada à saúde? Por uma série de razões faz sentido e cada CEBB deveria ter alguma coisa desse tipo.

O primeiro foco, para mim, é observar que, quando estou andando por diferentes partes do país, encontro pessoas com doenças que vêm me dizer coisas do tipo: “Lama, estou com um problema de saúde, estou com um câncer, estou com um tumor, com uma fragilidade não sei bem do quê... como é que eu resolvo isso?” A pessoa imagina corretamente que existem fatores sutis que estão afetando a sua saúde e entende que precisa ser socorrida.

### **3. Boas relações**

- Quando as relações não andam bem ou não existe foco, é porque estamos sob o domínio de estruturas de carma que estão aflorando.
- Quando surge a desarmonia, não deveríamos eliminar, é uma coisa que deve ser aproveitada. Ou seja, o surgimento da desarmonia indica certas estruturas que precisamos reconhecer, entender e trabalhar. Isso significa tomar a mente como caminho, ou a realidade como nosso caminho. É super importante a gente poder aproveitar as coisas boas e ruins quando surgem.
- Na década de 70, também organizei eventos grandes, por exemplo, com relação à energia nuclear. A gente raciocina, sonha, amplia o círculo, obtém ajuda de vários lados e dali a pouco as coisas começam a funcionar. Fazemos um grande evento de oposição e convidamos representantes do governo. Eles não deixam de vir porque o evento é grande. Então podemos dizer as coisas e eles são obrigados a ouvir. Mas depois a gente sai dali e vai jantar juntos, continua conversando. Temos ideias opostas, mas mantemos boas relações, somos amigos, somos seres humanos.

### **4. Continuidade e lung**

- As reuniões de mandalas devem ser primeiro costuradas. Começamos expondo: “estou pensando em tais objetivos; tive essas ideias; o que vocês acham?” Então somos parceiros da geração das ideias, das soluções. De modo geral, quando as pessoas são parceiras, elas estão dentro de fato. Aparece o lung e a pessoa se sente beneficiada. Mas quando a pessoa tem tarefas para fazer, ela desanima. Vocês podem observar que quando vão a um lugar e ninguém pede a opinião de vocês, só dizem que precisam que vocês façam isso ou aquilo, a energia baixa.

Além disso, quando se recebe ordens de outros também estamos sobrecarregando a pessoa que está dando ordens. Ela tem a sensação de estar sozinha, de ser obrigada a pensar em tudo. A sensação de sobrecarga vem acoplada com a ideia de que ela precisa de soldados. A mandala é uma forma coletiva de pensar que alivia essa sensação. A gente precisa de aliados, a gente tem de conversar com as pessoas. Apesar de levar tempo, vale a pena.

A ideia é fazer parcerias, provocar o surgimento do lung. Em vez de dar ordens aos outros, vamos pensar coletivamente. Quando há uma reunião, muitas vezes já conversei com cada um e estamos de acordo. Mas seguimos fazendo perguntas para que a riqueza do outro possa aparecer, principalmente se vier com lung. A gente não pergunta por perguntar, pergunta mesmo. O que o outro disser é uma riqueza. Nós precisamos dessas ideias.

- Surge uma questão: parece que talvez as mandalas sejam mais fáceis de abrir do que sustentar. Parece que não se consegue manter o lung; às vezes nem o focalizador tem o lung de sustentar a mandala. Começa a haver um esvaziamento da mandala.

Quando isso acontece, a gente pode entender que a mandala não tem mérito. Se não aparece lung é melhor parar. Por outro lado, pode estar faltando habilidade, porque o papel principal do focalizador é conversar com as pessoas e ouvi-las sobre as várias coisas. O focalizador não deve determinar o que as pessoas têm de fazer. Quando a mandala começa a virar um processo em que as pessoas se juntam para ouvir o que precisa ser feito, a energia vai baixar.

- Como gerir e fazer funcionar uma mandala? Por que às vezes a mandala está andando e depois vai perdendo a força? Como é manter tudo fluindo? Quero explicar para vocês como é que se faz: é necessário o nosso lung e também o lung das pessoas. O lung é um processo sutil. Por exemplo, é possível entender que uma coisa deve e precisa ser feita, mas não haver o lung correspondente. Posso explicar para uma pessoa, ela entender, mas não ter o lung de fazer e também é possível ter o lung de fazer de outro jeito e não como foi combinado.
- Estamos cheios de coisas boas para fazer. Diferentes pessoas podem trabalhar em diferentes coisas e as mandalas vão se abrindo. Mas se nós começarmos a pensar que precisamos de braços para fazer aquilo, as mandalas vão perder a força.

Nem sempre tudo funciona bem. As mandalas podem ficar feridas pela dificuldade de coordenação. As mandalas da cozinha no Caminho do Meio, por exemplo, têm problemas, estão sempre tropeçando. Às vezes as pessoas estão intrigadas, não estão dialogando bem entre si e a comunicação não flui. Começam a surgir problemas, obstáculos internos que afetam a mandala. Para fluir, a mandala precisa ouvir as pessoas.

Como num evento deste, por exemplo: a gente faz uma reunião agora e vê quem quer participar na mandala dos eventos. Então sentamos em grupos e cada um vai dizer o que viu funcionando bem e vai dando ideias para fazer aquilo funcionar ainda melhor. No próximo evento, a pessoa que deu palpite vai se engajar de algum jeito. Aparece o lung porque se olhou as coisas favoráveis. Nasce uma chama, todo mundo se alegra.

## 5. Fluxo econômico

- Naturalmente já prevemos dentro desta mandala a necessidade de gestão econômica — tem de fazer um fluxograma, tem que pagar as contas e fazer aquilo funcionar. Como é que vai haver o fluxo econômico para sustentar as pessoas que estão morando ali? Vai haver porque estamos nos abrindo e oferecendo benefício para as pessoas: são méritos.
- A mandala se sustenta por um sonho, pelo benefício que traz, por um fluxo econômico, pelo processo administrativo e um *lung* que vai tocar cada um, mas sem uma estrutura repressiva.
- *Mais sobre a relação entre mérito e fluxo econômico nas textos no site do CEBB: “A moeda é mérito” e “Viver por mérito”.*

## 6. Sonho positivo

*“Nós não estamos condenados a viver no mundo que nós herdamos. O mundo é algo que não está pronto. O mundo nós construímos com nossos olhares, com nossos conceitos.”*

*“Há muitos seres que não têm sonhos, não têm nascimento, não têm uma visão mais elevada que norteie suas ações. Se dissermos para um desses seres: ‘Pare e olhe para dentro de você, e veja o que verdadeiramente quer, quais são seus sonhos?’, a pessoa talvez descubra que nunca acreditou que pudesse sonhar. Não há uma operação mental a esse nível.*

*Há pessoas que simplesmente não sonham. É necessário que tenhamos capacidade de ajudar as pessoas nesse nível, para que elas tenham uma visão positiva, uma visão interna. Que elas se vejam e nasçam de forma mais positiva. E que, a partir disso, consigam avançar passo a passo.*

*Para algumas pessoas, poderíamos, por exemplo, dizer: ‘Você poderia aprender a ler’. Sempre há um ponto onde a pessoa começará a brilhar. Quando ela brilha, surge uma visão mais elevada de si mesma. No momento em que essa visão de si mesma acontece, uma sequência se descortina, ela descobre a fórmula mágica de sonhar e dar nascimento. As outras visões virão por si mesmas, e a pessoa seguirá em frente.*

*O acolhimento é o primeiro ponto, aceitar a pessoa do jeito que ela está. Ela precisa ser acolhida do jeito que vier. A partir daí, com o tempo, outros elementos são adicionados. Se não permitimos que as pessoas conectem-se como lhes for possível, com as características que tiverem, com os interesses que manifestarem, não vai funcionar.*

*O nascimento individual que vamos ajudar a pessoa a ter não é uma etapa simples. Trata-se de uma etapa que inclui a autoaceitação. Ela precisa aceitar-se com suas limitações — ao menos as limitações visíveis naquele momento. Isso não é fácil.*

*É importante reconhecer que, mesmo quando uma pessoa gera seu próprio nascimento, este nunca é individual. Ao falar de si mesma, ela está, de fato, citando processos de relação com os outros e com o mundo. Por isso, quando a pessoa tem o autonascimento, é essencial que o grupo aceite o renascimento que ela se deu, é crucial que isso seja possível”.*

—Lama Padma Samten

### Mandala de eventos

*“A mandala de eventos é super importante. No nosso caso, significa mais do que organizar um acontecimento: estamos testando a nossa criatividade, a nossa energia constante, a nossa motivação, a pureza da nossa aspiração.*

*Os eventos são fundamentais para o CEBB. Vejam, o CEBB não tem mensalidade, não tem ficha de inscrição, não sabemos o nome das pessoas nem de onde vêm, é uma escola aberta. As pessoas vêm, ouvem os ensinamentos, fazem práticas. Por si só os eventos representam os*



*pulmões de funcionamento do CEBB, pois é nesse momento que mais pessoas se aproximam. Talvez no cotidiano nem viessem, mas nos eventos elas vêm."*

*—Lama Padma Samten*

## **Campanhas**

*"Acho melhor conversar um a um. Campanhas gerais não são efetivas. Contatos humanos e pessoais, são muito mais efetivos. Campanhas muito amplas e impessoais enfraquecem o Cebb e a própria idéia geral. O que é real e beneficia os doadores é o vínculo pessoal que se estabelece. Nosso movimento é ampliar a rede de vínculos.*

*Campanha em nome do Cebb só através dos coordenadores e tutores, e com aprovação do Lama. É algo que envolve controle financeiro, prestações de conta e a imagem ampla e pública do Cebb. Tema sensível!*

*Várias pessoas tem se proposto a iniciar campanhas. Isso pode mais adiante afetar a credibilidade. Tenho bloqueado todas as campanhas gerais que passam por mim. Sempre sugiro a campanha pessoal, um a um."*

*—Lama Padma Samten (no Whatsapp orientando sobre as campanhas para ajudar nos gastos com o incêncio em Alto Paraíso em novembro de 2015)*

*Última revisão desse material: setembro de 2017*